



QUALIDADE DE VIDA

PB registra a terceira maior taxa de pessoas centenárias

Alimentação saudável, exercícios físicos e espiritualidade contribuem para a longevidade no estado. **Página 6**

Foto: Carlos Rodrigo



Multas por uso de celular no trânsito crescem 44%

Entre janeiro e julho deste ano, o Detran-PB realizou 1.482 autuações contra condutores; risco de acidente pelo uso do aparelho é maior entre os motociclistas. **Página 5**

Foto: Carlos Rodrigo



Reciclagem gera emprego e renda para catadores

Hábito de separar o lixo por categorias é uma prática que ajuda a garantir o sustento de várias famílias paraibanas.

Página 20

“No mundo, são raros os jornais sustentados apenas pelo leitor. As grandes tiragens salvadoras encolheram ante a concorrência da ‘leitura fácil’, da leitura dos que se informam sem precisar ler”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

“A Folha de S.Paulo encolheu. O jornal passou do formato *standard* para o *berliner*. Em geral, quando um jornal adota esse modelo, tem dois motivos: economia ou inovação. E ambos são válidos”.

Angélica Lúcio

Página 26

Busca por concursos cria oportunidade de novos negócios

Sonho da vaga no serviço público impulsiona o mercado de aluguel de cabine de estudos em João Pessoa.

Página 17

Treze e Itabaiana fazem jogo decisivo, hoje, pela Série D do Brasileiro

Partida será no Amigão, às 16h, e vale acesso à Série C de 2025; Galo precisa de pelo menos dois gols de diferença.

Página 21

Foto: Divulgação/Secom-PB



Caminhos do Frio chega ao destino final em Alagoa Nova

De amanhã até o próximo domingo (8), a cidade será palco de apresentações musicais, feiras de artesanato e gastronomia típica.

Página 8

Correio das Artes

A obra do professor, escritor e artista plástico João Câmara Filho é o tema da matéria que ilustra a capa desta edição do suplemento literário. Com 80 anos de vida, o paraibano radicado em Olinda, Pernambuco, segue atuante como um dos expoentes da arte contemporânea nacional, um trabalho reconhecido e coroado por prêmios. E não quer intimidade com a IA.



SETEMBRO AMARELO

Mês de combate ao suicídio e de valorização à vida

VOCÊ NÃO ESTÁ SÓ!



Editorial

Debates eleitorais

Nas ruas, pessoas entregam santinhos aos transeuntes. Carros de som tocam jingles políticos que grudam na memória. As redes sociais estão inundadas de cards, vídeos e memes a respeito dos candidatos, seus números e suas legendas. O período de campanhas políticas começou.

O Estado democrático de direito garante e regula, por meio de legislações eleitorais, a existência de espaços de propaganda no período que antecede as eleições. Assim como tudo no planeta Terra, sobretudo aquilo que diz respeito aos seres humanos e suas formas de organização coletiva, o direito eleitoral é dinâmico.

Em função desse dinamismo, muita coisa mudou. Formas tradicionais, por muito tempo consolidadas do processo de disputa em torno de votos, se transformaram. Além da propaganda eleitoral obrigatória, houve um tempo em que, ao pensar em campanhas, o que vinha à mente era um palanque com políticos fazendo discursos intercalados por shows com atrações musicais famosas que movimentavam multidões. Desde as eleições do ano de 2006, os showmícios foram proibidos com o objetivo de garantir a equidade nas disputas.

Com o fim dos espetáculos musicais, um dos formatos mais consolidados que ainda permanece como mecanismo de campanha política são os debates promovidos pelas emissoras televisivas. Desde a primeira eleição aberta pós-Ditadura, os debates, guardada uma ou outra exceção, se estabeleceram como espaços por meio dos quais diferentes candidatos para cargos do Executivo, a partir de suas concepções ideológicas e de programa de governo, interagiriam e questionariam uns aos outros, respeitando uma série de regras estipuladas, tanto por quem organiza quanto por uma ética que permeia a relação entre adversários, mas não inimigos.

No entanto, também esse formato está passando por suas turbulências. O que se viu nos debates realizados até o momento foram espaços voltados, sobretudo, para insultos, acusações e ataques pessoais. As discussões são conduzidas para o campo individual, sobretudo por aqueles que não apresentam projetos políticos bem fundamentados para os municípios, com o intuito de esvaziar a conversa de seus aspectos mais importantes para a sociedade. As intenções de cada pleiteante caso eleito, bem como sua segurança em torno da aplicabilidade de seus planos, tem ficado de lado.

A expressão mais evidente desse fenômeno, muito comum das contendas em redes sociais, sobretudo Twitter, cuja limitação de caracteres muitas vezes reduz as possibilidades argumentativas, são os debates em São Paulo, mas podem ser vistos em outros país afora. Inclusive aqueles candidatos que tentam apresentar seus projetos de gestão acabam sendo engolidos pela tendência rasteira.

Em meio a isso, deve-se ter atenção para a “twittização” dos debates, visto que configuram-se como método intencional, cujo objetivo é tirar o foco do que realmente importa e manter as discussões em um lugar superficial. Cabe ao eleitor, por sua vez, questionar-se a quem isso interessa.

Artigo

Rui Leitão
rleitao@hotmail.com

O mito do “milagre econômico”

A partir de 1967, o Governo Militar que se instalou após o Golpe de 64 definiu como objetivos alguns pontos que resultaram no chamado “milagre econômico”: investimentos em setores diversificados, redução do papel do setor público, estímulo a um maior crescimento do setor privado e expansão do comércio exterior. O regime ditatorial, considerando o forte crescimento da economia do país no período, fez propaganda oficial chamando-o de “milagre econômico”. De fato, naquela época, o país cresceu em torno de 10% ao ano, atingindo uma marca recorde de aumento do PIB, alcançando 14%. A inflação, calculada pelo Índice Geral de Preço (IGP), caiu de 25,5% para 15,6%.

Contudo, esse crescimento do PIB não resultou em melhoria dos indicadores sociais. Enquanto o país ficava mais rico, boa parte da população empobrecia. A política salarial foi impactada pelo modelo autoritarista então praticado. A conta do milagre, portanto, não saiu barata. Durante o período da Ditadura (1964-1985), o salário mínimo caiu 50% em valores reais. Houve “recessão” para pelo menos um terço dos trabalhadores e houve estagnação para 40% outros. A desigualdade social se acentuou. Foi criada a correção monetária, que veio a proteger os investimentos da inflação, favorecendo o mercado financeiro. O “pai” do milagre econômico, o Ministro da Fazenda Delfim Netto, entendia que era “preciso fazer o bolo crescer, para depois reparti-lo”. Além da concentração de renda, o país passou a enfrentar problemas com o choque do petróleo, em 1973. O “milagre econômico” findou-se mostrando um “castelo de areia”.

A inflação que antes havia sido controlada explodiu na segunda metade do regime, com o índice anual batendo os 231% em 1985. Por consequência, no Governo Sarney, que herdou essa situação, a inflação chegou a quase 2.000% em 12 meses. O endividamento saiu de 15,7% do PIB quando ocorreu o Golpe, em 1964, para 54% no

fim da Ditadura Militar, em 1985. A dívida externa cresceu 30 vezes, sendo elevada de US\$ 3,4 bilhões, em 1964, para mais de US\$ 100 bilhões quando os ditadores deixaram o poder.

Em 1982, o Brasil quebrou, vivendo a realidade da ressaca do “milagre econômico” e se iniciava a “década perdida”. Para a redemocratização, sobrou, então, uma “herança maldita”. Os economistas Marcelo Medeiros, professor da Princeton University, e Rogério Barbosa, pós-doutorando da Universidade de São Paulo, afirmaram que a melhor forma de classificar o que os ditadores chamavam de “milagre econômico” é descrevê-lo como “fase do crescimento pró-ricos da Ditadura”. A verdade é que as conquistas do que chamaram de “milagre econômico” foram temporárias. Em 1975, a Oposição Metalúrgica de São Paulo, lançou um manifesto onde expressava o sentimento da classe trabalhadora diante desse engodo propagandeado pela Ditadura Militar: “Para nós, operários, milagre é conseguir sobreviver com os baixos salários que recebemos. Para isso, somos obrigados a trabalhar 12 a 13 horas por dia, e muitos trabalham aos domingos, o que significa, na prática, o fim de uma das maiores conquistas da classe operária: a jornada de 8 horas e o descanso semanal”.

“

Enquanto o país ficava mais rico, boa parte da população empobrecia

Rui Leitão

Foto Legenda

Carlos Rodrigo



Diversão no cartão postal

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Luiz Ferreira

Conheci Luiz Ferreira na antiga Assembleia Legislativa, antiga de mais de 60 anos. Eu na desvantagem, Luiz já na frente, integrando o ambicionado quadro de funcionários da casa e me fazendo inveja com seu inglês da “Brasil-Estados Unidos”, além do pleno domínio da taquigrafia, arma indispensável ao jornalismo de então, suprido depois pelo gravador. Os bambas eram ele e Hélio Zenaide, da bancada oficial de taquígrafos.

Mas Ferreira, assim equipado, não entrara ainda em jornal. E curtia esse desejo até que surgiu o Correio diário, superada a fase semanal de experimentação. Iniciou-se sob a liderança de Dulcídio Moreira, o mais técnico dos profissionais de então, mestre da redação e da arquitetura gráfica do jornal.

E por aí viemos, iguais de vocação, afins em buscas literárias, mas por vias ideológicas diferentes. Unidos em Eça de Queiroz, tema permanente de nossas folgas e intervalos de convivência, Luiz cortava caminho ao esquerdismo ideológico em que eu me fundava ou me sentia firme.

Foi dos primeiros a compor o quadro de elite da secretaria Extraordinária ou de Comunicação de anos futuros, culminando a carreira com a instalação da nova **A União**, quando transferida no governo de Sátyro para o Distrito Industrial. Sentiu nos ombros parte do ônus dessa transferência, atravessada na goela de alguns devotos dos meios culturais inconformados com a destruição do edifício simbólico da Praça João Pessoa,

Discreto, mas perseverante, Ferreira concluiu a montagem dos novos equipamentos, do *off-set* da moda, e restituiu ao público, em fase irrespirável da imprensa brasileira, um dos mais valiosos legados do nosso patrimônio cultural. A condição de jornal de governo, literalmente comprometida com o plantão oficial, não ficava muito atrás dos condicionamentos sofridos por qualquer jornal capitalista. No mundo, são raros os jornais sustentados apenas pelo leitor. As grandes tiragens salvadoras encolheram ante a concorrência da “leitura fácil”, da leitura dos que se informam sem precisar ler. Os que veem por cima,

sem ser estimulados à reflexão.

Eram as nossas conversas, que foram escasseando com o despovoamento dos contemporâneos, retraindo-se a um ou outro telefonema.

Muito lido, sempre curtindo as leituras marcantes, foi largando o jornalismo e se apurando na composição da crônica de verdadeiro escritor. Escrevia com tal cuidado, com tal amor pela conotação, pela sugestão, pelo insinuante, que um dia brinquei com ele quando me perguntou se já havia aderido ao computador. “E há alternativa? A velha Remington nem fita tem mais. Fazer o quê?”. E emendei: “Só você continua escrevendo com pena de pato, se muito pena de metal, vivendo as nuances de estilo do velho Eça”. No verbete que lhe dediquei para a antologia de prosa dos “Autores paraibanos”, editada com Neroaldo Pontes na Secretaria de Educação, notei que “seu estilo leve e mesclado de fina ironia carrega forte influência das polidas letras do século XIX, Eça de Queiroz à frente”. Que eu saiba, deixou dois livros prontos que a autocrítica manteve na gaveta. O que não está sendo diferente com Martinho Moreira Franco.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

DESDE 2021

Programa protege defensores de direitos humanos na PB

Iniciativa atende pessoas que sofrem ameaças em função de suas atividades

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

No Brasil, segundo o estudo “Na Linha de Frente: violência contra defensores e defensoras de direitos humanos no Brasil”, produzido pelas organizações Terra de Direitos e Justiça Global, de 2019 a 2022, foram registrados 1.171 casos de violência contra defensores de direitos humanos. Segundo o levantamento, foram nove casos registrados na Paraíba, sendo dois assassinatos. Para buscar reduzir esses números, o Estado possui o Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos (PEPDDH-PB), implantado em setembro de 2021, que já atendeu 32 defensores paraibanos.

O programa funciona sob a coordenação da Secretaria de Desenvolvimento Humano (Sedh), em convênio com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMF-DH-BR), e vem sendo executado em parceria com uma organização da sociedade civil, a Casa Pequeno Davi. A iniciativa oferece proteção às pessoas que sofrem ameaças em função de suas atividades na defesa dos direitos humanos, seja na luta pela terra, direito à cidade, povos indígenas e quilombolas, ativistas LGBT-QIAPNb+, comunicadores sociais, ambientalistas e militantes que atuam em outras frentes de luta, cujos conflitos de interesses possam gerar situação de vulnerabilidade e risco a sua integridade física, psíquica e moral.

Nesses casos, o programa prevê a implementação de medidas protetivas a partir da articulação intersetorial com outras políticas públicas e da rede de apoio organizada pela sociedade civil. Para a execução do programa, desde a criação da política pública em nível nacional, exis-



Natasha Batusich ressalta a importância do programa para quem luta pelos direitos coletivos

tem as parcerias com a sociedade civil, e, na Paraíba, por meio de termo de colaboração com a Casa Pequeno Davi, a equipe técnica é composta por: coordenação geral, coordenação técnica, advogado, psicólogo, assistente social e apoio técnico, que realizam acompanhamento e oferecem assistência às pessoas protegidas e seus familiares.

Segundo a gerente operacional de proteção e defesa dos direitos humanos e vice-coordenadora do Conselho Deliberativo

do PEPDDH-PB, ligado a Sedh, Natasha Batusich, a existência dessa política é essencial para quem atua na luta em prol da conquista e manutenção de direitos coletivos. “A atuação dessas pessoas é capaz de intervir nas desigualdades sociais, sejam econômicas, sejam de acesso a informações, de liberdade religiosa, de preservação ambiental e tantas outras frentes que possibilitem o avanço da democracia e que, em virtude da atuação desses militantes e dessas comu-

nidades, sofrem retaliações e ameaças”, destacou.

Natasha Batusich ainda comenta que o objetivo é que políticas como essa não sejam mais necessárias e que as pessoas não sejam ameaçadas e corram riscos em função de sua atuação e militância social, mas que, “enquanto essa realidade perdurar, é responsabilidade do Estado brasileiro, em todos os seus entes federativos, garantir o fortalecimento da democracia e, portanto, da proteção desses grupos e militantes”, enfatizou.

Atuação em 15 municípios e 32 pessoas atendidas

O PEPDDH-PB, considerando todos os defensores que já foram protegidos pela programa, durante seus anos de atuação, e os que se encontram em atendimento atualmente, já esteve presente nos municípios de João Pessoa, Conde, Rio Tinto, Marcação, Manaíra, Cruz do Espírito Santo, Belém do Brejo do Cruz, Alhandra, Guarabira, Cabedelo, Belém, Princesa Isabel, Condado, Itatuba e Natuba.

Quanto ao perfil dos 32 atendidos até então, a maioria são homens (23), e apenas nove são mulheres. Atualmente, há 24 pessoas protegidas, das quais seis são mulheres. As áreas de atuação dos defensores protegidos até o momento são: luta pelo direito à terra e à moradia, direitos dos povos indígenas, comunidades tradicionais quilom-

bolas, liberdade religiosa, direito à comunicação social. Já quanto às situações enfrentadas, trata-se de intimidações, ameaças, tentativa de homicídio, agressão física e verbal.

O programa conta com um total de R\$ 3.764.729,86 em investimentos, que representam o valor do convênio, sendo R\$ 3.034.563,08 fruto de recursos federais, e R\$ 730.166,78 de recursos estaduais. A ação está inserida na Política Nacional de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos, aprovada pelo Decreto nº 6.044/2007, sendo regulamentada pelas disposições normativas do Decreto nº 9.937/2019 e Portaria no 507/2022, em conformidade com outros marcos legais, a exemplo da Resolução nº 53/144 de 1998 – Declaração para Defensores, da Or-

ganização das Nações Unidas (ONU), que orienta as diretrizes e princípios do PEPDDH. No estado da Paraíba, o Programa foi instituído pelos decretos estaduais nº 41.306 e nº 41.615, ambos de 2021.

Como acessar

Para inserção no PEPDDH-PB, os defensores devem cumprir alguns critérios, como: reconhecimento de sua atuação na promoção e defesa dos direitos humanos; ligação desta atuação com os riscos e ameaças que vêm sofrendo, ou seja, que a necessidade de proteção decorra, necessariamente, da atividade que desempenha enquanto defensor, e não de outros fatores; e concordância com as normas de funcionamento do programa.

Atendendo a esses cri-

térios, é possível que a própria pessoa solicite proteção para si ou que uma entidade ou organização peça essa atuação do PEPDDH-PB, seja ela da sociedade civil, movimentos sociais, Ministério Público, bem como qualquer outro órgão público ou mesmo terceiros que tenham conhecimento da situação de ameaça, violação ou vulnerabilidade em que a pessoa se encontre.

Por meio do site paraiba.pb.gov.br, na página da Secretaria de Desenvolvimento Humano, eixo “Direito Humanos”, é possível encontrar um formulário para solicitação de inclusão no programa. Quem precisar do serviço também pode entrar em contato pelo telefone (83) 3133-4085 ou ainda por meio do WhatsApp (83) 99410-7103 ou e-mail: ppd-dh.pb@gmail.com.

UN Informe DA REDAÇÃO

TJPB GARANTE APOIO À CAMPANHA FEMINICÍDIO ZERO, DO MINISTÉRIO DAS MULHERES

O Tribunal de Justiça da Paraíba declarou apoio à campanha “Feminicídio Zero - Nenhuma violência contra a mulher deve ser tolerada”, lançada pelo Ministério das Mulheres. O mês de agosto é dedicado à conscientização para o fim da violência contra a mulher, o “Agosto Lilás”. A garantia foi dada pelo presidente do tribunal, desembargador João Benedito da Silva, à vice-presidente do instituto Maria da Penha, Regina Célia (foto), que esteve em João Pessoa cumprindo agenda de trabalho. Regina quis conhecer, também, o trabalho já desenvolvido pelo judiciário paraibano no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra as mulheres. O presidente do TJPB destacou a importância de levar para as escolas a discussão sobre a violência doméstica. “Foi uma conversa muito produtiva. Nós convergimos nas opiniões de que precisamos conversar com os alunos do Ensino Médio e Fundamental. É aí que devemos atacar, sem esquecer de conversar também com os adultos, homens e mulheres”. A juíza Anna Carla Falcão, responsável pela Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do TJPB, apresentou à visitante o trabalho que vem sendo realizado nessa área pelo tribunal. A Regina Célia, a juíza garantiu: “Estamos de braços abertos para apoiá-la em tudo que for necessário, considerando os números que têm crescido a cada dia”.



JUSTIÇA E PERSPECTIVA DE GÊNERO

O Ministério Público da Paraíba (MPPB) realizou, na última sexta-feira (30), o seminário “Justiça sob perspectiva de gênero”, em parceria com o Ministério Público Federal (MPF) e com apoio da Associação Paraibana do Ministério Público (APMP). “Essa é uma luta constante, que deve se perpetuar porque sempre estamos vendo violações contra as mulheres”, declarou o procurador-geral Antônio Hortêncio.

REFORMA DE HOSPITAL (1)

O Diário Oficial da União publicou processo que visa à contratação de uma empresa para a reforma e ampliação do Hospital Regional Dr. José de Sousa Maciel, em Cajazeiras. Os investimentos serão oriundos de empréstimo firmado pelo Governo da Paraíba com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), dentro do Projeto de Aprimoramento do Modelo de Atenção na Rede de Saúde do Estado da Paraíba (Projeto Amar).

REFORMA DE HOSPITAL (2)

De acordo com a coordenadora do Projeto Amar, Rosa Márcia, a reestruturação da unidade hospitalar no Sertão reforça o compromisso do Estado com a interiorização da assistência em saúde. “Neste ano, estamos anunciando a licitação de diversas obras com recursos do BID e do Tesouro Estadual, sendo quatro delas no Sertão, o que vai melhorar ainda mais os serviços de saúde naquela região”, avaliou.

TREINAMENTO NO INCRA-PB

O Serviço de Cadastro Rural do Incra na Paraíba realizou, na última semana, o primeiro treinamento de servidores responsáveis por Unidades Municipais de Cadastro dos municípios paraibanos em 2024. Servidores de Itabaiana, São João do Tigre e Patos participaram do treinamento, que teve carga horária de 24 horas e aconteceu na sede do Incra-PB, em João Pessoa.

TJPB REALIZA CAPACITAÇÃO

O Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e Socioeducativo (GMF), do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), concluiu, na última semana, a capacitação dos servidores do Judiciário para a implementação da coleta biométrica de custodiados durante as audiências de custódia. O treinamento foi encerrado em Patos e abrangeu 10 comarcas do Sertão do estado.

TECNOLOGIA 5G JÁ FUNCIONA EM 10 MUNICÍPIOS DA PARAÍBA

A tecnologia 5G já foi implementada em 10 municípios da Paraíba. As cidades que receberam autorização para implementar o sinal da telefonia móvel foram Arara, Bayeux, Cabedelo, Campina Grande, Conde, Gado Bravo, Guarabira, João Pessoa, Patos, Santa Rita e Sapé. A velocidade média de download do 5G está em torno de 450 Mbps, segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel).

Glauber Novaes

Diretor técnico do Hospital Estadual de Emergência e Trauma
Senador Humberto Lucena (HEETSHL)

“Vamos dobrar a capacidade de atendimento do hospital”



Em ritmo de expansão, o Trauma de JP tem pela frente a construção de um complexo anexo e o desafio de se tornar hospital-escola

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A realidade no Hospital Estadual de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena (HEETSHL), em João Pessoa, é marcada por uma intensa rotina de emergências e urgências, onde cada segundo conta para garantir a sobrevivência dos pacientes. Por dia, passam pelo complexo hospitalar mais de 300 pessoas em busca de atendimento em suas 28 especialidades, todas oferecidas em regime de plantão. Nos feriados, no entanto, esse volume pode saltar para quase dois mil casos, sobrecarregando ainda mais a instituição. Não à toa, o hospital está em constante expansão, abrindo leitos e espaços novos, como a recém-criada unidade semi-intensiva neurológica.

Em entrevista ao Jornal A União, o diretor técnico do hospital, Glauber Novaes, que iniciou sua trajetória na instituição, há 15 anos, como estagiário, destaca a importância das reformas em andamento e da ampliação da capacidade de atendimento com a construção de um complexo hospitalar anexo para enfrentar os desafios futuros. Com planos de transformar o Trauma em um hospital-escola e torná-lo referência em pesquisa científica, ele ressalta que essas mudanças são essenciais para garantir que a população paraibana continue recebendo um atendimento de qualidade. Natural de Juazeiro do Norte, no Ceará, Glauber é especialista em ortopedia e traumatologia, com pós-graduação em medicina esportiva, e também atua como médico do Botafogo-PB.

Entrevista

■ O hospital é um dos mais movimentados da capital. Quantos atendimentos acontecem diariamente?

A média é de 300 por dia. No último fim de semana, dias 10 e 11 de agosto, por exemplo, tivemos 1.965 atendimentos devido ao feriado. Sempre fazemos uma certa contingência. Tentamos identificar os principais feriados, aqueles em que as pessoas costumam procurar mais atendimento ao longo do ano. No aniversário de João Pessoa, historicamente, observamos um aumento no número de atendimentos, de 20% a 30%. É relativamente tranquilo. O problema deste feriado foi uma festa no Busto de Tamandaré, que nos pegou de surpresa pela dimensão do evento. Não sabíamos que seria tão grande. E isso fez nosso número de atendimentos aumentar cerca de 300% naquele dia. Para você ter ideia, o impacto do feriado repercutiu no hospital por cerca de 10 a 15 dias. O hospital fica completamente lotado, porque essas cirurgias são complexas, não é apenas chegar e fazer. São pacientes que precisam de tempo para se preparar para a cirurgia. Então, quando temos um evento desse tipo, sem um plano de contingência prévio, fica difícil otimizar as cirurgias de trauma com antecedência, para que as enfermarias fiquem mais organizadas. Normalmente, quando sabemos que haverá um feriado assim, já conseguimos nos preparar melhor. Priorizamos as cirurgias mais urgentes e deixamos em segundo plano as de pacientes que estão em condições mais estáveis, como os que podem aguardar em casa.

■ Da pandemia para cá, que tipo de acidente se tornou mais comum?

Quando a pandemia passou, os acidentes com motocicletas aumentaram significativamente, refletindo o crescimento das redes de entrega na cidade. E isso, obviamente, repercutiu também no hospital. Para lidar com a situação, estamos desenvolvendo um plano de ampliação e reforma interna do hospital, com mais leitos. Ao longo desse período, o que observamos? Somos um hospital de trauma, mas também recebemos pacientes referenciados com Acidente Vascular Cerebral (AVC), por exemplo. Até sabermos se o AVC é hemorrágico ou isquêmico, o

paciente precisa vir até aqui para fazer essa triagem. Quando é hemorrágico, nós operamos. O Hospital de Trauma é o único lugar da primeira macrorregião que realiza cirurgias de AVC hemorrágico. No entanto, acabava chegando muito AVC isquêmico. E não podíamos transferir esses pacientes novamente para os hospitais de referência, que eram unidades pré-hospitalares. Então, acabávamos absorvendo esses casos e perdíamos tempo de ação. O paciente vinha de outra unidade, chegava até nós, fazíamos a triagem e, só então, encaminhávamos para o Hospital Metropolitano. A janela de tempo geralmente é de quatro horas. Por isso, criamos uma unidade semi-intensiva neurológica aqui no hospital, com 10 novos leitos, para absorver esse tipo de caso e diferenciar esses pacientes daqueles com traumas, que antes ficavam todos no mesmo setor. São pacientes que necessitam de cuidados diferentes. Essa nova unidade foi inaugurada no último sábado. Também estamos criando um programa de avaliação com a Neurologia Clínica aqui no hospital, para que, através da telemedicina, possamos dar suporte às outras unidades do estado. Agora, em Mamanguape e em Guarabira, teremos tomografia, por exemplo. Assim, os pacientes dessas regiões fazem o exame lá, o neurologista avalia aqui, e só encaminhamos os casos realmente necessários. Se precisar de intervenção, o médico clínico já recebe a diretriz de como proceder. Então, uma ação que fazemos aqui no hospital já reverbera em toda a rede.

■ O Hospital de Trauma funciona em esquema de plantão 24 horas?

Somos o único hospital da primeira macrorregião, seja público ou privado, que conta com todas as especialidades em caráter de plantão, 28 no total. Você pode ser rico, até bilionário, mas, se sofrer um acidente grave, virá para cá. Aqui, nós fazemos o primeiro atendimento, porque nenhum outro hospital tem neurologista de plantão, cirurgia torácica ou vascular disponíveis para atendimento de urgência. Só aqui temos oftalmologista. Nós já ampliamos tanto o hospital, até de maneira não formal, que, atualmente, temos 275 leitos, incluindo os 10 da unidade semi-intensiva neuro-

lógica. Funciona assim: nós fazemos os leitos, comprovamos a eficiência e eficácia deles e bancamos com recursos próprios do hospital, para depois cadastrá-los no Ministério da Saúde. A maior parte dos leitos, hoje, já está cadastrada, o que é muito importante. No entanto, ainda há leitos que precisamos correr atrás do credenciamento.

■ Qual é a estrutura do hospital?

Nós temos uma estrutura muito limitada para o nível de crescimento que nossa cidade está experimentando. Percebo que nossa estrutura realmente ficou pequena para atender a toda essa demanda populacional. Mas, internamente, temos reformas constantes, basicamente, desde a pandemia. Nunca paramos de ampliar. Antigamente, cada diretor tinha uma sala, hoje não é mais assim, porque leito é mais importante. Atualmente, estamos ampliando nossa rede de ambulatório, que serve para o retorno de cirurgias e procedimentos realizados aqui, o ATP (Ambulatório de Traumatologia da Paraíba). A inauguração está prevista para este mês. Também estamos fazendo um plano de reforma, com troca de pisos e ampliação das enfermarias, que já está em andamento. Além disso, recebemos um recurso para um plano de ampliação vigorosa do Trauma, que envolve uma obra grande, de R\$ 52 milhões, que permitirá a construção de um novo hospital anexo. Isso nos permitirá sempre olhar para o futuro. Em vez de nove salas cirúrgicas, teremos 19, ou seja, vamos adicionar mais 10. Isso, com certeza, vai dobrar a capacidade de atendimento do hospital e nos garantir uma assistência eficaz pelos próximos 20 anos. Além disso, teremos espaço para serviços que hoje enfrentam dificuldades devido à falta de espaço. A ampliação está prevista para começar até o ano que vem. Já temos os recursos destinados e estamos no caminho certo.

■ Essa ampliação é fundamental para dar conta de demandas futuras?

Quanto melhor a qualidade de vida de uma cidade, mais longevidade a população alcança. E, naturalmente, mais idosos e mais necessidades específicas em relação a acidentes e traumas envolvendo essa faixa etária. De olho nisso, criamos o ATP e o CAC (Centro Avançado de Trauma do Idoso). Nele, reservamos uma ala específica para cuidados com os idosos, onde temos um geriatra e um cardiologista. Além disso, os pacientes que estão no CAC têm prioridade no mapa cirúrgico.

■ Como atender bem uma população que está envelhecendo cada vez mais?

A população da Paraíba realmente está envelhecendo. Daqui a 10 anos, a cidade já será muito diferente do que é hoje. Não há como evitar, precisamos ter uma estrutura preparada para isso. Precisamos olhar para essa questão de maneira cuidadosa, desde a escolha de implantes até os materiais que utilizamos. Por exemplo, nos últimos dois anos, passamos por uma grande melhoria no tipo de implante que utilizamos em idosos. Quando eu era estudante, há 15 anos, um paciente de 75 anos recebia um implante que durava, no máximo, cinco ou seis anos. Por que? Porque a expectativa de vida era essa. A limitação dos

materiais era muito grande e, por isso, eram mais baratos. Hoje em dia, se fizermos isso, o problema será muito maior, porque vamos limitar o idoso, e ele precisará de uma nova cirurgia em condições clínicas piores, o que demandará mais recursos. Então, é preferível que façamos a primeira cirurgia com materiais mais eficientes, que proporcionem menos complicações, já que o custo da reoperação aumenta muito. Precisamos focar no bem-estar do paciente.

■ Como é administrar um hospital do porte do Trauma?

Sempre costumo dizer que o governador da Paraíba tem um olhar diferenciado para a saúde. Já faz um tempo que estou aqui e passei por alguns governadores. Desde o estágio até a direção, são 15 anos. Quando estava na faculdade, já conhecia bem o ambiente do Trauma. Isso é importante para uma gestão mais dinâmica. Porque você conhece o hospital profundamente. Fui estagiário, depois interno de medicina. Quando me formei, fui contratado como médico da urgência. Depois, fiz residência em ortopedia e atuei no pronto atendimento e no centro cirúrgico. Depois, fui coordenador da ortopedia e, agora, estou na direção técnica há dois anos. Todos os cargos que temos aqui são blindados pelo governo no sentido de serem técnicos. Não teria como ser diferente. Fazer um hospital deste porte funcionar requer muita capacidade técnica.

■ Como funciona a dinâmica de atendimentos de urgência e emergência?

Os casos de urgência são aqueles que precisam ser resolvidos de maneira rápida. Portanto, precisam ser avaliados com maior agilidade. Já os casos de emergência envolvem risco iminente de morte. Esses são os casos para os quais nós realmente nos preparamos. São as emergências em que o paciente precisa de uma tomada de decisão em um curto espaço de tempo, para que possamos obter a melhor resposta possível. E isso é uma realidade diária. Aqui, no hospital, atendemos uma população de mais de 1,3 milhão de pessoas dentro da nossa área de cobertura. Então, diariamente, recebemos casos que demandam esse tipo de cuidado. E isso nos leva a lidar com uma parte mais delicada da nossa realidade, o luto.

■ O hospital oferece uma rede de apoio para os familiares?

No ambiente do pronto atendimento, sabemos que é bem tumultuado. É um ambiente onde, muitas vezes, há vários atendimentos ocorrendo ao mesmo tempo. Mas o que tentamos fazer? Tentamos blindar essa situação e temos um serviço social que presta assistência nos momentos mais difíceis, buscando oferecer um atendimento mais individualizado para a família. Nós temos uma sala onde eles são levados para conversar. Às vezes, a informação é dificultada pela delicadeza do procedimento. O assistente social não pode ficar relatando cada detalhe técnico. Quando tudo está estabilizado, um boletim médico claro é fornecido. Mas não dá para ser em tempo real. Há limitações, inclusive técnicas, para fornecer informações desse tipo. Quando há uma questão emocional envolvida, a rede de apoio entra em ação, independentemente do horário. O proble-

ma é que, em momentos difíceis, às vezes, falta compreensão sobre as limitações da informação naquele momento. O familiar quer estar ao lado, segurando a mão do paciente, e nós entendemos que isso seria muito bom se fosse possível. Mas, muitas vezes, o familiar, naquele momento, atrapalha o andamento. Já tivemos situações em que, por exemplo, o paciente estava em jejum para realizar um exame ou cirurgia, e a família insistiu em dar água, o que inviabilizou o procedimento. O acolhimento da família é importante, mas nosso foco principal é salvar a vida do paciente.

■ Olhando para o futuro, quais são os planos para o Hospital de Trauma?

Estamos planejando algo novo, além da ampliação. Nosso grande sonho é sermos um serviço integrado que possa oferecer assistência de ponta a ponta, desde o primeiro atendimento até a reabilitação final. Isso está mais próximo de se concretizar, pois estamos construindo um centro de reabilitação aqui. Nossa ideia é que o paciente, ao chegar com um AVC, receba toda a assistência necessária, desde o anticoagulante até a operação, e continue sendo acompanhado por nós no centro de reabilitação. Assim, temos controle total sobre o que está acontecendo. Não adianta fazer uma cirurgia brilhante se não houver uma fisioterapia adequada, troca de curativos adequada ou um cuidado metabólico eficiente. Nosso objetivo também é transformar o hospital em um hospital-escola para produzir material científico que ajude a melhorar os casos e criar protocolos. Não podemos simplesmente pegar o protocolo de outra região, como Santa Catarina, e aplicá-lo aqui, porque as realidades sociais são diferentes. Precisamos moldar os protocolos à nossa realidade, o que exige trabalho científico. Esse é um sonho meu e do doutor Laércio Bragante (diretor-geral do Trauma). Já temos várias residências médicas e faculdades fazendo rodízios aqui.

■ Qual a importância do programa Opera Paraíba para o estado?

É muito importante. Fomos até procurados por outros estados, porque a maioria não entende como conseguimos ‘fazer acontecer’. Desde o primeiro ano do governo, estamos construindo um modelo dinâmico, que aperfeiçoamos a cada dia. Fizemos as 12 mil cirurgias que estavam na lista, surgiram mais 12 mil e já estamos em mais de 130 mil. Quando dizem que alguém está esperando muito tempo na fila, há uma confusão. Temos cirurgias específicas dentro do programa, como prótese de joelho, quadril, ligamento, catarata e amígdalas. Muitas vezes, a pessoa espera por uma cirurgia que não faz parte do rol do programa e precisa seguir o fluxo convencional. Para a população, isso é difícil de entender. O Governo Federal entende que uma cirurgia está em fila se passa mais de seis meses. Nós estamos realizando antes disso. O tempo de espera, hoje, é de dois a três meses, dependendo da urgência. Curiosamente, estamos enfrentando dificuldade com falta de pacientes em algumas cirurgias. Antes do programa, era preciso judicializar para conseguir uma prótese de joelho, o que levava de seis a oito anos. Agora, alguns pacientes chegam até a faltar à cirurgia.

CELULAR NO TRÂNSITO

Sobe número de multas a condutores

Entre janeiro e julho deste ano, foram 1.482 emissões no estado, contra 1.028, no mesmo período de 2023

João Pedro Ramalho
joaoprimalhom@gmail.com

Nos sete primeiros meses deste ano, segundo o Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB), o número de condutores multados pelo uso de telefones celulares no trânsito aumentou 44,2%, em comparação com o mesmo período do ano passado. Entre janeiro e julho, foram aplicadas 1.482 multas dessa natureza em todo o estado — contra 1.028, em 2023. O aumento ilustra o cenário de dependência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que se aprofunda cada vez mais — o que é especialmente perigoso se a prática parte de condutores no trânsito, sobretudo motociclistas.

De acordo com Wilham Alves, agente de trânsito do Detran-PB, o uso de celulares é a terceira maior causa de mortes em acidentes de trânsito no país, atrás apenas da embriaguez e do excesso de velocidade. Além disso, os condutores de motocicletas são mais vulneráveis em ocorrências desse tipo, conforme indicam outros dados levantados por Wilham. Segundo ele, de janeiro deste ano até a última terça-feira (27), o órgão estadual contabilizou 540 sinistros letais na Paraíba, com 72% deles envolvendo motociclistas.

A ocorrência de sinistros,

portanto, é o maior risco que envolve a utilização de telefones celulares por motociclistas. “Quando você desvia o seu olhar para focar no celular, está retirando totalmente a sua atenção do trânsito. Se a moto estiver, por exemplo, a 100 km/h, dois segundos de desvio de atenção equivalem a percorrer uma distância de 56 m com os olhos totalmente vendados. Nesse período, você não vai ter tempo de reação suficiente para evitar um acidente com algum animal que esteja na via ou, se for perto de uma escola, com uma criança que atravesse a rua de uma hora para a outra”, adverte.

As consequências da imprudência no trânsito vão além dos sinistros, como alerta André Agra, mestre em Engenharia de Transportes e especialista em Inovação na Gestão Pública e Cidades Inteligentes. Ele classifica a alta nesse comportamento como uma tragédia social, com impactos nas despesas governamentais com saúde e previdência e nas vidas dos envolvidos, que, se sobreviverem, podem ter sequelas permanentes.

A preocupação de André é ainda maior em relação à situação no interior do estado. “Na Paraíba, segundo o IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística], a frota de veículos é de 1.593.744, e as motocicletas e motone-

tas representam 44,7% desse total. Mas, nas cidades abaixo de 50 mil habitantes, a frota média de motos sobe para mais de 50% e, nas cidades com menos de 20 mil habitantes, morre mais gente em acidente de moto do que por homicídios. Por isso, o uso de celulares no trânsito, nesse contexto, é um desastre anunciado”, lamenta.

Fiscalizações

Para Wilham Alves, a alta no número de autuações pelo uso de celular é fruto do aumento das fiscalizações realizadas pelo Detran-PB, principalmente durante as blitzes da Operação Lei Seca. Além disso, houve investimento na interiorização das ações, ampliando o alcance nas regiões de

Guarabira, Patos, Campina Grande, Mamanguape e Cajazeiras, bem como a instauração de fiscalização por videomonitoramento. Órgãos parceiros, como a Polícia Militar (PM), também contribuem com esse acompanhamento e têm competência delegada pela autoridade de trânsito para aplicar multas.

Alta no número de autuações pelo uso de celular é, também, fruto do aumento das fiscalizações



Uso de celulares é a terceira maior causa de mortes em acidentes de trânsito no país, atrás apenas da embriaguez e do excesso de velocidade; motociclistas são mais vulneráveis



Gravidade das infrações pode render até sete pontos na CNH

As violações diagnosticadas pelo Detran-PB, até julho deste ano, são classificadas conforme três situações previstas pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB). Das 1.482 autuações, 704 foram motivadas pelo uso de fone de ouvido conectado ao celular e pela utilização do telefone entre o ouvido e os ombros ou por dentro do capacete. Já o ato de manusear o aparelho foi registrado em 548 ocasiões, enquanto outros 230 condutores foram flagrados segurando o objeto sem manu-

seá-lo. A primeira infração é de gravidade média e rende multa de R\$ 130,16, além de quatro pontos na Carteira Nacional de Habilitação (CNH). As duas últimas, por outro lado, são infrações gravíssimas e geram uma multa de R\$ 293,47 e sete pontos na CNH.

Um instrumento que ajuda a reduzir o manuseio dos celulares no trânsito é um suporte multifuncional acoplado ao veículo. Ele tem sido bastante utilizado por pessoas como a promotora de eventos Alê-

sa Bruna, que depende da motocicleta para se deslocar em João Pessoa. “Como eu trabalho com eventos, estou sempre indo para algum lugar que não sei exatamente onde é. Então, preciso utilizar o GPS e tenho esse suporte na moto para o celular. Agora, quando é necessário checar a rota do GPS ou fazer alguma alteração, eu mexo enquanto estou parada no semáforo ou encosto o veículo para dar uma olhada. Mas, pilotando, eu prefiro não mexer no celular, porque, se de

carro já é ruim, de moto é pior ainda”, afirma.

Segundo Wilham, o uso do suporte não é proibido pela legislação, mas o condutor precisa ter cuidado para não reduzir o seu campo de visão e focar apenas na tela do aparelho. Quanto ao uso dos celulares enquanto o sinal de trânsito está fechado, o agente faz um alerta. “O Manual Brasileiro de Fiscalização de Trânsito chama essa situação de imobilização temporária em virtude das circunstâncias. Ou seja, a pessoa está imobilizada apenas durante o tempo em que o semáforo está vermelho. Portanto, não se considera que a moto está parada, já que a parada serve para embarque e desembarque de pessoas — e em um local adequado. Por isso, quando eu estou com o veículo imobilizado no

semáforo vermelho, não posso manusear o telefone, porque tenho que ter total atenção no trânsito, naquele momento”, aconselha o agente.

Como reduzir

A fiscalização no trânsito é uma estratégia crucial no combate aos comportamentos imprudentes. Para André Agra, é necessário que as ações sejam ainda mais abrangentes, com a mobilização dos municípios do interior do estado, onde o cenário exige mais cuidados. “Das 223 cidades da Paraíba, só 33 têm o trânsito municipalizado. Os municípios não podem se furtar da obrigação de cobrar o respeito ao trânsito, muito menos com a desculpa de que o político vai perder voto se começar a multar os infratores”, defende o especialista.

Além da aplicação de multas, a redução do uso de celulares por motociclistas também demanda uma mudança de mentalidade — especialmente quando se trata de profissões que dependem do aparelho para suas atividades, como entregadores e motociclistas por

aplicativo. “O sistema de entrega é massacrante para o condutor. Com as metas impostas, você tem uma pessoa em pleno exercício de suicídio. O modelo de pontuação e de faturamento deixa o trabalhador fora de si, pois ele pensa que, se parar, vai perder tempo e não vai faturar. É uma responsabilidade de restaurantes e fornecedores repensarem esse modelo”, declara.

Vale destacar, por fim, as iniciativas em educação que buscam modificar o comportamento dos motociclistas. Um exemplo, conforme aponta Wilham, é o projeto Detran Quatro Estações — Trânsito Seguro de Verão a Verão, conduzido pela Gerência Executiva de Educação para o Trânsito. “Nós interiorizamos as atividades nas escolas, nas empresas, nas universidades, em grupos sociais, comunidades e associações locais. Tanto com o foco em evitar a embriaguez quanto nas demais normas de segurança, o que inclui a prática de conduzir o veículo utilizando o celular”, explica o agente do Detran-PB.



Além da aplicação de multas, redução do uso de celulares demanda mudança de mentalidade

Checar

Uso de suporte não é proibido pela legislação, mas condutor precisa ter cuidado para não reduzir campo de visão e focar apenas na tela do aparelho, mesmo se o semáforo estiver fechado

Saiba Mais

Confira as autuações pelo uso de celular no trânsito nos últimos anos (em 2024, os números são apenas dos sete primeiros meses)

- 2024 (de janeiro a julho) – 1.482 multas
- 2023 – 2.026 multas
- 2022 – 1.602 multas

ENVELHECIMENTO

PB tem 3ª maior taxa de centenários

Longevidade é favorecida por alimentação saudável, exercícios físicos e espiritualidade; mulheres são maioria

João Pedro Ramalho
joaopramalho@gmail.com

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

Envelhecer de forma saudável é um objetivo perseguido por muitas pessoas. Na Paraíba, uma parte delas vai além da expectativa — literalmente. O estado possui, em números proporcionais, a terceira maior população centenária do país, de acordo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados apontam que 1.330 paraibanos possuíam 100 anos ou mais em 2022, representando 0,033% do total de habitantes. A média é superior à observada nacionalmente (0,019%) e inferior apenas aos estados da Bahia (0,038%) e do Maranhão (0,036%). Além disso, também segundo o IBGE, a própria expectativa de vida dos paraibanos, de 76,6 anos, em 2023, é maior que a brasileira (76,4).

As mulheres representam a maioria dos centenários paraibanos: são 923, ou 69,4% dessa parcela de idosos, frente aos 407 homens (30,6%) com 100 anos ou mais. Para o geriatra Jamerson de Carvalho, isso pode ser explicado por dois fatores: “Primeiro, por causa da cultura da mulher, de procurar um médico já na adolescência, quando vai ao ginecologista. Assim, ela começa a se cuidar mais — e faz isso mais cedo. O segundo motivo é que o número de mortes acidentais e frutos de violência é maior entre os homens”, ilustra o médico.

Políticas públicas

A presidente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa na Paraíba (Ceddpi-PB), Joiima de Oliveira, destaca que o estado possui políticas públicas fundamentais no amparo à



Centenária desde maio, dona Maria vem de uma família longeva: a mãe dela viveu 102 anos, enquanto uma tia chegou aos 104

população idosa. Alguns exemplos são o Programa Habitacional Cidade Madura, que oferta moradia digna e espaços para lazer e convivência social aos atendidos; os Centros Sociais Urbanos (Csus), que promovem atividades físicas, palestras e passeios para esse grupo demográfico; e o Projeto Acolher, cujo objetivo é melhorar a qualidade de vida daqueles que vivem em Instituições de Longa Permanência para Idosos (Iapi).

Joiima ressalta, ainda, o trabalho do Ceddpi-PB na implantação e na fiscalização dessas iniciativas. “No Conselho, nós buscamos agir de forma ética, democrática e transparente no controle social da política estadual de atenção à pessoa idosa, para garantir a efetivação dos direitos dessa população e a promoção de uma longevidade ativa, participativa e saudável”, garante.

Fatores que contribuem para alongar a vida

Mas, afinal, o que leva uma pessoa a chegar aos 100 anos de idade? Para Jamerson de Carvalho, o primeiro fator que contribui para essa marca é uma alimentação saudável. Ela pode ser alcançada por meio de uma dieta com muitas frutas e vegetais, que alterne o consumo de carne vermelha e de peixes ricos em ômega 3 (como salmão e sardinha) e que evite produtos industrializados abundantes em xarope de açúcar (como os refrigerantes) ou com alto teor de gordura, sódio e outros aditivos (como os embutidos, a exemplo de salsicha e bacon). Acima de tudo, é importante que cada pessoa respeite as suas próprias necessidades. “Uma alimentação saudável é aquela baseada no seu gasto calórico. Se a dieta ficou acima do que você gasta, isso provavelmente vai acarretar aumento de peso, que é um fator de risco”, alerta o geriatra.

■ Quem chega a um século de existência merece uma rotina tranquila e marcada pelo respeito, segundo especialista

Uma rotina adequada de exercícios físicos também colabora para um envelhecimento sadio. Segundo Jamerson, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que os adultos façam, no mínimo, 150 minutos de exercícios aeróbicos por semana. “À medida que o paciente vai envelhecendo, aumenta o peso das atividades de força. Então, ele deve começar a dividir esses 150 minutos em atividades do tipo musculação e

pilates, sempre ficando atento para que se respeitem as comorbidades que a pessoa já tem. Também devem buscar exercícios que beneficiem equilíbrio, força e mobilidade, porque esses fatores estão relacionados à prevenção da queda, que é um grande problema na terceira idade”, complementa.

O terceiro aspecto importante para a longevidade é a espiritualidade. Jamerson aponta que o exercício da fé, especialmente em um contexto comunitário, reforça os laços sociais em torno dos idosos. A vivência espiritual também impacta a esfera emocional. “Está provado que essas atividades diminuem a ansiedade e o estresse. Elas estimulam o contato consigo mesmo, o cultivo de hábitos dentro da sua religião e um olhar para o outro, não somente para dentro de si. Isso ajuda não apenas a acrescentar mais anos à vida,

mas também a dar um significado e a trazer qualidade a esses anos”, declara o médico.

Cuidados

Quem logra completar um século de existência merece uma rotina tranquila e marcada pelo respeito, como destaca o médico especialista na saúde dos idosos. “É comum, nas famílias, que alguém assuma o lugar do idoso, e ele não faz mais nada, a partir daquele dia. Porém, o idoso precisa de um sentido para os dias dele. Então, ele precisa ter liberdade e apoio, manter-se ativo, evitar o isolamento e ser acompanhado por uma rede de proteção, para evitar que sofra algum tipo de violência. O idoso também deve ter as suas vontades respeitadas, dieta adequada, acompanhamento médico regular, fazer atividades físicas e dormir bem. A saúde não está dentro do comprimido, mas no comportamento”, defende Jamerson.

Gratificação e desafio em doses iguais

Em Campina Grande, a população centenária é formada por 129 pessoas, sendo 33 homens e 96 mulheres. Entre essas mulheres que chegaram a um século de vida, está Maria Pereira de Araújo, com fé irredutível, bom humor invejável e 100 anos recém-completados. Nascida em Cabaceiras, no dia 20 de maio de 1924, Maria veio de uma família na qual viver muito é quase uma tradição. “Todos os meus parentes maternos envelheceram muito e morreram bem velhos. Minha mãe morreu aos 102 anos, e uma irmã dela morreu aos 104. Eu não queria passar dos 100, porque sabia que era sofrido, já tinha visto”, conta.

Sufrimento que, para Maria, vem de preencher por completo o tempo e a atenção da filha, Lourdes Pereira, de 70 anos. Há quase 10 anos, mãe e filha moram juntas e di-

videm até o mesmo quarto — tudo para garantir que a pessoa que cuidou por toda a vida seja agora cuidada. Antes de dormir, por exemplo, Lourdes lê livros para a mãe. O autor é sempre o mesmo: o padre Reginaldo Manzotti. Mas, apesar de toda a atenção, ter 100 anos é desafiador.

“É uma vida difícil e preocupante. Em junho, ela sofreu uma queda, porque se levantou no meio da noite para ir ao banheiro e não quis me acordar. Tentou ir sozinha, escorregou e bateu a cabeça na cômoda. Sangrou tanto que eu achei que ela ia morrer naquele dia. Graças a Deus, só precisou levar alguns pontos. Ela é forte”, narrou Lourdes.

Ouvindo a filha contar a história do acidente, Maria ri e confirma: “Eu sou muito teimosa”. Teimosa, católica e mãe de quatro filhos, a centenária

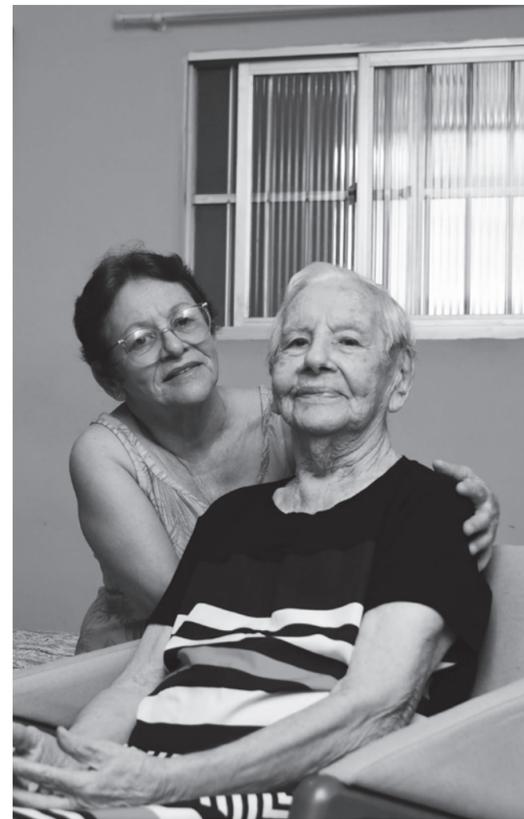
tem um sonho não realizado marcado na memória. “Eu queria ter sido professora. Daria tudo para poder ensinar. Mas, infelizmente, não pude. Nós éramos muito pobres, e eu precisava cuidar da casa e dos filhos. Então, eu incentivei Lourdes a ser professora, e esse sonho se realizou por meio dela”.

Se o desejo de ensinar não se concretizou, Maria não pode dizer que não viveu uma história de amor. Viúva há uma década, ela se casou aos 22 anos, com um primo, Miguel. “A gente sempre estava junto, mas eu não sentia nada por ele. Só percebi que gostava de Miguel quando ele foi trabalhar no Rio de Janeiro. Depois, ele me disse que, no Rio, também pensava em mim. Até um retrato ele me enviou. Então, quando ele voltou para Cabaceiras, em cinco me-

ses, ficamos noivos e, com pouco tempo depois, nós nos casamos”, relata.

Com um olhar cirúrgico, Maria enxerga o agora como quem esteve dos dois lados: presente e futuro. “Hoje, a diferença é enorme, em relação ao meu tempo. Nós não tínhamos liberdade nenhuma, éramos muito presas. Para namorar, era só de vista. Eu me casei inocente como uma criança. Agora, as pessoas têm mais liberdade, mas também não pode ser solto demais”, ressalta.

Para os jovens, ela tem somente um conselho: “Que sejam bons filhos e boas pessoas para, no futuro, terem quem cuide deles”. A filha, Lourdes, escutando a conversa, completa: “É isso que ela vai deixar para mim, um exemplo de dedicação à família, de honestidade e de trabalho”.



Lourdes se esmera nos cuidados com a mãe centenária



Idoso precisa ser respeitado e ter dieta adequada, cuidado médico, exercício físico e bom sono

Jamerson de Carvalho

Fotos: Julio Cesar Peres

Foto: Arquivo pessoal

PROTEÇÃO

Guardas defendem atuação armada

Expectativa das GCMs é que nova emenda constitucional respalde seu trabalho como “polícias municipais”

Anderson Lima
 Especial para A União

Os municípios paraibanos de João Pessoa, Cabedelo, Conde e Bayeux estão entre as cidades brasileiras que contam com Guardas Civis Municipais (GCMs) armadas, como estratégia de segurança e combate à criminalidade. De toda a Região Nordeste do país, a propósito, Recife, em Pernambuco, é a única capital que não dispõe de guardas equipados com armamentos.

A presidente do Sindicato dos Guardas Municipais da Paraíba (SindGM-PB), Iris Cavalcante, explica que, para que um guarda municipal consiga seu próprio porte de arma, é necessário passar por uma preparação rigorosa, durante a qual deverá efetuar 280 disparos, além de participar de cursos anuais de reciclagem para o manuseio da arma de fogo. Carabinas e pistolas 9 mm costumam ser os modelos utilizados por esses profissionais.

Ela também salienta que os riscos enfrentados pelos profissionais da categoria são semelhantes aos de qualquer outro agente de segurança pública. No entanto, sua capacitação para o uso de armas é considerada mais intensa que a de outros órgãos — segundo Iris, um oficial da Polícia Civil, por exemplo, obtém sua licença para porte de arma com, aproximadamente, 50 tiros efetuados. “Fica claro que a GCM está mais preparada e capacitada para manusear sua arma”, sustenta.

Iris defende que a manutenção da ordem e a proteção da população se fazem de maneira eficaz quando as Forças de Segurança estão devidamente armadas, lembrando a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em março de 2021, que assegurou a todos os integrantes de GCMs do Brasil o direito ao porte de armas de fogo, independentemente do tamanho das

Preparo
 Segundo a presidente do SindGM-PB, para portar uma arma, o agente passa por um treinamento rigoroso, além de cursos anuais de reciclagem

populações em seus municípios. Na ocasião, a Corte derrubou dispositivos do Estatuto do Desarmamento (Lei Federal nº 10.826/2003) que restringiam esse direito apenas a guardas municipais de cidades com mais de 500 mil habitantes.



Antes de decisão do STF, direito ao porte de armamento se restringia a profissionais em cidades com mais de 500 mil habitantes

PEC propõe inclusão entre órgãos de segurança

Publicado em 8 de agosto de 2014, o Estatuto Geral das Guardas Municipais (Lei Federal nº 13.022) define as atribuições dessas instituições no Brasil e seu papel na segurança pública das cidades. A lei autoriza as GCMs a protegerem tanto o patrimônio público (como prédios e monumentos) quanto a integridade física da população, além de prevenir crimes e colaborar com as Forças de Segurança. Segundo Iris Cavalcante, o estatuto ampliou a função das GCMs, que agora chegam a atuar, na prática, como uma “polícia municipal”.

E, de acordo com a presidente do SindGM-PB, é para formalizar e garantir maior respaldo jurídico ao trabalho dessas instituições, nesse novo contexto, que tramita atualmente na Câmara dos Deputados a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 57/2023. O texto propõe a inclusão das

GCMs no âmbito dos órgãos de segurança pública listados no Artigo 144 da Constituição Federal, entre as polícias Federal, Rodoviária, civis e militares, além dos Corpos de Bombeiros. “Além de garantir outros direitos que as demais Forças de Segurança já possuem, como a aposentadoria especial”, frisa Iris.

Ela contextualiza a relevância da proposta diante de um atual conflito jurídico entre o STF e o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) a respeito do assunto: para o STJ, diferentemente de como observa o STF, não caberia a guardas-civis municipais prender indivíduos ou apreender drogas, por exemplo. Na avaliação da representante da categoria no estado, “a emenda à Constituição é o remédio jurídico para resolver essa questão”.

Para Iris, o aumento dos índices de violência e criminalidade torna eviden-



Estatuto autoriza proteção à população e prevenção de crimes

te que a Polícia Militar necessita de maior apoio para manter a ordem nas ruas. “Assim, as guardas municipais, futuras polícias municipais, assumem a responsabilidade por ocorrências de menor potencial ofensivo”, aponta.

Investimentos

A maioria das cidades paraibanas, conforme a

presidente do SindGM-PB, deseja fortalecer suas Forças de Segurança, mas enfrenta obstáculos, como “a burocracia excessiva” e “o orçamento limitado” para investir na área.

“No Brasil, ainda não existe uma lei que estabeleça um índice mínimo de investimento em segurança pública, como já acontece com saúde e educa-

ção. Defendo que saúde, educação e segurança devem avançar juntas; afinal, não se pode oferecer serviços de saúde de qualidade em um ambiente inseguro”, analisa Iris Cavalcante, acrescentando que o sindicato atua para mudar esse cenário. “Nossa Carta Magna é clara ao afirmar que a segurança pública é um dever do Estado, um direito e uma responsabilidade de todos”, frisa.

■ Iris Cavalcante avalia que medida seria “remédio jurídico” para resolver embate entre o STJ e o STF sobre o tema

Armas são necessárias para trabalho adequado, dizem agentes

O diretor operacional da Guarda Municipal de João Pessoa, Sandro Alex da Costa Silva, relata que, quando os agentes da instituição atuavam sem armamento, seu trabalho era precário e arriscado, pois eles não podiam se defender adequadamente e proteger a população em situações de perigo real e iminente. Com o uso das armas, atualmente, a rotina dos profissionais passou a ser mais segura, segundo ele. “Isso culmina em um serviço de qualidade para a população”, diz.

“O trabalho com equipamentos adequados, como as armas, traz a possibilidade de uma abordagem mais segura para o agente e para os transeuntes da cidade. É imprescindível para o trabalho nas ruas e a prevenção das violências nos parques, hospitais, praças e demais



Para Sandro, PEC “sacramenta um trabalho já realizado”

“

O armamento se torna essencial para conter ações delituosas e dar segurança ao operador

Daniilo Santos

logradouros públicos”, argumenta Sandro.

“O armamento se torna essencial para conter ações delituosas e dar segurança ao operador. O agente se defende e defende a sociedade”, concorda Daniilo San-

tos, guarda municipal de Bayeux, cidade da Região Metropolitana de João Pessoa, que tem registrado um crescimento significativo no número de crimes violentos, em meio a ações de facções criminosas.

Atuante há 12 anos na função, Daniilo conta que seu antigo material de trabalho se restringia a bastões táticos e algemas, itens úteis em incidentes corriqueiros, mas inadequados para lidar com criminosos armados. Ele lembra que era comum se deparar com cidadãos pedindo-lhe ajuda após terem sofrido assalto a mão armada, mas lamentava não poder auxiliá-los, por não estar equipado de forma equivalente para uma reação apropriada. “Isso também acontecia quando nos deparávamos com bandidos armados: tínhamos que

dar meia-volta e ir embora, por não ter como combatê-los”, revela. “O armamento é uma ferramenta para as forças públicas terem um poder igual ou superior ao daqueles que tentam contra a paz social”, enfatiza o guarda.

Para Sandro, nesse sentido, a PEC nº 57/2023 “vem para sacramentar um trabalho que já é realizado” pelas GCMs. “É importante destacar que a representação social de qualquer instituição é fundamental para a forma como o cidadão enxerga o agente. Estar inserido como agente direto nos órgãos de segurança pública acaba com interpretações que favorecem a criminalidade e desfavorecem o trabalho dos guardas-civis municipais”, finaliza o diretor operacional da instituição em João Pessoa.

CAMINHOS DO FRIO

Alagoa Nova sedia a última semana

Celebrando o legado de Ariano Suassuna, festival itinerante do Brejo chega ao destino final de sua 19ª edição

Anderson Lima
Especial para A União

A Rota Cultural Caminhos do Frio está chegando ao seu desfecho. O último destino do festival neste ano é o município de Alagoa Nova. Entre amanhã e o próximo domingo (8), a cidade será o palco final do ciclo itinerante que percorreu o Brejo paraibano, tendo passado por outros oito municípios desde o mês de julho. Em sua 19ª edição, a iniciativa fomenta a cultura, a economia e o turismo locais, atraindo visitantes de diversas regiões.

Alagoa Nova, situada a cerca de 136 km de distância de João Pessoa, apresenta uma população de 21 mil habitantes, conforme dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao longo dos sete dias de festividades, os organizadores do evento esperam receber, entre moradores e turistas, cerca de 20 mil pessoas.

Assim como ocorreu nas outras cidades que sediaram a rota em 2024, um dos destaques da programação alagoa-novense é a homenagem ao legado de Ariano Suassuna, renomado escritor e dramaturgo, autor de grandes obras, como “O Auto da Compadecida” e “O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe

do Sangue do Vai-e-Volta”. Também conhecido por seu papel fundamental na criação do Movimento Armorial, o ilustre paraibano é celebrado pela defesa da valorização da cultura nordestina e pela fusão de elementos eruditos e populares em seus trabalhos.

Em Alagoa Nova, o tributo a Ariano se manifesta

rá por meio da reprodução, em pontos “instagramáveis”, de símbolos típicos do Movimento Armorial, desde os brasões e escudos estilizados — de cujo termo francês, *armoire*, deriva o nome da corrente artística — até elementos tradicionais do imaginário nordestino, como o cacto e o Sertão, além de fi-

guras da literatura de cordel. Haverá também uma vila temática que recria os cenários da famosa adaptação cinematográfica de “O Auto da Compadecida”.

Jefferson Barbosa Lira, secretário de Cultura, Turismo e Juventude de Alagoa Nova, ressalta que a agenda do festival incluirá ainda, já em sua

abertura, um cortejo armorial, com a apresentação de artistas locais, quadrilhas juninas e até um espetáculo de violino, com interpretações clássicas de sucessos do cancionista popular, como “Asa Branca” — mescla característica da essência do movimento criado por Ariano. Além da Banda de Pífano do Sítio Buraco D’Água, marcarão presença no evento grupos culturais de outras cidades do estado, como Caamirins da Serra, de Matinhas; Renascer e Florescer, de São Sebastião de Lagoa de Roça; e o grupo de coco de roda Mestre Basto do Coco, de Lucena.

Shows musicais serão, a propósito, outro grande destaque da festa alagoa-novense, já que todas as noites da semana contarão com performances do Festival de Forró, incluindo nomes como Sandra Belê, Forró D2, Vinícius Mendes, Jorge de Altinho, Gegê Bismarck e a banda Mastruz com Leite.



Foto: Divulgação/Prefeitura Municipal de Alagoa Nova

Organizadores do evento estimam que, ao todo, cerca de 20 mil pessoas deverão prestigiar os sete dias de programação

Praça oferece especialidades locais em culinária e artesanato

Culinária e artesanato também não poderiam faltar entre as atrações da última parada do Caminhos do Frio. A vila de gastronomia montada na praça de eventos O Moraesão oferecerá pratos consagrados do município, como caldinhos quentes e pé de moleque, enquanto a Rota dos Sabores permitirá aos visitantes a oportu-

nidade de conhecer, no fim de semana, três restaurantes da Zona Rural da cidade. “Lá, poderão saborear outros pratos típicos da culinária regional, como galinha de capoeira, tilápia, buchada e arrumadinho”, explica Jefferson Barbosa, lembrando que, para os apreciadores da cachaça, o festival promoverá uma oficina dedicada à

bebida, em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

Outro espaço da praça de eventos será reservado à exposição de produtos artesanais, destacando as especialidades dos criadores locais do segmento, sendo que, durante a semana, haverá uma mostra das obras desenvolvidas nas oficinas de pintu-

ra em barro e tela.

A passagem da rota por Alagoa Nova ainda coincidirá com a realização de um desfile cívico para celebrar o dia da emancipação política do município, na próxima quinta-feira (5), e da 10ª etapa do Campeonato Paraibano de Motocross, nos próximos sábado (7) e domingo (8), reunindo, às margens da

rodovia PB-097, pilotos de todos os estados do Nordeste e de outras regiões, que competirão por uma premiação de R\$ 50 mil.

A expectativa do secretário municipal de Cultura, Turismo e Juventude é que esta edição do festival seja a maior já sediada pela cidade, que integra o projeto itinerante desde seu segundo ano.

■ Agenda de atividades ainda coincide com competição de motocross e dia de emancipação política

Iniciativa estimula desenvolvimento contínuo da região

“O Caminhos do Frio deve ser cuidadosamente planejado, estudado e executado de forma profissional”, frisa Jaime Souza, presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, uma das entidades que organiza o festival. Segundo ele, esse cuidado

é crucial para fazer da iniciativa um dos maiores eventos turísticos integrados do país, estimulando o desenvolvimento turístico de toda a região e auxiliando o estado a se firmar nesse mercado.

Entre os principais exem-

plos do impacto econômico do projeto, Jaime cita a consolidação da rota gastronômica de Alagoa Nova, anteriormente carente de uma rede estruturada de restaurantes; a expansão do setor hoteleiro de Pilões, que passou a ter de duas a 12 pousa-

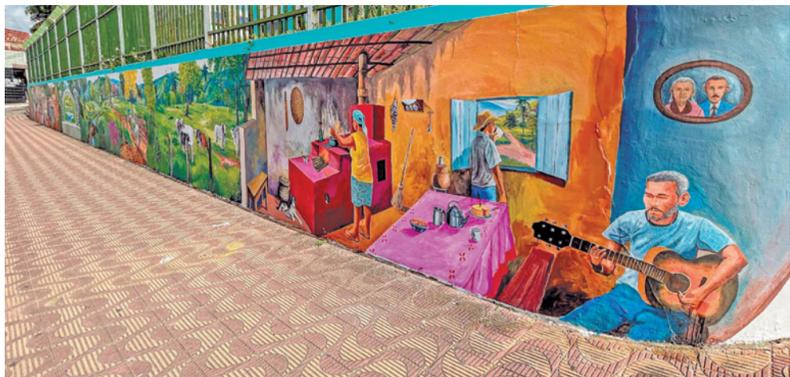
das; e a crescente exploração do café e do mel em Areia, já conhecida por produtos como a cachaça e as flores.

Buscando extrair o melhor dos potenciais de turismo de cada município integrante, Jaime salienta a Rota das Igrejas Criativas como uma das maiores inovações do evento. Conforme o organizador, a ação promove, aos sábados, em cada sede da rota, uma apresentação cultural na igreja matriz local, respeitando os ambientes religiosos e visando ampliar sua visibilidade como atrativos turísticos. Assim, de acordo com Jaime, os efeitos da iniciativa se estendem continuamente, para além dos seus meses de realização. “O Caminhos do Frio se confirma como uma vitrine importante para a região, impulsionando o turismo e a cultura ao longo do ano”, define.

Alagoa Nova, ainda segundo ele, se beneficia desse cenário desde os primeiros anos do evento, visto que, à época, já despontava como pioneira na cena turística do Brejo. Dos maiores atrativos da cidade, Jaime também cita o turismo esportivo e de aventura, valendo-se de cachoeiras e trilhas ecológicas, além da intensa produção cultural, incluindo cinema, teatro e artes plásticas — com artistas divulgando suas obras em ateliês e pelas ruas do município.



Cachoeiras e trilhas ecológicas são atrativos da cidade



Arte de rua e a Igreja Matriz de Santa Ana também farão parte da agenda cultural



MÚSICA

Nova fase em casa

Tadeu Mathias trabalha na conclusão de um álbum com canções de Geraldo Azevedo

Após décadas morando no Rio, Tadeu Mathias segue sua carreira agora com base em João Pessoa

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Os olhos azuis de Tadeu Mathias atualmente vislumbram a beleza do mar da Praia do Bessa, na capital do estado, para onde se mudou em 2022, após residir por 40 anos no Rio de Janeiro. O artista, natural de Campina Grande, havia partido muito jovem para a capital fluminense em busca de melhores oportunidades como cantor e compositor. “Eu já não tenho mais interesses na chamada ‘cidade maravilhosas’. Hoje, para mim, a cidade maravilhosas é João Pessoa. Foi uma vida inteira longe da minha família e agora estou desfrutando da companhia dos meus irmãos”, afirma. Com quase 50 anos de carreira, ele comemora, em 2024, três outras décadas de ofício como professor de canto e preparador vocal, celebrando também uma nova fase da vida, no alto de seus 65 anos de idade.

Tadeu atendeu a reportagem de **A União** no meio da semana, enquanto se preparava para uma apresentação musical no Pôr do Sol Literário, sarau que acontece mensalmente na capital, promovido pela Confraria Sol das Letras. Com nove discos lançados e um sem-número de músicas compostas, tanto para seu próprio repertório, quanto para outros artistas, ele tem trabalhado com mais frequência no estado natal, desde a sua volta. “Na Paraíba, é difícil que a gente tenha um show que se apresente várias vezes. Montamos um e daqui a pouco temos que elaborar outro, para que continuemos a gerar interesse do público. Estou com dois shows prontos e um terceiro em preparação”, detalha.

Música do coração

Autodidata do violão, ele aprendeu a dedilhar o instrumento lutando contra o ciúme de um de seus irmãos mais velhos que tocava com amigos na sala de casa: ele só tocava no objeto apenas quando estivesse sob a cama, para evitar derrubá-lo. “A inspiração para seguir carreira da música veio do meu coração. Na minha família não deu nenhum outro artista, apenas eu. Mas eu já cantava desde os cinco anos. Minha mãe tinha uma voz suave e a minha própria voz se assemelha à dela”, rememora Tadeu.

Atraído pelos palcos, a partir dos 14 anos participou de peças de teatro amador e aos 16 passou a integrar um grupo folclórico de Campina Grande, estreitando laços com artistas locais, a exemplo do poeta Bráulio Tavares e do luthier Lanka. “Durante um festival de violeiros sediado em Campina, eu impressionei os presentes com a minha performance de Zê Limeira, o poeta do absurdo, com chapéu de couro, anéis nos dedos e um enorme par de óculos escuros”, recorda.

Amigo de Elba

Ainda adolescente, aproximou-se de Elba Ramalho, antes de ela passar temporada no Nordeste, trabalhando com o Quinteto Violado. A cantora voltou ao Nordeste em 1978, a partir de turnê com Geraldo Azevedo. Encontrando Ta-

deu mais velho e mais experiente na música, Elba o convidou para cobrir a ausência do cantor pernambucano em dois shows. “Tiramos nossas carteiras de registro de músicos juntos, em João Pessoa. Nessa época, fui incentivado por ela a ir para o Rio. Mas antes de me mudar, ainda fiz shows com Ivan Santos e o percussionista Firmino Alves, na capital”, relembra Tadeu.

No início dos anos 1980, estabelecendo-se no cenário musical do Rio de Janeiro, gravou seu primeiro compacto de vinil, com as músicas “Geraluz” e “Nós sofre, mas nós goza”. Ele testemunhou as transformações da indústria fonográfica, que passou a dar menos atenção à música regional do “pessoal do Ceará” — como os artistas nordestinos eram chamados — e investir no estilo musical de maior êxito no país, naquela época — o rock. A miscelânea de estilos pautou o trabalho de Tadeu nos anos seguintes. “O meu LP de estreia, *Zuada de Boca* foi lançado em conjunto com o *Baque Solto*, de Lenine e Lula Queiroga, num show no Teatro Ipanema, abarrotado de gente. Foi lindo e apresentamos ali a nossa força e a nossa mistura”, retrata.

O Festival dos Festivais

Disputando vaga com 12 mil inscritos, Tadeu foi selecionado para a eliminatória regional do Festival dos Festivais, programa realizado pela TV Globo em 1985, em comemoração aos 20 anos da emissora. A ideia era reviver o clima dos festivais de música dos anos 1960. Ele se apresentou no Ginásio Geraldão, em Recife, defendendo a música “Sentimento e blues”, de sua autoria. “A produção foi de Renato Correa, dos Golden Boys. Na época, fiquei muito amigo da artista Cida Moreira, que competiu comigo. Também curti muito a admiração que as jornalistas Glória Maria, Astrid Fontenelle e Leila Cordeiro nutriram por mim naquele momento”, evoca Tadeu.

Apesar de não ter seguido para a final, a música encantou os produtores musicais da Globo, que selecionaram a canção do festival para a trilha sonora da novela *De Quina Pra Lua*, no mesmo ano. A música embalava as cenas do personagem Paulo Betti e a projeção por meio da televisão fez com o tema alcançasse sucesso nas rádios brasileiras. Dois anos antes, ele havia emplacado outra música em uma novela — “Branco de alma negra”, selecionada para a trilha de *Sabor de Mel*, da Band. Em 1992, foi convidado pelo diretor Jorge Fernando para compor um tema original para *Deus nos Acuda*. “Ele me trouxe uma sinopse de uma lauda com a história da novela, fui pro meu quarto e 35 minutos depois a música ‘Deus nos acuda’ estava pronta. Gal Costa gravaria, mas no fim das contas Jorge pediu que eu o fizesse”, declara.

Tratando feridas

A partir de experiências traumáticas de abuso sexual e moral, vividas na infância e na juventude, Tadeu decidiu complementar o acompanhamento psicológico que já fa-

zia há quase duas décadas com a mentoria de um *coach* de desenvolvimento humano. Ele concluiu uma formação de *coaching* na mesma área e utiliza os conhecimentos adquiridos para complementar suas aulas de técnica vocal. “Diante do que ocorreu, houve uma interrupção no meu desenvolvimento sexual natural. Tenho muitos gatilhos de tristeza e rejeição em razão disso e só fui falar para a minha família aos 42 anos. O *coaching* fez uma enorme diferença na minha vida neste aspecto”, revela o cantor.

Apesar das críticas que o universo *coaching* recebe com frequência, seja por promover o trabalho de figuras controversas, seja por suscitar debates em torno da interferência de *coaches* em áreas previamente consolidadas, Tadeu afirma que esta realidade existe apenas no Brasil. “Essa profissão surgiu nos Estados Unidos e a coisa lá é feita com muita profundidade. Eles não fazem diferença entre o estudo técnico e acadêmico. Eu trabalhei com muitas outras pessoas que, como eu, tinham situações emocionais muito delicadas e também fez muito bem para elas”.

“Geraldinho”

Tadeu tem muitos planos para o futuro. Ele projeta dois discos e acaba de concluir a gravação de um novo álbum, com canções do repertório de Geraldo Azevedo, de quem também foi preparador vocal. “Eu morei com duas empresárias dele e convivi muito, tanto com o homem quanto com o artista. Geraldinho é um criador poderoso e um instrumentista fantástico. O disco não foi liberado ainda porque esbar-

rou numa questão burocrática, que esperamos ser sanada”, almeja o artista.

Ele apresenta atualmente o show *Forró de Todos Nós* e cobra um maior reconhecimento da arte paraibana, principalmente por políticos e entes públicos. “A música baiana estourou quando conseguiram implantar uma cota de 40% de canções locais nas rádios da Bahia. Músicos de fora conseguiram emplacar em João Pessoa cachês na casa dos R\$ 300 mil. Se a gente valorizar os artistas da terra, vai estar fazendo um grande negócio”, sentencia. Esperando por melhores condições de trabalho para si mesmo e para os colegas, o tempo que passa pelos olhos azuis de Tadeu não parece lhe assustar. “Eu costumava dizer que não fiz 65 anos de idade, mas de juventude”, finaliza o artista.



O cantor e compositor nos anos 1980 e 1990: selecionado no Festival dos Festivais e canções em novelas

Fotos: Arquivo A União

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

“Estranho Caminho”

Na sociedade patriarcal, o afeto é visto como algo feminino. É comum os homens não receberem os estímulos educacionais adequados para desenvolvê-lo de maneira plena e muitas vezes serem censurados quando fazem demonstrações públicas desse sentimento. Tendem, por isso, a ser menos carinhosos e a relegar o cuidado às mulheres.

Segundo a teórica e feminista Bell Hooks, o patriarcado além de impor a subordinação feminina a um sistema de dominação e exploração, também criou uma prisão para os homens, reduzindo a sua capacidade de expressar emoções e de se revelar vulneráveis e empáticos.

O que é valorizado no mundo masculino são valores e sentimentos como a agressividade, a dureza, a coragem, levando assim à repressão de sentimentos e de experiências emocionais mais amplas e complexas. Eles são subjetivamente mortificados desde a infância, o que começa pela socialização primária e é reforçado ludicamente por brinquedos, brincadeiras e jogos, diferentes para meninas e meninos, como pelos papéis de gênero que ambos são ensinados a desempenhar. Com suas potencialidades emocionais comprimidas, os homens vivem o autoisolamento e a inabilidade em lidar com o que sentem. Por outro lado, alguns conseguem desenvolver — a duras penas — uma outra linguagem afetiva. Uma gramática de amor.

Outro dia me deparei com mais um bom filme da recente safra do cinema cearense. *Estranho Caminho*, do diretor Guto Parente, é uma história sobre afetos, acontecimentos inusitados e uma difícil relação entre pai e filho. A trama se passa em Fortaleza durante a pandemia de covid. O personagem principal David (Lucas Lima) é um jovem cineasta, que vive em Portugal, mas que está de volta à sua cidade natal para participar de um Festi-

val de Cinema.

David, como todo mundo no início de 2020, foi surpreendido por uma pandemia que levou a um confinamento social, antes de sua participação no festival. Ele que estava hospedado em uma pousada, com algumas diárias pagas pela organização do evento, se viu preso em Fortaleza, com voo de volta para Portugal cancelado, sem dinheiro, amigos e família.

O único parente na cidade era o seu pai, Geraldo (Carlos Francisco), com quem tinha perdido contato há mais de dez anos e que então resolve procurar em sua casa: um apartamento minúsculo. Velho e bagunçado. Cheio de livros e com aspecto de sujeira. O pai, naturalmente, se mostra surpreso com a chegada do filho; mas não é em nada acolhedor. David fala sobre a dificuldade que vem enfrentando, como não tem mais lugar pra ficar enquanto o seu voo não é remarcado. Ouve do pai que não há condições de abrigá-lo, no momento, mas que anote o seu número de telefone num pedaço de papel para que possa entrar em contato caso as coisas mudem. Aquilo é visto por David como expressão de uma falta de amor, que se sente humilhado e vai embora.

Um tempo depois, recebe de madrugada um telefonema. É Geraldo dizendo que pode passar alguns dias em sua casa. A ida de David para a residência do pai revelará um estranho caminho que os empurram por uma estrada tortuosa em busca de afeto. Geraldo é retratado pela narrativa como alguém cheio de manias, que passa o dia escrevendo algo num computador, que não gosta de ser interrompido e que detesta barulho. Sobretudo, como um homem que não sabe se comunicar de maneira não agressiva com seu filho. Os diálogos são quase sempre tensos e ruidosos, devido mais ao pai do que ao filho, passando a sensação de que podem escalar a qualquer momen-

to. O que deixa a convivência estressante, criando uma sensação de angústia nos espectadores do filme.

David tem que “pisar em ovos” ao caminhar sobre um desconhecido campo minado, de uma relação que nunca se constituiu de fato. A não ser no mundo de sua imaginação ou nas falas de sua mãe sobre a possibilidade dele se reaproximar do pai. O que vemos são escombros. Vestígios arqueológicos de um passado. Eles, no entanto, vão tentando coser, cada um a seu modo, novos laços. Um fosso geracional os separa. David é um jovem com vinte e poucos anos que é “capaz de ir, e que vai muito mais além do que imaginamos”. Geraldo é um homem de 69 anos que foi embrutecido pela vida, com muita dificuldade de expressar os seus verdadeiros sentimentos. Mas que por alguns instantes furtivos, deixa escapar um pouco de afeto e carinho. O que pode ser interpretado como um mísero sentimento afetivo, uma migalha, é visto por David como algo muito importante. Talvez por sua carência afetiva ou pela situação de desamparo em que se encontra ou mesmo por entender que aquela era a única linguagem de amor que seu pai conhecia.

Ao longo da história, David descobrirá que o pai publicou um livro com orientações sobre como ter uma vida e uma família feliz. Com um capítulo em que ensina as pessoas a lidar com os filhos de maneira amável e a manter saudável o casamento. Uma contradição flagrante com a sua prática. O jovem ainda vai enfrentar a experiência de ter o pai contaminado pelo coronavírus, o medo da perda e da morte, sempre mesquinha e cruel. O estranho caminho que une essas personagens nos conecta a um destino apontado por Clarice Lispector: “Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada.”

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Purificar e destruir

A maldade humana se apresenta de maneira sedutora, perseguindo seus próprios interesses. Este comportamento é marcado pelo egoísmo e, frequentemente, se manifesta por meio da falsidade. Além disso, pode se expressar pelo sadismo, visando semear o medo nos demais por meio de agressões psicológicas ou físicas, o que resulta na destruição de valores socioafetivos e na desconsideração das normas sociais. Diante disso, quais são as expectativas em relação a um psicopata ou a um indivíduo em situação de exclusão social?

Joseph-Achille Mbembe (1957) é um filósofo, historiador, teórico político e professor nascido na República dos Camarões, na África Ocidental. Em sua obra *Necropolítica* (2019), ele critica o modelo de governo que utiliza o poder social e político para determinar quem deve viver e quem deve morrer dentro de um contexto econômico. Nesse livro, o autor analisa a questão da maldade, destacando uma constante social que evidencia uma fragilidade nas lideranças políticas, que falham ao responder tanto à escassez material quanto à dignidade humana. Ele define esse fenômeno por necropolítica, também é conhecida como “política da morte”, que é uma força coercitiva para controlar ou eliminar cidadãos. O pensador afirma que “A expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder” (Mbembe, 2018). Nesse argumento, a conexão entre o poder estatal e a morte — vista como um aspecto da gestão pública



O filósofo Mbembe: crítica à necropolítica

— representa um processo destruidor em regimes totalitários ou com o apoio de líderes psicopatas. Estes exercem seu domínio por meio de discursos de ódio, que visam eliminar a dignidade humana e, conseqüentemente, destruir a vida. Isso resulta em uma dessensibilização em relação à miséria alheia, convertendo o cidadão em um louco, levando-o ao desespero e, em muitos casos, ao suicídio. A dignidade de uma população é afetada pela disparidade entre o direito à vida e as políticas que promovem a morte.

De acordo com Mbembe, as brutalidades nas interações das falsas políticas se intensificam com a legitimidade do assassinato em governos não democráticos, como uma forma de instaurar o terror. A ausência do Estado frente aos discursos de ódio estabelece a necropolítica como uma desordem caracterizada por conflitos de eliminação, discriminação e massacres. Assim, a dignidade de um povo é afetada por

esse processo perverso entre o direito à vida e a política de morte.

Na atualidade, a análise política evidencia as teorias normativas da democracia, utilizando a razão como fundamento da soberania para elaborar leis que promovam a equidade. O cidadão deve ser tratado como aquele que possui a capacidade de autoconhecimento, autoconsciência, autogestão, pertencimento e autonomia. A partir da valorização da dignidade humana, é possível distinguir a necropolítica da intenção perversa de eliminar o que é considerado diferente e indesejável. Nos relacionamentos, razão e sensibilidade devem priorizar o direito à vida, enquanto a política deve se orientar pelo que é benéfico a todos, considerando o bem comum.

Sinta-se convidado à audição do 48º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 1, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou através do link <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>.

Durante a transmissão, comentarei sobre algumas obras do pianista e compositor russo Dmitriy Dmitriyevich Shostakovich (1906 - 1975). Diante das tragédias provocadas pela Segunda Guerra Mundial, ele desenvolveu um senso crítico no povo com a finalidade de eliminar a loucura dos ditadores e seus regimes totalitários, buscando assim evitar a brutalidade humana e a aniquilação de cidadãos. Shostakovich expressa um otimismo direcionado para a construção de uma sociedade humanizada. Em suas composições, ele une temas trágicos e políticos a sátiras sociais, denunciando a miséria que engessava seu povo. Ele utilizou conceitos do formalismo russo e do realismo estético soviético como temas para denunciar o totalitarismo político, reimaginando as angústias pessoais e a depressão coletiva geradas pelas opressões impostas pelos ditadores.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Síndrome de
Frankenstein

Eu vou me adiantando empinando minha pipa, até chegar à linha invisível. Falar sozinho é uma síndrome? É nada, é apenas um monólogo, a síndrome dos tagarela está além dos enxeridos. Pelo menos não escuto vozes. Cadê a saboneteira, Sr. Frankenstein? Cansaço mental é doença?

Entre na Rua Santo Elias (Centro da Cidade) tentando localizar aquela loja que vendia animais empalhados, anos 1970, procurando “*un gatto nel blu*”, mas a rua está obesa de comerciantes eletrônicos, que tomaram as calçadas com caras de Frankenstein. Escuto meus passos. Cadê aquela acácia que estava ali?

Outro dia, andava até o antigo Colégio Pio XII pela Avenida Duque de Caxias, e comecei a ouvir novamente meus passos. Parei, olhei e pensei: tá na hora do texto virar verbo. Tem alguém me seguido? Rastrear outra pessoa é uma síndrome?

Não, nada de pânico, não se espante é só minha sombra que vai na frente. O motorista do Uber disse que daqui a cinco anos todo o centro de João Pessoa estará de portas fechadas. Como assim? “Os comerciantes ainda estão aqui por causa dos chineses”, alertou. Ah, somos chineses, né?

Quem disse que somos chineses foi o João Gilberto. A propósito, vi um podcast no Instagram @bossaPB com um tal de Paulinho Lima, cara de tacho, dizendo que João Gilberto “era a mais cruel das criaturas”. Quem és tu, criatura? “João Gilberto era esquizofrênico”, repete o Paulinho. Ai você encontra um Frankenstein na rua e diz “tudo bem”, ele responde: “tudo bem”.

Melhor que qualquer outro observador, só Saramago: “Não sou pessimista, o mundo é que é péssimo.” Saramago é uma síndrome? A viúva Pilar Del Rio, responde: “Como dizia José Saramago, os três vetores que definem nosso tempo são: a resignação, o medo e a indiferença. Com a indiferença, não importa o que aconteça ao outro, se minha família está bem. A resignação é o sentimento de que não podemos fazer nada, e temos o medo de perder o pouco que temos”.

Voltemos as síndromes — o Centro de João Pessoa já não me lembra um hospício, embora os zumbis estão em toda parte. Canto nos stories que aqui é o fim do mundo, num cenário de falsa felicidade, de quem não está mais sofrendo com abstinência danada das síndromes. Tô tinindo — vejo uma natureza morta, onde nem a expiação do egoísmo e da cobiça combinam.

Um senhor jornalista morador da Praia do Cabo Branco, disse que daqui a algumas décadas a cidade vai voltar para o centro, quando a orla estiver superlotada. Tenham todos uma Boa Sentença.

Até quando vou continuar ouvindo meus passos? Na Rua Conselheiro Henriques, Centro, no Bistrô 17, parecia que eu usava tamancos. Seja no mercado, nas calçadas, na ladeira de São Francisco que me leva para a Fonte do Desejo. Menopausa é tudo, menos pausa, né?

Noutro podcast fui entender que existe a síndrome do escrivão, que acomete os braços e provoca espasmos quando a pessoa repete o movimento que lhe causa dor, mas bom mesmo é a paz que sexo traz.

Por que somos todos teimosos? Porque muitos giram em torno do dinheiro e outros matam cachorro a grito. Dinheiro é uma síndrome? Olha, depende do temperamento: se a criatura toma remédio para dormir e acordar, tá tudo em cima. Hipocondríaco é uma síndrome? E a fumaça que cobre o Brasil? Ah, o Brasil só tem duas estações: seca e enchente. Até domingo.

Kapetadas

- 1 - A vitalidade só tem um defeito: não é vitalícia.
- 2 - Debaixo do viaduto, o sem-teto escreveu o nome de Jesus. Usou o santo nome em vão.



“Frankenstein”, de 1931: síndrome dos lojistas da Santo Elias?

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O cinema paraibano e suas instituições

A trajetória do cinema paraibano, até hoje reconhecida mediante uma literatura sobretudo específica, sempre teve o respeito da opinião pública. A razão disso é bastante simples, levando-se em conta as atitudes firmes, na maioria das vezes isoladas, de seus realizadores. Também, de iniciativas de alguém que vê no cinema algo mais que a possibilidade de assistir a um filme de sua preferência ou simplesmente, de acionar a própria câmera filmadora, buscando “filmar” as imagens de seu particular encantamento. Um costume cada vez mais raro, que está sendo substituído por “gravar” suas imagens em apenas um celular.

E por aludirmos a “atitudes firmes e isoladas”, curiosamente originais do ponto de vista de pessoas sempre atentas ao cinema, analisando-o como uma forma múltipla sobre todas as artes, é que incluímos fatos como o advento das instituições valiosas e representativas do bom e sério cinema.

A literatura especializada, bem como a própria história, tem mostrado que são as instituições de cultura cinematográfica que foram criadas — desde a Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, nos anos de 1950, até a recente Academia Paraibana de Cinema (APC) —, as legítimas responsáveis pela singularidade da MoveArt em nosso estado. São ações motivadoras na criação de vários cineclubes, por exemplo, não só em João Pessoa, mas pelo interior paraibano.



Foto: Arquivo pessoal

Manfredo Caldas, Alex Santos, Nelson Pereira dos Santos, Linduarte Noronha e João de Lima

No caso mais recente, poderia citar o esforço quase que individual de um dos remanescentes da Geração 50, que, recebendo o apoio de parceiros também cientes do real valor da cultura cinematográfica entre nós, criamos a nossa atual Academia de Cinema, uma entidade que vem cumprindo o seu nobre papel de tentar socializar ainda mais uma cultura fílmica entre nós. Finalidade muito bem observada pelo historiador paraibano José Octávio de Arruda Melo, quando afirma em um de seus artigos de época, para **A União**:

“Muito bem posta e ainda melhor executada essa ideia de criação da Academia Paraibana de Cinema, liderada por Wills Leal, Alex Santos e José Be-

zerra Filho, sendo o primeiro um de nossos mais criativos intelectuais, o segundo cineasta na plena acepção do termo, e o produtor de *O Salário da Morte* (1970), a APC despontou sob aplausos praticamente unânimes”.

Em quase vinte anos de sua fundação, em 2008, a APC teve em seu comando o jornalista Wills Leal, em duas gestões seguidas, sendo substituído pelo saudoso professor Moacir Barbosa de Sousa, e também pela atriz Zezita Matos. Agora, sob a presidência do professor João de Lima Gomes, a Academia Paraibana de Cinema ganha uma nova sede, no centro do bairro de Tambaú, na Unidade de Cultura da FCJA. – Para mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br



APC já tem uma nova sede na capital

Uma comissão da diretoria da Academia Paraibana de Cinema (APC), formada pelos acadêmicos João de Lima Gomes, presidente, Mirabeau Dias, vice-presidente, e Alex Santos, conselheiro, visitou nesta semana as novas instalações da entidade, onde passará a funcionar já no início de setembro próximo.

O novo local da APC é a Unidade de Cultura da Fundação Casa de José Américo localizada próximo à Esquina 200, em Tambaú, na Avenida Nossa Senhora dos Navegantes. Lá, serão realizados agora os encontros de cinema e as reuniões formais de diretoria. Uma das agendas para setembro será o lançamento de livro sobre a vida e obra de um dos patronos da entidade.

HOJE

Coreia em duplo evento no Espaço Cultural

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Round 6, BTS e mangás. Mesmo sem conhecer a fundo, certamente você já tomou um caldo da *hallyu*, a onda coreana que vem exportando a cultura do país asiático para o mundo nos últimos anos. Dois eventos simultâneos, o K-Nime e o BTS Day, voltados não apenas para os produtos culturais coreanos, mas para a cultura asiática no geral, acontecem hoje na

capital, a partir das 12h, na Sala de Concerto do Espaço Cultural José Lins do Rêgo, realizado pela loja de produtos coreanos Magic Shopp. O K-Nime tem entrada franca; já os ingressos para o BTS Day podem ser adquiridos na loja, no Pirâmide Shopping, em Tambaú, e no dia do evento.

OK-Nime pretende agradecer aos fãs da cultura asiática, com uma programação variada que inclui um desfile de doramas, exposição de vestimentas tradi-

cionais japonesas, e oficinas de pintura, de *hangul* (alfabeto coreano) e de mandarim (alfabeto chinês). Além disso, o evento contará com a presença da coreógrafa coreana Young Kim e apresentações de Swordplay e Just Dance, com uma área dedicada à venda de artigos de coleção. Os participantes também terão a oportunidade de conferir o lançamento de obras inspiradas em doramas, como Joely Queiroz e Aretha Guedes.

Os eventos prometem ser uma das maiores celebrações da cultura asiática na cidade. Luciana Rocha, idealizadora dos encontros, ressalta pontos diferenciais dessa realização: “Todos são de cultura asiática, mas o foco maior do evento realmente é o lado coreano. Nunca teve aqui em João Pessoa um evento que tivesse a escrita *hangul*, com escrita de mandarim e *workshops*, então vai ser bem interessante”.

Poesia no K-Nime

Apaixonada por fotografia, cinema e música, Joely Queiroz escreve desde os 10 anos e cresceu com o sonho de se tornar escritora. Natural de Aparecida, no Sertão, ela lançou em 2016 seu primeiro livro de poesia, *Nas Vielas do Meu Ser*, seguido por *Duas Casas, um Só Ser* (2021) e *Sete: Des/re/encontros* (2023), obras que serão lançadas hoje no K-Nime. Um deles é influenciado pela cultura coreana, como destaca Joely: “*Sete: Des/re/encontros*, que são de con-

tos de amor. Dentro desse livro, há dois contos específicos que retratam a cultura coreana e também a japonesa. Eles nararam a história de uma pintora nipo-brasileira e um médico sul-coreano e a história deles se passa em João Pessoa”.

Joely conta que a influência da cultura coreana sobre a sua produção começou em 2022, momento em que ela cogitava desistir de escrever em função de críticas voltadas à sua produção mais romântica. “Fiquei muito abalada com alguns comentários e aí é onde entra os doramas. Eu comecei a assistir *Hometown Cha-Cha-Cha* e aí foi um caminho sem volta, porque comecei a conhecer a comunidade de dorameiras que existe”, descreve Joely.

BTS Day

Paralelamente, o BTS Day é uma reunião de fãs voltados para um tributo ao popular grupo sul-coreano BTS, com atividades como brincadeiras, apresentações de *covers*, e um *workshop* com Young Kim. O evento também contará com uma feirinha de produtos relacionados ao grupo, uma área *gourmet* com gastronomia coreana, uma cabine de fotos e um projeto social, oferecendo uma experiência completa para os fãs da banda.

Segundo Luciana, o BTS Day acontece em vários estados do Brasil há 6 anos e este ano, aporta pelo terceiro ano consecutivo em João Pessoa.



Foto: Divulgação

A escritora Joely Queiroz vai autografar seus livros no K-Nime

K-NIME E BTS DAY

■ Hoje, a partir das 13h.

■ No Espaço Cultural (R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambaúzinho, João Pessoa).

■ Entrada franca (para o K-Nime).

■ Ingressos (para o BTS Day): R\$ 50 (Army VIP) e R\$ 25 (Army Pass), à venda na loja Magic Shop (Pirâmide Shopping, Tambaú) e na plataforma Doity.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Tributo a Gemy Cândido

Gemy Cândido (1943-2024) deixou alguns livros inéditos. Segunda-feira passada, na Fundação Casa de José Américo, um desses livros foi lançado. *Riachão de Banabuié* (João Pessoa: Edição de Martinho Sampaio, 2024), espécie de biografia e história da cidade de Esperança, berço natal do autor.

Gemy Cândido, no meu entender, é uma das personalidades intelectuais da Paraíba que muito serviço prestou no campo da cultura e das letras. Sobretudo, das letras literárias. As pesquisas que resultaram neste amplo e detalhado perfil da aldeia de Silvino Olavo vêm, em certo sentido, prolongar o alcance do biógrafo consumado, cuja prova indiscutível se perfaz com o volume *Clóvis dos Santos Lima: um Homem Predestinado*, de 2007.

A biografia que cultiva, a tomarmos como exemplo estas duas publicações, associa as figuras do historiador e do crítico literário, caracterizados pelo rigor do pensamento, pela severidade na apreciação dos fatos, das pessoas e pelo tom, não raro, duro, direto e sarcástico com que reveste os recursos estilísticos. A sua palavra, como a de um José Veríssimo, por exemplo, é sempre adversativa, pois, em meio às possíveis virtualidades do texto ou do autor que analisa, traz à tona, quase como um procedimento incontornável, este ou aquele senão que sinaliza para certas fragilidades que lhe são inerentes, formalizando, assim, sua postura crítica e exegetica.

Quando trata do escritor, na biografia de Clóvis dos Santos Lima, releva o valor e o empreendimento de suas pesquisas e de seus achados, porém, chama a atenção do leitor para o fato de que se trata de autor “pouco original no tocante à criatividade” (P. 43). Por outro lado, assegura, mais adiante que “se não é possível distinguir, nele, uma filosofia, sequer mesmo uma teoria do conhecimento e/ou uma estética literária, os seus trabalhos se impõem pelo que insinuava, ou pelo que perpassa do texto” (P. 52).

É este o estilo de Gemy Cândido. Ele, como poucos, ilustra a máxima de Buffon, naquela acepção de que o “estilo é o próprio homem”. E este estilo, colado sempre a uma percepção aguda e cáustica, se estende pelos diversos setores que atraíram seus interesses de homem estudioso e dedicado ao conhecimento. E aqui, especialmente, aos fenômenos que concernem à vida histórica e literária da Paraíba.

Nesta área em particular, Gemy Cândido, quer me parecer, atua em duas frentes de trabalho. Primeiro, o pensador, o crítico, o metacrítico, o intérprete, de que servem de prova os ensaios coligidos na *Fortuna Crítica de Augusto dos Anjos* (1981); segundo, o organizador dos elementos culturais naturalmente dispersos na dinâmica do processo histórico, conforme demonstrado em *História Crítica da Literatura Paraibana* (1983).

Diga-se, no entanto, que tais atuações, na verdade, se fundem na perspectiva de suas reflexões filosóficas, sociológicas, históricas e estéticas, a sedimentar, portanto, a unidade orgânica do seu pensamento crítico, tantas vezes demonstrado nos múltiplos ensaios monográficos que escreveu nas páginas do *Correio das Artes*, sob a editoria de Jurandy Moura, e em outros órgãos de divulgação cultural.

Gemy Cândido filia-se a uma vertente de polígrafos locais que constitui um acervo de fontes imprescindíveis ao estudo das coisas da terra. Sua história, sua arte, sua literatura. Um Eudes Barros, um João Lélis de Luna Freire, um Manoel Tavares Cavalcanti, um Ascendino Leite, um Eduardo Martins, um José Rafael de Menezes, um Horácio de Almeida, um José Octavio de Arruda Melo, entre outros, como que pavimentaram o terreno cultural sobre o qual Gemy Cândido se debruçou com argúcia e intensidade.

A efígie do crítico literário como um “solitário sobre penhascos batidos de rajadas sibilantes e da arrebatada das ondas em volta”, na singular alegoria de Fidelino de Figueiredo, casa-se perfeitamente com a sua irrequieta individualidade dentro do contexto geral da província. Fez poucos amigos, fez muitos desafetos. Não obstante, o homem inteligente e sensível aos vocativos do espírito, assim como também as instituições culturais do estado, não podem ficar indiferentes à sólida contribuição intelectual que deixou.

Dos seus inéditos, por exemplo, gostaria de ver publicados principalmente: *Fundamentos Históricos e Sociais da Literatura Paraibana*; *O Código da Linguagem Estética*; *Escoço Bibliográfico da Poesia Paraibana*; e *Dicionário Bibliográfico da Literatura Paraibana*. Quanto teríamos a ganhar e a aprender, sobremaneira, as novas gerações estudiosas, com a consulta e a leitura de obras como estas!

CINEMA

Quatro novos filmes no Cine Bangüê

Programação de setembro traz produções nacionais, drama alemão e concorrente dinamarquês ao Oscar

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Os apuros de Greice, personagem que dá nome ao título do filme luso-brasileiro homônimo, dirigido por Leonardo Mouramateus, está no primeiro dia da programação de setembro do Cine Bangüê, em João Pessoa — a sessão será hoje, às 17h. As novidades do mês também incluem: *Music*, coprodução entre Alemanha, França e Sérvia, da realizadora Angela Schanelec; *Cidade; Campo*, da diretora paulista Juliana Rojas; e *O Bastardo*, longa-metragem dinamarquês com Mads Mikkelsen. Os filmes permanecem em cartaz ao longo de setembro.

Em *Greice*, a mitômana protagonista, interpretada pela atriz Amandyra, parte do Ceará para estudar Artes em Portugal. Ao conhecer Afonso, papel de Mauro Soares, ela se envolve num bizarro incidente que custa sua vaga na universidade. Com medo de ser descoberta pela mãe, ela decide armar um plano mirabolante para impedir que sua “travessura” venha à tona. Antes da estreia nos cinemas brasileiros, o filme foi projetado no Festival de Roterdã, na Holanda, neste ano. Outras cinco sessões estão marcadas para setembro.

A sinopse de *Music* antecipa os ares de tragédia grega que o espectador terá aces-

so: inspirado no mito de Édipo, o longa traz Jon (Alocha Schneider), abandonado recém-nascido no meio de montanhas; ele é encontrado por família que o acolhe e o adota. Depois de cometer um crime, ele vai para a cadeia onde conhece Iro (Agathe Bonitzer), a diretora da prisão. A conexão desenvolvida entre os dois trará consequências imprevisíveis para ambos. O filme concorreu ao Urso de Ouro no Festival de Berlim, em 2023. A estreia será amanhã, às 19h.

Conhecida por sua incursão no universo do horror e do fantástico (como em *As Boas Maneiras*, codirigido por Marco Dutra), Julia-

na Rojas prioriza em *Cidade; Campo* o retrato realista sobre os dois ambientes citados no título. A história é dividida em dois segmentos: no primeiro, acompanhamos Joana tentando refazer sua vida após um desastre natural; no segundo, o casal urbano Flávia e Mara tenta

se adaptar à vida no interior. O quarto filme é *O Bastardo*, com Mads Mikkelsen, indicado pela Dinamarca para concorrer ao Oscar, mas este estreia apenas no dia 12.

Dois filmes que entraram na grade de agosto do Bangüê permanecem em cartaz

em setembro: *Motel Destino*, de Karim Ainouz, exibido este ano no Festival de Cannes; e *Teca e Tuti - Uma Noite na Biblioteca*, animação infantil realizada por Tiago M. A. Lima, Eduardo Perdido e Diego M. Doimo.



Fotos: Divulgação



O drama alemão “Music” (acima) e o luso-brasileiro “Greice” são as primeiras novidades de setembro no cinema do Espaço Cultural

NOVOS FILMES NO BANGÜÊ EM SETEMBRO

GREICE

Sessões: dom., 1/9: 17h; sáb. 7/9: 17h; seg., 9/9: 19h; sáb., 14/9: 15h; dom., 22/9: 15h; dom., 29/9: 17h

MUSIC

Sessões: seg., 2/9: 19h; dom., 8/9: 15h; ter., 10/9: 19h; sáb., 14/9: 17h; qui., 26/9: 19h; dom., 29/9: 15h

CIDADE; CAMPO

Sessões: ter., 3/9: 19h; dom., 8/9: 19h; sáb., 15/9: 19h; qui., 19/9: 19h; sáb., 21/9: 17h; seg., 23/9: 19h; dom., 29/9: 19h

O BASTARDO

Sessões: qui., 12/9: 19h; dom., 15/9: 19h; ter., 17/9: 19h; dom., 22/9: 19h; sáb., 28/9: 19h; seg., 30/9: 19h

Em Cartaz



Cinema

Programação de 29 de agosto a 4 de setembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande e Patos.

ESTREIAS

A CAÇA (*The Hunted*). Bélgica/França/Reino Unido/Grécia, 2024. Dir.: Louis Lagaeyte. Elenco: Lily Banda, Alec Newman. Suspense. Grupo de imigrantes se torna alvo de uma caçada humana. 1h34. 18 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 20h.

CIDADE; CAMPO. Brasil, 2024. Dir.: Juliana Rojas. Elenco: Fernanda Vianna, Mirella Façanha, Bruna Linzmeyer, Raquel Ferreira. Drama. Duas mulheres enfrentam migração entre cidade e campo. 1h59. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: ter.: 19h. CINE BANGÜÊ: ter.: 19h. Próximas semanas: dom. 8/9: 19h; sáb. 15/9: 19h; qui. 19/9: 19h; sáb. 21/9: 17h; seg. 23/9: 19h; dom. 29/9: 19h.

ESTÔMAGO II - O PODEROSO CHEF. Brasil/Itália, 2024. Dir.: Marcos Jorge. Elenco: João Miguel, Nicola Siri, Paulo Miklos. Comédia. Chef em penitenciária enfrenta a concorrência de mafioso italiano. 2h11. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 15h, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h50, 16h40, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 19h, 21h45.

GREICE. Brasil/Portugal, 2024. Dir.: Leonardo Mouramateus. Elenco: Amandyra, Mauro Soares, Jesuíta Barbosa. Comédia/drama. Estudante brasileira em Lisboa é acusada de estranho acidente. 1h50. 14 anos. João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 17h. Próximas semanas: sáb. 7/9: 17h; seg. 9/9: 19h; sáb. 14/9: 15h; dom. 22/9: 15h; dom. 29/9: 17h.

LONGLEGS - VÍNCULO MORTAL (*Longlegs*). EUA/Canadá, 2024. Dir.: Osgood Perkins. Elenco: Maika Monroe, Nicolas Cage. Suspense/policial. Para capturar serial killer, agente deve desvendar pistas. 1h41. 18 anos. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 21h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 19h, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h40, 15h45, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 17h45, 20h, 22h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h50, 18h50, 20h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: 16h50, 18h50, 20h50. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 15h, 17h, 19h, 21h05; seg. a qua.: 17h, 19h, 21h05. MULTICINE PATOS 4: dub.: 19h, 21h15.

MUSIC (*Musik*). Alemanha/França/Grécia/Sérvia, 2023. Dir.: Angela Schanelec. Elenco: Alocha Schneider, Agathe Bonitzer. Drama. Jovem preso se apaixonou pela diretora da prisão. 1h48. 14 anos. João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg.: 19h. Próximas semanas: dom. 8/9: 15h; ter. 10/9: 19h; sáb. 14/9: 17h; qui. 26/9: 19h; dom. 29/9: 15h.

PETS EM AÇÃO (*Gracie and Pedro - Pets to the Rescue*). Canadá/África do Sul/EUA, 2024. Dir.: Kevin Donovan, Gottfried Roodt. Infantil/animação. Cadelita e gato se perdem dos donos em mudança. 1h27. Livre. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 14h50, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h50, 16h50. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h20, 17h10. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h20, 17h10. Patos: MULTICINE PATOS 1: dub.: 17h55. MULTICINE PATOS 3: dub.: dom.: 14h20; seg. a qua.: 15h40. MULTICINE PATOS 4: dub.: dom.: 16h50.

CONTINUAÇÃO

ALIEN - ROMULUS (*Alien - Romulus*). EUA/Reino Unido, 2024. Dir.: Fede Alvarez. Elenco: Cailee Spaeny, David Jonsson. Ficção científica/suspense. Em uma estação espacial abandonada, jovens exploradores encontram criatura assassina. 1h59. 16 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 17h15, 22h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 18h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: seg. a qua.: 18h50.

O CORVO (*The Crow*). Reino Unido/França/EUA, 2024. Dir.: Rupert Sanders. Elenco: Bill Skarsgård, FKA Twigs, Danny Huston. Aventura. Astro do rock assassinado volta dos mortos para se vingar. 1h51. 18 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 19h10, 21h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 16h, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 19h, 21h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 19h, 21h. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: seg. a qua.: 21h15. MULTICINE PATOS 1: dub.: dub.: 20h35.

DEADPOOL & WOLVERINE (*Deadpool & Wolverine*). EUA, 2024. Dir.: Shawn Levy. Elenco: Ryan Reynolds, Hugh Jackman, Emma Corrin. Aventura. Dois super-heróis irascíveis se unem para salvar universo. 2h07. 18 anos. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 15h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-xe): dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h45, 18h45, 21h50. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h10, 17h50, 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h10, 17h50, 20h30. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: seg. a qua.: 21h. MULTICINE PATOS 3: dub.: dom.: 17h15; seg. a qua.: 17h45.

DIVERTIDA MENTE 2 (*Inside Out 2*). EUA/Japão, 2024. Dir.: Kelsey Mann. Vozes na dublagem brasileira: Miá Mello, Tatá Werneck, Dani Calabresa, Katiuscia Canoro, Otaviano Costa, Léo Jaime. Aventura/comédia/animação. As emoções na cabeça de menina de 13 anos têm problemas quando novos sentimentos surgem. 1h36. Livre. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h50.

É ASSIM QUE ACABA (*It Ends with Us*). EUA, 2024. Dir.: Justin Baldoni. Elenco: Blake Lively, Justin Baldoni, Jenny Slate. Drama/romance. Mulher em relacionamento tóxico reencontra amor do passado. 2h10. 14 anos. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h, 18h; leg.: 20h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h30, 18h30, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h40, 16h30, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: dom. a ter.: 15h45, 18h10, 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: dom. a ter.: 15h45, 18h10, 20h40. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: seg. a qua.: 16h, 18h40. MULTICINE PATOS 1: dub.: dom.: 15h, 19h55; seg. a qua.: 15h20, 19h55.

HAROLD E O LÁPIS MÁGICO (*Harold and the Purple Pencil*). EUA, 2024. Dir.: Carlos Saldanha. Elenco: Zachary Levi, Lil Rel Howery, Zooey Deschanel. Aventura/infantil. Personagem que toma real tudo o que desenha vem para o mundo real. 1h30. Livre. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 15h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h10.

O MENSAGEIRO. Brasil/Argentina, 2024. Dir.: Lúcia Murat. Elenco: Georgette Fadel, Shico Menegat. Drama. Prisioneira política recebe a ajuda de um soldado que leva mensagens dela para a família. 1h50. 14 anos. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: seg. a qua.: 15h30.

MEU MALVADO FAVORITO 4 (*Despicable Me 4*). EUA, 2024. Dir.: Chris Renaud. Vozes na dublagem brasileira: Leandro Hassum, Maria Clara Gueiros. Comédia/aventura/animação. Família de ex-vilão é forçada a fugir quando é perseguida. 1h35. Livre. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 16h45. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: dom.: 14h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: dom.: 14h. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h, 16h50; seg. a qua.: 16h50. MULTICINE PATOS 4: dub.: dom.: 14h40; seg. a qua.: 16h50.

MOTEL DESTINO. Brasil/França/Alemanha/Reino Unido, 2024. Dir.: Karim A-

nouz. Elenco: Fábio Assunção, Nataly Rocha, Iago Xavier. Drama/suspense. Chegada de um jovem alterna a rotina de um motel de beira de estrada no Ceará. 1h59. 16 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 14h45, 17h30, 20h15, 22h20. CINE BANGÜÊ: dom.: 19h. Próximas semanas: qui. 5/9: 19h; sáb. 7/9: 19h; dom. 8/9: 17h; sáb. 14/9: 19h; seg. 16/9: 19h; sáb. 21/9: 19h; dom. 22/9: 17h; ter. 24/9: 19h; sáb. 28/9: 17h.

PISQUE DUAS VEZES (*Blink Twice*). México/EUA, 2024. Dir.: Zöe Kravitz. Elenco: Naomi Ackie, Channing Tatum. Mistério/suspense. Garçonne em viagem com milionário, percebe coisas estranhas. 1h43. 18 anos. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h20. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h20.

PRINCESA ADORMECIDA. Brasil, 2024. Dir.: Cláudio Beckel. Elenco: Pietra Quintela, Maísa, Patrícia França. Comédia/fantasia. Garota descobre que é princesa de um país distante e alvo de vilã. 1h20. 10 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h30, 15h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 13h10.

TECA E TUTI - UMA NOITE NA BIBLIOTECA. Brasil, 2024. Dir.: Eduardo Perdido, Tiago MAL e Diego M. Doimo. Aventura/animação/infantil. Traça investiga mistério numa biblioteca. 1h14. Livre. João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom.: 15h. Próximas semanas: sáb. 7/9: 15h; dom. 15/9: 15h; sáb. 21/9: 15h; sáb. 28/9: 15h.

TIPOS DE GENTILEZA (*Kinds of Kindness*). Irlanda/Reino Unido/EUA/Grécia, 2024. Dir.: Yorgos Lanthimos. Elenco: Emma Stone, Jesse Plemons, Willem Dafoe, Margaret Qualley. Comédia/drama. Três personagens enfrentam os caminhos imprevisíveis da vida. 2h44. 18 anos. João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 21h.

A VIÚVA CLICQUOT (*Widow Clicquot*). EUA, 2024. Dir.: Thomas Napper. Elenco: Haley Bennett, Tom Sturridge. Drama. No século 18, viúva assume produção de champagne da família. 1h30. 14 anos. João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h15, 18h50.

REAPRESENTAÇÃO

LUCCAS E GIEM DINOSAURIOS. Brasil, 2024. Dir.: Leandro Neri. Elenco: Luccas Neto, Gi Alparone, Juliana Knust. Comédia/aventura/infantil. Irmãos descobrem plano para trazer dinossauros de volta. 1h31. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 13h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 13h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 13h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 13h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 13h50.

Teatro

HOJE

EMERSON CEARÁ. Humorista apresenta seu solo de stand up, *Se Acalme*. 18 anos. João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Domingo, 1/9, 18h e 20h. Ingressos: R\$ 90 (inteira) e R\$ 45 (meia), antecipado na plataforma Sympla. Campina Grande: TEATRO FACISA (Unifacisa, Av. Sen. Argemiro de Figueiredo, 1901, Sandra Cavalcante). Sexta, 22/11, 19h30. Ingressos: R\$ 90 (inteira) e R\$ 45 (meia), antecipado na plataforma Sympla.

Música

HOJE

SYSTEM OF A DOWN EXPERIENCE. Banda Fuck the System apresenta sucessos da banda de rock. João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 16h. Ingressos: R\$ 15, antecipados na plataforma Sympla.

Exposições

HOJE

O AUTO DE ARIANO, O REALISTA ESPERANÇOSO. Exposição imersiva sobre o escritor paraibano. Duração: 1h30. Classificação: 10 anos. João Pessoa: LUZZCO (Rua Severino Garcia Galvão, 161, Altiplano). Ingressos: R\$ 70 (inteira) e R\$ 35 (meia), antecipados na plataforma Outgo.

WILSON FIGUEIREDO. Pinturas e esculpturas na exposição *Reminiscência Afetiva*. João Pessoa: FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO (Av. Cabo Branco, 3336, Cabo Branco — 3219-0900 - @fundacaocasa). Visitação até 23 de setembro. Entrada franca.

ELEIÇÕES PARA PREFEITURAS

Pleito tem 2,34 candidatos por cargo

No Legislativo, para as 2.207 cadeiras disponíveis, a média é de 4,11 pretendentes para a função de vereador

João Pedro Ramalho
joapramalhom@gmail.com

No dia 6 de outubro, os paraibanos irão às urnas para eleger os prefeitos e vereadores nos 223 municípios do estado. São 3.225.312 eleitores aptos a participar do pleito, cujo “cardápio” conta com 521 concorrentes às prefeituras e 9.067 postulantes às câmaras municipais. De acordo com os dados do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), a concorrência aos 223 cargos no Executivo está em 2,34 candidatos por vaga. Já no Legislativo, para as 2.207 cadeiras disponíveis, a média é de 4,11 pretendentes por cargo.

A quantidade de vagas para as câmaras municipais, aliás, varia de acordo com a população local. João Pessoa, por exemplo, reserva a maior quantia para a esfera legislativa na Paraíba, com a eleição de 29 candidatos. Já em outros 169 municípios, o total de vereadores escolhidos após o pleito será de nove, menor número estipulado pela Constituição Federal. A capital paraibana possui, ainda,

a segunda maior concorrência ao cargo no estado (15,26 candidatos por vaga), atrás apenas de Campina Grande (15,3). Na outra ponta dessa escala, há duas cidades em que a disputa é mínima. Com 10 postulantes a nove cadeiras no Legislativo, os municípios de Poço Dantas e Serra Grande possuem concorrência de apenas 1,11.

João Pessoa e Campina Grande também são as cidades com o maior número de eleitores. Há, nelas, 566.290 e 298.888 pessoas habilitadas a votar, respectivamente. Como possuem mais de 200 mil eleitores, limite mínimo estabelecido pela Constituição, também são os únicos municípios, na Paraíba, com possibilidade de decidir a eleição para prefeito em segundo turno. Para que isso aconteça, nenhum candidato pode atingir mais da metade dos votos válidos, correspondente ao total após a exclusão dos brancos e nulos. O eventual segundo turno, assim, contaria com os dois postulantes mais votados na primeira etapa do pleito.



Um único voto pode decidir disputa

A corrida para o Executivo em seis municípios paraibanos tem uma particularidade neste ano: a presença de apenas um candidato. Esse cenário ocorre nas cidades de Junco do Seridó, Poço Dantas e São João do Tigre, onde os atuais prefeitos buscam a reeleição; Santa Cruz, na qual o vice-prefeito concorre ao cargo; além de Ouro Velho e São José do Sabugi. Em todos os casos, a conta para a eleição é simples, como esclarece a juíza titular da 70ª Zona Eleitoral da Paraíba, Silvana Pires Brasil Gouveia Cavalcanti. “O candidato pode ser eleito apenas com o próprio voto. Isso porque nulos e brancos são descartados na contagem, sendo apenas os votos válidos considerados para aferição da maioria. De modo que, se todos os votos forem nulos ou brancos, mas o candidato votar validamente em si mesmo, terá a maioria e será eleito”, declara.



Juíza Silvana Cavalcanti



Advogado Solon Benevides

Silvana Cavalcanti ressalta que esse descompasso pode se dar pela diferença temporal entre a realização do censo, dois anos atrás, e a atualização do número de eleitores, feita em julho.

Além disso, para o professor de Direito Constitucional da Universidade Federal da

Paraíba (UFPB), Solon Benevides, essa situação não traz, por si só, um indício de corrupção. Especialmente em regiões metropolitanas, é comum que os habitantes saiam de sua terra de origem para viver em outros locais, mas retornem para votar. “O domicílio eleitoral de uma pessoa é marcado não pelo fato de ela morar em uma cidade, mas pela sua vinculação histórica e cultural com o município. Por exemplo, se um cidadão é eleitor em um município, mas está fazendo um curso em uma universidade federal e precisa morar em João Pessoa, ele não vai ser contabilizado, pelo IBGE, como morador da cidade de origem, mas será eleitor de lá”, afirma.

Ainda segundo Benevides, contudo, existe a possibilidade de a quantidade de eleitores sofrer uma revisão do TRE. “Se a discrepância for muito grande, o tribunal faz o que a gente chama de correção eleitoral: vai ao município e recadastra os eleitores. Mas não há um parâmetro jurisprudencial para isso. O próprio TRE, pelas suas estatísticas, verifica quando a discrepância é grande ou menor”, complementa o professor da UFPB.

Como funciona o processo e como o eleitor deve proceder diante da urna

Daqui a cinco semanas, cada eleitor que se colocar em frente à urna eletrônica seguirá os mesmos passos. Inicialmente, o voto é direcionado para os vereadores. Pode-se votar nominalmente no candidato, representado por um número de cinco dígitos, ou nos dois dígitos do partido político, o chamado voto de legenda. No segundo caso, se o partido integrar uma federação, o voto será destinado à federação. Após confirmar a escolha para o Legislativo, vem a decisão para o cargo de prefeito, em que cada postulante é representado por um número de dois dígitos.

Os representantes políticos eleitos neste ano atuam em duas esferas distintas do poder. Nossa Constituição segue o modelo da divisão em três poderes — Executivo, Legislativo e Judiciário —, que devem ser independentes e harmônicos entre si, possuindo, portanto, atribuições diferentes. Solon Benevides detalha algumas das funções do prefeito, chefe do Executivo nos municípios, e dos vereadores, integrantes do Legislativo. “São atribuições do Executivo municipal a administração

pública e executar o orçamento público aprovado pelo Legislativo. Já os vereadores têm um papel muito importante na criação das leis. A própria Constituição os obriga a legislar sobre matérias como o Imposto sobre Serviços, um imposto municipal e que deve ser modificado pela Reforma Tributária”, discorre.

Os dois cargos divergem, também, na forma de definição dos seus mandatários. Enquanto os prefeitos são escolhidos pelo sistema majoritário, no qual vence o candidato com a maioria dos votos, a eleição para os vereadores segue o modelo proporcional, que busca fortalecer os partidos e permite uma maior diversidade de posicionamentos políticos na composição da câmara.

Na eleição no sistema proporcional, divide-se o total de votos válidos contabilizados no pleito pelas vagas disponíveis. O valor resultante é o quociente eleitoral, correspondente ao mínimo que os partidos devem atingir. Em seguida, é feita a divisão dos votos obtidos por cada partido ou federação pelo quociente eleitoral. O resultado, cha-

mado de quociente partidário, indica a quantidade de vagas que cada legenda ocupará. Se o valor for um número decimal, as casas após a vírgula são desconsideradas. Assim, caso um partido obtenha, por exemplo, o quociente partidário de 3,35, seus três candidatos mais votados serão eleitos, desde que tenham alcançado, pelo menos, 10% do quociente eleitoral.

É possível que ainda sobrem vagas a ser preenchidas. Nesse caso, faz-se uma nova conta, da qual podem participar os partidos que somaram, no mínimo, 80% do quociente eleitoral e que possuem candidatos com votação igual a 20% ou mais desse valor. “Se o partido A teve direito, inicialmente, a três vagas, a gente divide os votos válidos recebidos pelo número de vagas que ele já preencheu, somado a um. Ou seja, se ele tinha três vagas, a divisão será feita por quatro. A mesma conta vai ser aplicada para todos os outros partidos. Quem tiver a maior média preenche uma vaga, e a gente repete o cálculo para cada uma das vagas seguintes”, aponta Benevides.

Importância para manutenção da democracia no Brasil

■ Quanto maior a participação nas eleições, melhor é o retrato da vontade popular obtido após a apuração

Decidir entre tantos candidatos, seja a prefeito, seja a vereador, é uma ação fundamental para a manutenção da democracia no país. E, embora seja obrigatório, nem todos os eleitores marcam presença no dia do pleito. Para Silvana Cavalcanti, porém, quanto maior a participação nas eleições, melhor é o retrato da vontade popular

obtido após a apuração. “O voto é a expressão da avaliação que o eleitor fez do trabalho ou das propostas dos candidatos ao longo do mandato ou do processo eleitoral. Temos a falsa impressão de que o foco são os candidatos, porque eles aparecem na mídia e arrastam a população pelas ruas, quando na verdade o eleitor é o protagonis-

ta. A eleição é o momento de dar voz à população e o resultado do pleito deve refletir o que a maioria espera de seus representantes”, defende a juíza.

A titular da 70ª Zona Eleitoral também reforça a segurança do sistema eleitoral, com a garantia de que a decisão dos eleitores será respeitada ao fim do dia 6 de outubro. “Os dados in-

teridos na urna são submetidos à análise de partidos políticos e coligações, protegidos por código-fonte e lacrados com assinatura digital dos representantes dos partidos, da OAB [Ordem dos Advogados do Brasil] e do Ministério Público. Além disso, a urna eletrônica não é ligada em rede, por isso não pode ser invadida. Antes do início da vo-

tação, o equipamento emite um relatório para demonstrar que não há nenhum voto computado, chamado zerésima, e, ao final, emite o boletim com todos os votos registrados, que pode ser confrontado com os dados enviados ao TSE [Tribunal Superior Eleitoral]. Portanto, o voto depositado é o voto lido pela urna”, assevera Silvana.

SISTEMA TRIBUTÁRIO

Governo critica notícias falsas e exalta reforma

Alíquota padrão, que hoje é de mais de 34%, será inferior após a mudança

Da Redação
Com Agência Gov

A reforma tributária é um alvo recorrente de conteúdos de desinformação, que, frequentemente, alegam informações falsas sobre aumentos de impostos. É o que tem alertado, nos últimos dias, o Governo Federal.

Discutida no Congresso Nacional, a mudança no arranjo dos tributos sobre bens e serviços tem o objetivo de simplificar e tornar a cobrança e o pagamento de impostos menos burocráticos e mais transparentes.

Recentemente, o Ministério da Fazenda divulgou uma nota técnica com a simulação dos impactos das alterações feitas pela Câmara dos Deputados no Projeto de Lei Complementar (PLP) nº 68/2024 sobre a alíquota de referência da Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) e do Imposto sobre Bens e Serviços (IBS). Segundo o estudo, as mudanças no projeto resultaram no aumento de 1,47 ponto percentual na alíquota original da proposta enviada ao Congresso, o que representa uma alíquota de referência um pouco inferior a 28%.

De acordo com o Governo Federal, essa é a alíquota padrão, ou seja, aquela que será aplicada aos bens e serviços que não têm tratamento favorecido. A alíquota média, que considera os bens e serviços com tributação reduzida, é bem inferior a esse valor. Além disso, a alíquota média, após a reforma tributária, será inferior à alíquota



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Carga tributária bruta do Governo Federal caiu em 2023 em relação ao ano anterior

média atual, pois a reforma tributária reduzirá muito a sonegação e as fraudes. Se os maus pagadores desembolsarão mais que hoje, os bons pagadores terão de desembolsar menos.

Adicionalmente, a alíquota padrão para uma mercadoria, hoje, é de mais de 34%, ou seja, muito superior a 28%. Essa é a alíquota sobre o preço sem imposto (como será a alíquota após a reforma tributária) para um produto que paga 18% de ICMS e 9,25% de PIS/Cofins, que é a situação mais comum no Brasil, hoje, para um produto que não está sujeito ao IPI (para o qual a alíquota é ainda mais alta).

O estudo do Ministério da Fazenda salienta que a migração para o novo sistema tributário está prevista para ocorrer de maneira gradual, ao longo do período entre 2027 e 2032, e foi concebi-

da sob o pressuposto de que não haverá aumento da carga tributária. Para isso, foi estabelecida a diretriz constitucional de manutenção da carga tributária e criado um mecanismo de ajuste mediante a calibragem das alíquotas de referência do IBS e da CBS.

As alíquotas de referência do IBS e da CBS "serão fixadas e revisadas anualmente [durante a transição] por resolução do Senado Federal, com base em cálculos realizados pelo Tribunal de Contas da União (TCU) que deverão considerar os efeitos sobre a arrecadação de quaisquer tratamentos diferenciados que resultem em arrecadação diferente daquela que seria obtida com a alíquota de referência".

A nota do Ministério da Fazenda destaca que essa prerrogativa de que não haverá aumento da carga tri-

butária é importante porque cria uma relação direta entre a alíquota padrão e a extensão dos tratamentos favorecidos. Quanto mais a legislação ampliar favorecimentos, maior será a alíquota padrão cobrada sobre todos os bens e serviços não favorecidos.

Em março deste ano, o Boletim de Estimativa da Carga Tributária Bruta do Governo Geral de 2023 revelou que a carga tributária bruta (CTB) do Governo Geral (Governo Central, Estados e Municípios) atingiu 32,44% do PIB, o que representa uma diminuição de 0,64 pontos percentuais do PIB em relação a 2022. Em 2023, os impostos sobre bens e serviços apresentaram queda de 0,51 pontos percentuais do PIB em relação a 2022, mas seguiram os mais relevantes na categoria Impostos, com 12,68% do total de 24,19% do PIB.

Políticos esperam que as novas regras aqueçam a economia

O texto que regulamenta a reforma tributária foi aprovado na Câmara dos Deputados no último dia 10 de julho, por 336 votos favoráveis, 142 contrários e duas abstenções.

A necessidade de mudança no sistema tributário era discutida há mais de quatro décadas. No ano passado, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, manifestou-se pela aprovação da pauta.

"O Brasil amadureceu, sabe que precisa enfrentar essa agenda, que é a mais importante das reformas, porque ela organiza o sistema produtivo, coloca o Brasil em compasso com o que tem de mais moderno no mundo", afirmou.

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), também exaltou a importância da reformulação do sistema tributário. "A reforma tributária é um desafio diferente: a previdenciária



Foto: Rovenna Rosa/Agência Brasil

unifica a Federação e divide a sociedade; já a tributária divide a Federação e unifica a sociedade. Nosso desafio é harmonizar essas divergências", disse.

O deputado federal Aguinaldo Ribeiro (PP-PB), relator da matéria na Casa Legislativa, defendeu que a atualização da legislação possibilitará o resgate econômico do país, a partir do aumento na captação de investimentos e da recuperação das taxas de emprego e renda.

Vantagem

De acordo com um estudo do Movimento Brasil Competitivo (MBC), entidade formada por algumas das maiores companhias brasileiras e multinacionais, a aprovação e a regulamentação da reforma tributária levarão as empresas a economizar R\$ 28,1 bilhões por ano, apenas com a redução de horas gastas para o cálculo e o pagamento de tributos sobre o consumo.

A reforma coloca o Brasil em compasso com o que tem de mais moderno no mundo

Fernando Haddad

Saiba Mais

Características do IBS:

- Simplifica o sistema tributário, substituindo cinco tributos (PIS, Cofins, IPI, ICMS e ISS) pelo Imposto sobre Bens e Serviços (IBS);
- Transição vai demorar 10 anos, sem redução da carga tributária;
- Proposta também cria o Imposto Seletivo Federal, que incidirá sobre bens e serviços cujo consumo se deseja desestimular, como cigarros e bebidas alcoólicas;
- Terá caráter nacional, com alíquota formada pela soma das alíquotas federal, estaduais e municipais; estados e municípios determinam suas alíquotas por lei;
- Incidirá sobre base ampla de bens, serviços e direitos, tributando todas as utilidades destinadas ao consumo;
- Será cobrado em todas as etapas de produção e comercialização;
- Será não cumulativo;
- Conterá com mecanismo para devolução dos créditos acumulados pelos exportadores;
- Será assegurado crédito instantâneo ao imposto pago na aquisição de bens de capital;
- Incidirá em qualquer operação de importação (para consumo final ou como insumo);
- Nas operações interestaduais e intermunicipais, pertencerá ao estado e ao município de destino.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Celebridades mediócras

Os jornais, revistas, rádios e TV promovem pessoas que nada fizeram de relevante na vida em nenhum ramo de atividade. De repente, um zé mané ou uma maria fuleira qualquer aparece no Big Brother e ganha projeção nacional. A mídia pegou, por exemplo, a Xuxa, uma modelo que não sabia cantar, dançar ou interpretar, e alçou a galega aos píncaros do sucesso. São as chamadas celebridades descartáveis, se bem que no caso da Xuxa, a coisa rendeu e ainda rende muita grana. Ela acabou por se estabelecer no show business televisivo, onde políticos carreiristas, socialites (emergentes ou veteranas), dançarinas de rebolado, atores canastrões (globais ou não), pagodeiros que mal sabem falar, autoridades ansiosas por promoção e outros zeros à esquerda reinam sem qualquer mérito. Suas imagens são veneradas pelo populacho inconsciente, até serem descartadas pela própria mídia manipuladora de corações e mentes suburbanos.

Uma teoria no mínimo controversa tenta explicar o fenômeno com a hipótese de que não temos gente de mérito para focalizar. Não existem bons escritores, cientistas de grande valor, ótimos artistas e pensadores no Brasil que mereçam destaque, por isso a mídia se vira com a mediocridade mais à mão, ocupando-se em focar tipos de segunda, terceira ou nenhuma categoria, como esses influencers de redes sociais. Não concordo com essa opinião. Acho que temos pessoas de alto nível em todos os setores. O Brasil exporta tecnologia de ponta em várias esferas de atividades, e nossa cultura é, pela diversidade e esplendor, uma das mais ricas do mundo.

Em minha opinião, o que ocorre é que a manipulação da mídia, visando a interesses, puramente, com o único objetivo de gerar lucros, torna as pessoas alienadas, vivendo sem compreender os fatores sociais, políticos e culturais que os condicionam, bitolados por um processo de lavagem cerebral que os tornam idiotas, sem nenhum discernimento para ver um palmo adiante do nariz. Essa é que é a grande tragédia.

Vejam a cidade de Itabaiana, na Paraíba do Norte. Lugarejo pequeno de um dos estados mais pobres do Brasil, mas se você for ver direitinho, temos grandes homens e mulheres que merecem se tornar conhecidos e respeitados, por seu trabalho e importância. Não vou listar os nossos artistas e homens cultos que aqui nasceram, mas a série é grande e preciosa. Hoje foco apenas em um nome itabaianense, um cientista que granjeou fama e prestígio internacional pelo seu trabalho no campo da ciência, o nosso Bosco Christiano Maciel da Silva, um dos especialistas mais respeitados nas áreas de microbiologia, micologia e imunopatologia do mundo. Ele fez especialização no Instituto Pasteur de Paris, tornando-se referência no estudo da Aids e de outras doenças. Escreveu mais de 30 trabalhos publicados na imprensa especializada internacional e em anais de congressos. Atualmente, ministra aulas em cursos de graduação e pós-graduação na Universidade de São Paulo. Bosco Christiano Maciel é filho da professora Maria Helena Maciel, outra itabaianense que se destaca como educadora na Universidade Federal da Paraíba. Então, não é por falta de valores que não se promove quem tem realmente qualidades excepcionais. Adeildo Vieira é um dos maiores compositores da Paraíba, nosso conterrâneo. Ninguém escuta a música de Adeildo nas rádios daqui. Otto Cavalcanti é um pintor reconhecido em toda a Europa, mas Itabaiana, que é sua terra natal, não o conhece. Assim, temos muitos exemplos que invalidam a teoria de que não existem valores para mostrar e dar destaque.

Essa postura de desinteresse e desconhecimento provoca suspiros de consternação no pequeno grupo que sabe o porquê da degradação do que temos de mais rico. São o apagamento de nossa memória, a perda da autoestima e o empobrecimento cultural os efeitos de tal processo iníquo. O que ainda salva é a mobilização da sociedade civil, com as organizações não governamentais, a exemplo da Associação Cultural Poeta Zé da Luz, interessada em manter a salvo nosso patrimônio cultural e valores imateriais, cumprindo o dever que órgãos públicos responsáveis não cumprem.

Colunista colaborador

FREIOS E CONTRAPESOS

Senado exerce poder fiscalizador

Casa, que já estava presente em outras constituições, teve seu papel ampliado pela Carta Magna de 1988

Agência Senado

Em 1748, um intelectual francês publicava suas propostas para controlar os abusos de poder dos governantes. Conhecido como Montesquieu, Charles-Louis de Secondat não viveu o suficiente para ver o impacto que sua obra “O Espírito das Leis” teria no surgimento das democracias modernas. Naquele mesmo ano, estava em construção o suntuoso Palácio de Mafra, em Portugal, custeado em grande parte com ouro brasileiro. A realidade europeia era de impérios absolutistas. Em seu livro, Montesquieu propôs a divisão do Estado em três poderes: o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Com funções distintas, um poder limitaria o outro em caso de excessos. Além dele, outros pensadores — como John Locke — contribuíram para essa teoria. Foi nesse contexto que ideias como a da “tripartição do poder” e a do “sistema de freios e contrapesos” amadureceram ao longo dos últimos séculos, com implantação, inclusive, no Brasil.

Após 200 anos de sua criação, o Senado possui hoje ferramentas e competências poderosas para exercer uma de suas principais funções: fiscalizar a administração pública. Essa é a avaliação de Fernando Bittencourt, consultor legislativo do Senado. Mas ele ressalta que a possibilidade de criar Comissões Parlamentares de Inquéritos (CPIs), convocar autoridades para prestar informações e utilizar outros instrumentos de controle não garante, por si só, o fim das irregularidades no Executivo.

“Esse desenho [previsto na Constituição Federal de 1988] conseguiu, em alguns momentos, frear abusos. Em outros momentos, a combinação de incentivos aos poderes responsáveis pelos freios e contrapesos levou a que esses amplos recursos não tenham sido exercidos em sua potencialidade. Em 2024, Congresso e Judiciário têm uma noção clara

dos recursos de que dispõem, o que significa uma posição mais fortalecida em relação ao que havia em 1988”, avalia.

A Carta Magna de 1988, além de manter as atribuições do Poder Legislativo que já estavam presentes em outras constituições, ampliou seu papel fiscalizador e estabeleceu mais solidez na capacidade prática de exercer essa função.

Impeachment

Foi o que ocorreu, por exemplo, com o *impeachment*, que é a possibilidade de os parlamentares destituírem o presidente da República. Ela era prevista em todas as constituições republicanas, ou seja, desde 1891. Mas somente após 1988 houve casos



Foto: Reprodução/Arquivo Senado Federal

Atualmente, Senado possui ferramentas poderosas para supervisionar a administração pública

de afastamento de presidentes da República em decorrência de processos de *impeachment* que respeitaram o devido rito legal: Fernando Collor de Mello, em 1992, e Dilma Rousseff, em 2016.

O Senado é o órgão responsável por julgar os casos de *impeachment* — após autorização da Câmara dos Deputados. A perda do cargo, a inabilitação para cargo público por oito anos e a inelegibilidade dela decorrente são as sanções para os crimes de responsabilidade. A Carta Magna elenca as infrações sujeitas ao *impeachment*, como atentar contra a Constituição, contra a segurança interna do país ou o livre exercício dos poderes.

Legislativo pode abrir inquéritos e controlar contas

O processo de impedimento que culminou na renúncia de Collor em 1992 e em sua punição — com inabilitação para cargos públicos e inelegibilidade — foi desdobramento de outra ferramenta com particular visibilidade: a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). As comissões parlamentares de inquérito são colegiados temporários que têm diversas atribuições — e uma delas é apurar suspeitas de irregularidades na administração pública. Como resultado de seus trabalhos, o Brasil já viu leis surgirem, autoridades serem presas e órgãos de fiscalização serem criados.

Uma CPI pode ser composta somente por senadores ou somente por deputados federais. E também pode ser mista, quando é formada por ambos: a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI). Há CPIs que contribuíram com resultados concretos, mas nem sempre as investigações legislativas são desenvolvidas plenamente. Nos últimos 10 anos, por exemplo, 48% das comissões parlamentares de inquérito criadas não

foram instaladas, o que significa que não tiveram seus trabalhos iniciados.

Nos moldes atuais, uma comissão parlamentar de inquérito concentra algumas das atribuições investigativas de policiais e juízes, como a de convocar testemunhas e a de quebrar sigilos bancário e fiscal. Ela também pode enviar suas conclusões aos órgãos policiais ou ao Ministério Público, para que estes determinem, se for o caso, a responsabilidade civil ou criminal dos infratores.

As CPIs, no entanto, não são capazes de investigar, de forma contínua e sistemática, todos os detalhes que envolvem a administração pública. Para isso, os parlamentares contam com a colaboração de outro órgão do âmbito legislativo: os tribunais de contas.

TCU

Desde a criação do Senado, com a Constituição imperial de 1824, havia parlamentares que defendiam um maior controle das contas públicas. Em 1891, foi criado o Tribunal de Contas da



Foto: Reprodução/Fundação Casa de Rui Barbosa

Palácio Conde dos Arcos, no Rio de Janeiro, foi palco de discussão sobre o controle de gastos

União (TCU), para acompanhar as contas públicas do Poder Executivo e — conforme defendia o então ministro da Fazenda, Ruy Barbosa — atuar como um mediador independente.

Com a Constituição de 1988, as atribuições do TCU superaram o aspecto contábil e passaram a considerar um controle mais amplo sobre o andamento dos projetos governamentais. Atualmente, os auditores do tribunal analisam também a eficiência e a entrega de resultados. Além

disso, o tribunal emite opinião sobre as contas da gestão do presidente da República para que o Congresso as julgue.

Em 2016, o processo que culminou na destituição de Dilma Rousseff evidenciou a interação de diversos mecanismos de fiscalização. Um dos argumentos utilizados para o *impeachment* foi a reprovação das contas presidenciais pelo TCU.

Consultor do Senado, Fernando Bittencourt observa que a fiscalização dos parla-

mentares também leva em consideração critérios políticos, o que pode divergir das análises feitas sob outras perspectivas, como a técnica ou a jurídica. Para ele, essa tensão é inerente ao sistema político e se concilia com a democracia. “Esse protagonismo do debate político é desejável para o próprio mecanismo de freios e contrapesos, porque aumenta os espaços em que as decisões do sistema político-institucional são debatidas e reciprocamente controladas”, afirma.

Competência também abrange aprovação do orçamento

Apesar de os parlamentares não se envolverem com os detalhes dos gastos públicos já realizados, eles se dedicam às minúcias da fase de elaboração do orçamento público. O projeto de Lei Orçamentária Anual é elaborado pelo Executivo, que então o apresenta ao Congresso Nacional. A partir desse momento, os parlamentares podem alterar a proposta — e cabe a eles aprovar o orçamento. Essas prerrogativas do Legislativo constituem um instrumento periódico (nesse caso, anual) e abrangente de fiscalização. O fato de o Poder Executivo não poder gastar sem prévia autorização legal dá ao Parlamento a possibilidade de controlar as decisões governamentais. Nos últimos 33 anos, em 14 ocasiões, o orçamento foi aprovado após o recesso de fim de ano, ou seja, com atraso, como reflexo de divergências políticas.

Desde 2014, os parlamentares viram crescer sua participação no orçamento por meio das chamadas emendas impositivas. O mecanismo reserva uma fatia dos gastos públicos para que tenham a destinação e a área escolhida por cada parlamentar, comissão e bancada estadual. Em 2024, a cada R\$ 100 das despesas primárias (que não se referem a gastos financeiros, como os juros), R\$ 1,79 é reservado para que os parlamentares decidam sobre sua aplicação.

Indicação de autoridades

A Constituição de 1988 também dá ao Senado a competência para aprovar ou rejeitar, após sabatina, as indicações que o presidente da República faz para vagas em: outro poder, como é o caso dos ministros do Supremo Tribunal Federal; órgãos independentes,



Foto: Marcos Oliveira/Agência Senado

Uma das sabinas mais recentes foi a de Flávio Dino

como o Tribunal de Contas da União ou o Ministério Público da União; algumas das estruturas do Governo Federal, como é o caso de embaixadores ou diretores de agências reguladoras. A maioria das indicações são aprovadas. Nos últimos cinco anos, foram acatadas em média cerca de 76 indicações do

Governo Federal por ano.

Pedido de explicações

Os parlamentares também podem exigir o comparecimento de ministros do Governo Federal ou autoridades de nível hierárquico equivalentes do Poder Executivo para prestarem informações. A ausência sem

justificativa é crime de responsabilidade, o que pode levar ao *impeachment* da autoridade. Mas as informações também podem ser solicitadas sem que seja necessário o comparecimento da autoridade em questão — isso pode ser feito por meio do requerimento de informação. Na prática, os parlamentares costumam convidar as autoridades, sem obrigá-las a comparecer. Fernando Bittencourt destaca que os convites “difícilmente são ignorados e elevam bastante o volume de informações obtidas”. Nos últimos cinco anos, o número de requerimentos apresentados pelos senadores foi quase o dobro da quantidade que havia sido apresentada nos 18 anos anteriores.

Outras formas

A possibilidade de sustar ato do Poder Executivo que extrapole seus poderes regulamen-

EDITAL À VISTA

MPF anuncia abertura de vagas para procurador

Candidatos devem ser formados em Direito e ter experiência na área jurídica

Lilian Viana

lilian.vianacananea@gmail.com

O Ministério Público Federal (MPF) anunciou a abertura de um novo concurso público para o cargo de procurador da República; um momento significativo para aqueles que almejam uma carreira no serviço público. A resolução estabelece as diretrizes para o lançamento do edital do concurso, o que deve ocorrer em breve. O documento serve como uma orientação preliminar, permitindo que os interessados possam iniciar sua preparação com base no conteúdo programático esperado.

O último concurso para procurador da República aconteceu em 2016, com a nomeação de 82 profissionais, em 2018. Desde então, o MPF não realizou novas contratações, o que gerou um déficit de 595 servidores na carreira.

Com a aprovação do plano preliminar pelo Conselho Superior do MPF, o

edital completo deve ser divulgado até o fim deste ano. Embora o número exato de vagas ainda não tenha sido especificado, há uma expectativa de que o concurso ofereça até 223 oportunidades, conforme previsto na Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2024.

Para se candidatar ao cargo de procurador da República, é necessário possuir formação de nível superior em Direito e ter, pelo menos, três anos de experiência profissional na área jurídica. A remuneração inicial é atrativa, começando em R\$ 37,7 mil, com previsão de reajuste para R\$ 39,7 mil em 2025.

O processo seletivo será composto por várias etapas, começando com uma prova objetiva, que contará com 120 questões, abordando diversas áreas do Direito. Os candidatos que passarem nessa fase enfrentarão três provas subjetivas, realizadas em dias consecutivos, nas quais deverão elaborar

uma peça jurídica e responder a questões discursivas.

As provas subjetivas serão divididas em três grupos: Direito Constitucional, Administrativo e Ambiental; Direito Civil e Processual Civil; e Direito Penal e Processual Penal. Além disso, haverá uma prova oral, destinada a avaliar as habilidades de comunicação e argumentação dos candidatos. Os aprovados em todas as etapas passarão por uma avaliação de títulos, que levará em consideração publicações jurídicas, pós-graduações e experiência profissional.

Câmara Municipal

Enquanto o edital do MPF não sai, oficialmente, os concurrenseiros têm a oportunidade de se inscrever no concurso da Câmara Municipal de Sapé, que prorrogou as inscrições até o próximo dia 13. As vagas disponíveis são para os cargos de agente de comunicação parlamentar (duas vagas), agente de

segurança (duas vagas), assistente administrativo auxiliar (uma vaga), auxiliar de serviços gerais (duas vagas), motorista (uma vaga, para a categoria AB) e técnico legislativo (uma vaga).

Os profissionais selecionados terão uma jornada de trabalho de 30 a 40 horas semanais, com salários que variam entre R\$ 1.511,84 e R\$ 2.021,35. As inscrições devem ser realizadas exclusivamente pela internet, no site da Facet Concursos (concurso.facetconcursos.com.br). A taxa de inscrição varia de R\$ 85 a R\$ 115.

O processo de seleção incluirá uma prova objetiva, marcada para o dia 20 de outubro, com questões sobre Língua Portuguesa, Matemática, Conhecimentos Específicos e Conhecimentos Gerais. Para o cargo de motorista, haverá também uma prova prática. O concurso público terá validade de dois anos, podendo ser prorrogado a critério da Mesa Diretora da Câmara Municipal.

Carreiras

Bruno Cunha

brunocunha@carreiracombrunocunha.com.br | Colaborador

Posicionamento autônomo: como se destacar

Muitas vezes inspiradas pela situação de dificuldade que atravessa o mercado de trabalho formal, cada vez mais as pessoas vêm ocupando uma carreira profissional autônoma. Em geral, o crescimento de tal condição, nos últimos anos, deve-se, principalmente, à dificuldade na recuperação da economia e à escassez de novos postos de trabalho.

Segundo informações divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o 4º trimestre de 2021 fechou com mais de 22 milhões de trabalhadores na condição de profissional autônomo. Além disso, a taxa média de desocupação no período, que fechou em 13,9%, representa o maior índice desde 2012.

Em parte, esses números explicam muitas pessoas migrarem do mercado formal para o informal. Afinal, no trabalho liberal ou autônomo, elas acabam encontrando maior liberdade para se desenvolverem, além da possibilidade de garantir rendimentos mais expressivos. Com esse aumento de profissionais na área, cresceu também a necessidade de se destacar da concorrência para conquistar mais clientes. É aí que o posicionamento entra em cena.

Inicialmente, é comum que a carreira de profissional autônomo ou liberal levante dúvidas sobre como se posicionar, seja como pessoa física ou para criar uma marca para ganhar destaque enquanto empresa. Mas é fundamental conhecer todas as variáveis que estão em jogo. Porém, não se trata apenas de trâmites legais, mas sim de uma estratégia de

planejamento de carreira, posicionamento de mercado e visibilidade profissional. Afinal, você pode ter um CNPJ ativo e, mesmo assim, se posicionar como pessoa física. Logo, o essencial é entender como “se vender”.

Basicamente, para estabelecer o posicionamento mais adequado é necessário planejar, avaliar os cenários e adotar estratégias de atuação frente ao seu público-alvo. Isso porque tais fatores podem exigir a adoção de diversas ações estratégicas, tais como estabelecer um planejamento adequado, aproveitar sua experiência profissional, construir um portfólio, elaborar um planejamento comercial e até mesmo ampliar sua visibilidade de mercado.

Ou seja, o posicionamento de mercado nada mais é do que uma análise que proporciona ao profissional a compreensão dos fatores envolvidos para o seu posicionamento no mercado frente à carreira a ser explorada — objetivando uma visão aprofundada e subsidiando a elaboração de um plano de ação. Sendo assim, o profissional deve divulgar a própria atuação como uma empresa faria. Portanto, ele precisa definir sua missão, visão e valores, afinal, esses são os pontos mais importantes para que uma organização desenvolva sua voz, ou seja, transmita personalidade e demonstre valor. Nesse contexto, a visibilidade profissional trata-se de uma análise que pode proporcionar ao profissional a compreensão dos fatores envolvidos nesse processo, dentro do contexto do mercado, na nova função da carreira a ser explorada, cujo objetivo é estabelecer uma visão aprofundada e subsidiar à elaboração de um plano de ação.



Para estabelecer o posicionamento mais adequado é necessário planejar, avaliar os cenários e adotar estratégias de atuação frente ao público-alvo

Bruno Cunha



Foto: Jéssy Pedrosa

Certame, que, possivelmente, oferecerá mais de 220 oportunidades, será composto por provas objetivas, subjetivas e de títulos

O agente de comunicação e a gestão de crises

Gerenciar a comunicação entre parlamentares, a mídia e o público, garantindo que as atividades políticas sejam transmitidas de maneira clara, precisa e acessível. Essas são, apenas, algumas atividades que Maria Cavalcanti desempenha como agente de comunicação parlamentar, na Câmara Municipal de Bayeux.

“A rotina pode ser bastante intensa, especialmente em momentos de crise ou quando há votações importantes em pauta. Estamos constantemente em contato com jornalistas e, muitas vezes, precisamos lidar com situações delicadas em que a informação deve ser tratada com muito cuidado”, explica.

Durante as sessões legislativas, ela é responsável

por redigir notas e discursos para os parlamentares, organizar coletivas de imprensa, preparar roteiros e manter os canais de comunicação digital atualizados com as últimas informações sobre projetos de lei e outras atividades parlamentares. Para dar conta de tudo, ela destaca que é preciso estar sempre atenta às demandas da imprensa e do público, respondendo rapidamente a pedidos de informação e ajudando a mediar o relacionamento entre os parlamentares e os jornalistas.

Um dos maiores desafios enfrentados pelos agentes de comunicação parlamentar, segundo Maria, é o gerenciamento de crises. Em um ambiente político, é comum que situações de alta

tensão surjam de maneira inesperada, exigindo que o profissional seja capaz de atuar rapidamente para controlar a narrativa e para proteger a imagem do parlamentar e da instituição.

“Gerenciar crises também é parte do nosso cotidiano. Precisamos ser ágeis e estratégicos, pois uma declaração mal interpretada pode causar grandes problemas. Também é crucial estar sempre atualizado sobre as novas ferramentas de comunicação, especialmente com o crescimento das redes sociais, que mudaram completamente a maneira como interagimos com o público”, pondera.

Outro desafio relevante é a necessidade de se manter atualizado em relação às

mudanças nas leis, políticas públicas e tendências de comunicação. “Hoje, quem domina as redes sociais e entende o comportamento do público digital está um passo à frente. A comunicação política migrou fortemente para essas plataformas, e o profissional que consegue utilizar esses canais de forma estratégica tem grandes chances de se destacar”, resume.

Cargo em Sapé

No concurso da Câmara Municipal de Sapé, há duas vagas para o cargo de agente de comunicação parlamentar. Para desempenhar a função, o certame exige, apenas, Ensino Fundamental completo, com carga horária de 40 horas semanais.

Selic

Fixado em 31 de julho de 2024

10,50%

Salário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+0,17%

R\$ 5,633

Euro € Comercial

-0,03%

R\$ 6,226

Libra £ Esterlina

-0,38%

R\$ 7,378

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Julho/2024	0,38
Junho/2024	0,21
Mai/2024	0,46
Abril/2024	0,38
Março/2024	0,16



EMPREENDEDORISMO

Procura por concursos vira nicho de negócio na Paraíba

Empresários oferecem serviços como espaços de estudo e cursos especializados

Sara Gomes
sara.gomes@uniao.com

Pensando nas pessoas que se preparam para concursos públicos e o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), os empreendedores paraibanos identificaram uma oportunidade de investimento. Alguns empresários estão apostando nos alugueis de cabines de estudos e obtêm faturamento anual entre R\$ 30 mil e R\$ 180 mil, em João Pessoa. Outros optaram por investir em cursos preparatórios e faturam entre R\$ 500 mil e R\$ 1 milhão.

A engenheira civil e proprietária da cabine Cérebro, Raniely Leite, tinha um dinheiro guardado e após muita pesquisa de mercado decidiu investir em uma cabine de estudos. Para garantir que o investimento de R\$ 200 mil seria bem aplicado, contratou uma equipe de design de interiores para o projeto, como também instalou um sistema de energia solar para diminuir os custos.

“Eu visitei várias empresas na época para identificar as necessidades dos estudantes. Um dos diferenciais da minha empresa é a oferta de mesas de estudo com um metro de comprimento, proporcionando mais conforto aos usuários. Além disso, a cabine conta com uma sala de estudos em grupo e um ambiente destinado à socialização”, disse Raniely.

Atualmente, existem mais de 15 empresas que oferecem ambientes de estudos em João Pessoa. Na avaliação da empresária, este segmento tem mercado devido ao perfil do paraibano. “Quando fiz a minha pesquisa em 2020, constatei que a capital paraibana é uma das cidades do Nordeste que mais possuem ambientes de estudo,



Empreendimentos que apostam no aluguel de cabines de estudos estão faturando anualmente entre R\$ 30 mil e R\$ 180 mil, em João Pessoa

pois o paraibano busca estabilidade profissional e financeira”, analisou.

Na cabine Cérebro é possível encontrar pacotes que variam entre R\$ 135 e R\$ 370 mas no momento não há mais vagas disponíveis. “Entre fevereiro e abril, é o período de maior procura. E a ocupação só começa a esvaziar após a prova do Enem”, disse.

A cabine Atitude se encontra com 90% de ocupação do total de 85 cabines disponíveis, distribuídas nas unidades Tambaú e Manaíra. O bancário e proprietário da Atitude, Rodrigo Octávio Lima, investiu nesta área para complementar a renda. Segundo ele, não é possível faturar muito dinheiro, pois é preciso manter um padrão de qualidade devido à limitação de espaço.

“Muitos estudantes contrataram a cabine em período integral, que é menos rentável que uma academia, por exemplo, pois não tem rotatividade”, ana-

lisou. Em seu estabelecimento é possível encontrar vagas apenas no turno da noite ou no fim de semana, os pacotes variam entre R\$ 120 e R\$ 320.

Localizada em Tambauzinho, a cabine de estudos 3F possui 40 cabines, mas apenas 12 disponíveis para aluguel. O professor de Química e proprietário, Angelino Pontes, afirma que o diferencial do seu negócio são os preços acessíveis. “No pacote por fim de semana semestral, o aluno paga R\$ 100. Já na opção mais completa (três turnos, mais o fim de semana), R\$ 270”, revelou.

A maioria das empresas de cabines de estudos oferece comodidades como, armários individuais com chave, acesso por biometria, monitoramento eletrônico de segurança, espaço de leitura, ambiente climatizado, banheiros, cadeiras ergonômicas, cozinha e isolamento acústico. O serviço de cabines de estudo oferece pacotes que variam

de mensal a semestral, permitindo que os estudantes escolham os horários que melhor se adequem à sua rotina, incluindo opções para o fim de semana. É possível encontrar estes espaços nos bairros: Bancários, Tambauzinho, Jardim Oceania, Aeroclube Manaíra, Tambaú, Altiplano, Jardim Luna e Miramar.

A procura por cursos preparatórios aumentou consideravelmente no segundo semestre de 2024. As áreas de maior interesse dos candidatos são segurança pública, como também administrativa e área jurídica.

Em 2024, diversos editais foram publicados e cada área de atuação trabalha com conteúdos específicos. Na percepção da diretora do curso Everest, Paula Miguel, a preparação de forma direcionada é fundamental para alcançar a aprovação. “O preparatório transmite o conteúdo de forma objetiva, resumida e com foco total na banca examinadora”, destacou a diretora.

Investir em local de estudo traz resultados

A maioria dos estudantes que procuram cabines de estudo são concurrenistas, mas há também aqueles que vão fazer Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), residência médica e Enem para medicina. O advogado José Vale desde 2019 se dedica quase exclusivamente aos estudos para concursos. No início, estudava em casa, mas seu rendimento era insuficiente para os cargos que almeja passar. Por isso, optou pelo pacote semestral no Cérebro, que dá direito a utilização nos três turnos, incluindo fins de semana. “São concursos que a vaga aparece a longo prazo, como magistratura, Defensoria Pública e Ministério Público. É muita renúncia com a família e esposa, mas como ela está na residência médica, estamos no mesmo ritmo de vida”, explicou.

Por ser um concurso concorrido, José investiu em diversos livros, Vade Mecum e cursos preparatórios para o magistério que não possuem assinatura vitalícia. “Só de cabine, gasto R\$ 4.200 por ano, já estes cursos específicos variam até R\$ 3 mil. Faço também assinatura de programas que oferecem questões para serem respondidas. Tenho um material de estudo diversificado”, contou.

Já a estudante Taynara Duarte cursa o terceiro ano do Ensino Médio em uma escola no bairro dos Bancários. No início do ano letivo pediu aos pais para estudar em uma cabine de estudos no turno da tarde, pois pretende ingressar no curso de Medicina. “Eu deixo meu notebook e material de estudo aqui. Meu rendimento au-



Só de cabine gasto R\$ 4.200 por ano, já estes cursos específicos variam até R\$ 3 mil

José Vale

mentou bastante pois aqui não tem distrações”, contou.

Além da escola, os pais de Taynara pagam R\$ 400 em um curso on-line com todas as disciplinas para quem deseja passar para o curso de Medicina. “Este curso disponibiliza um plano de estudos para você assistir aulas por módulos, resolução de exercícios e redação durante toda a semana. O apoio pedagógico da escola também tem sido fundamental”, contou.

Gabriel Coelho estuda para o Enem na cabine 3F. Para o candidato, a cabine potencializa os estudos pois é um ambiente livre de distrações. “Na cabine você não tem desculpas para procrastinar: é você e os estudos. Uma atividade em casa eu faria em duas horas, na cabine eu consigo executar em 50 minutos”, comparou.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Índices de confiança e os reflexos na economia

Os índices de confiança são indicadores essenciais para compreender as dinâmicas de oferta e demanda na economia, oferecendo uma visão clara das expectativas e percepções dos agentes econômicos sobre o futuro. Historicamente, a média desses índices no Brasil tem permanecido abaixo de 100, refletindo um ambiente econômico marcado por incertezas e desafios. No entanto, recentemente, observamos uma melhora em quase todos esses índices, que agora estão acima de suas médias históricas, com a exceção do varejo.

O índice de confiança empresarial indica uma expectativa positiva para o futuro. Esse otimismo tende a estimular investimentos em capital e expansão de operações, o que pode levar a um aumento na oferta de bens e serviços. A confiança da indústria, também em alta, sugere um crescimento na produção e, conseqüentemente, na oferta de bens manufaturados. Como um setor vital, a indústria não apenas gera empregos diretamente, mas também provoca efeitos indiretos ao longo da cadeia de suprimentos, impactando fornecedores de matéria-prima, serviços de logística e outros setores relacionados.

O índice de confiança do consumidor reflete um cenário em que os consumidores estão mais dispostos a gastar, impulsionados por perspectivas econômicas mais favoráveis, menor inflação e melhoria na massa salarial. Esse comportamento é crucial para o estímulo à demanda agregada, uma vez que o consumo é um dos principais motores do crescimento econômico. No entanto, o índice de confiança do varejo, que permanece abaixo da média histórica, revela um desalinhamento entre o otimismo dos consumidores e a percepção dos varejistas sobre o ambiente econômico. Isso pode indicar que, apesar da maior disposição dos consumidores para gastar, desafios como a elevação dos impostos e os custos operacionais continuam a impactar negativamente o setor varejista, limitando seu potencial de crescimento.

Com a confiança da construção em alta, espera-se um aumento na criação de empregos, especialmente em setores que dependem de investimentos em capital e infraestrutura. A elevada confiança na construção é um sinal positivo para o mercado de trabalho, já que o setor é intensivo em mão de obra. Projetos de infraestrutura e expansão de edificações não apenas geram empregos diretos, mas também estimulam a demanda por materiais e serviços relacionados, criando um efeito cascata no emprego em outros setores.

A confiança no setor de serviços também é um fator positivo para o mercado de trabalho, dado que o setor de serviços é o maior empregador no Brasil. Com uma perspectiva mais otimista, as empresas de serviços estão mais dispostas a contratar, o que pode reduzir a taxa de desemprego e aumentar a renda disponível para consumo, alimentando um ciclo de crescimento econômico.

A recuperação dos índices de confiança no Brasil em 2024 aponta para um cenário econômico mais otimista, mesmo diante do aumento da carga tributária. Contudo, o desempenho inferior do varejo destaca que ainda há desafios significativos a serem superados. Para manter essa dinâmica positiva, é crucial implementar políticas econômicas eficazes que melhorem o ambiente de negócios. Dessa forma, será possível garantir um crescimento sustentável, aproveitando plenamente o potencial do mercado brasileiro.

CONQUISTA

Mulheres detêm 57% das franquias

Elas também são maioria nos postos de trabalho; percentual das que estão em posição de liderança subiu para 29%

Alana Gandra
Agência Brasil

A participação das mulheres nas redes franqueadoras evoluiu, em quase uma década, de 46% para 57%, de acordo com estudo divulgado pela Associação Brasileira de Franchising (ABF). A primeira pesquisa foi realizada em 2015, quando Cristina Franco era presidente da entidade. Agora, exercendo a presidência do Conselho da ABF, a pesquisa foi repetida e constatou que “há uma conquista de busca de equidade de gênero na participação das mulheres no *franchising* brasileiro”, disse Cristina. A executiva foi a primeira e única mulher a presidir a entidade por dois mandatos, de 2013 a 2016.

“Houve aumento da participação da mulher como franqueada que se prepara, junta um capital para iniciar o seu primeiro negócio e, aí, busca no *franchising* essa oportunidade de empreender. É algo muito interessante ver a mulher com esse apetite de buscar novos negócios, entendendo o *franchising* como um investimento seguro para o negócio que vai realizar”.

A pesquisa confirma a expansão das mulheres nas redes franqueadoras, como executivas do segmento. “Nas mulheres que trabalham para fazer o *franchising* crescer em todo o Brasil, a gente vê um avanço na participação também”. As mulheres passaram a ser maioria nos postos de trabalho nas operações franqueadas, subindo de 48% para 51% no período analisado.

Ocorreu ainda alta da presença feminina nos cargos de liderança das empresas franqueadoras, de 19% para 29%, entre 2015 e 2024, mas elas continuam em minoria, assim como na liderança das operações franqueadas — apenas

três em cada 10 pessoas, ou o equivalente a 32,2%, são mulheres.

Capacitação

Cristina Franco analisa que, a exemplo do que ocorre globalmente, a mulher vem ocupando os espaços que busca por meio de muita luta e conquista a partir do alcance de cursos de formação profissional, programas de mentoria voltados para mulheres, mudanças nas dinâmicas familiares, com maior participação dos pais nas tarefas domésticas, bem como no engajamento das empresas em promover diversidade em seus quadros funcionais.

A presidente do Conselho da ABF avalia que, como segmento da economia, o *franchising* fez a lição de casa de rea-

lizar a pesquisa para poder constatar cientificamente e ter a prova de que essa movimentação existe e é fundamental. “O estudo acompanhou essa expansão das mulheres no setor de franquias com base em dados e não como mera percepção intuitiva”.

Por outro lado, Cristina afirmou que o estudo referenda que a mulher vem para empreender, para buscar no mundo dos negócios o seu posicionamento. “E o *franchising*, como é uma forma de empreender mais estruturada, segura, organizada, tem essa afluência de mulheres que, muitas vezes, conquistam seu capital, sua capacidade de ter investimento de uma forma mais aguerrida do que os homens, porque não é inerente a essa construção social que

tinham no passado”.

Confirmação

Esse movimento no mercado é comprovado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apontou recorde histórico de 43,380 milhões de mulheres ocupadas em 2023. São classificadas como ocupadas as pessoas que exerceram atividade profissional (formal ou informal, remunerada ou não) durante, pelo menos, uma hora completa na semana de referência da pesquisa.

O estudo da ABF identificou ainda queda de 22% para 7% no total de mulheres que trabalham nas franqueadoras e têm algum vínculo familiar com os sócios. Isso evidencia

uma maior profissionalização do setor, que tem buscado, cada vez mais, executivas do mercado, cuja escolha se baseia em meritocracia, habilidades e experiências e menos nos relacionamentos familiares. “E o profissionalismo se referenda quando se vê os números do segmento”, assegurou Cristina Franco.

Dados da Pesquisa de Microfranquias da ABF confirmam o crescimento da participação das mulheres na liderança das redes franqueadoras. A participação delas como principais executivas nas marcas de microfranquias puras, que envolvem modelos de negócios com valor de investimento inicial de até R\$ 135 mil, subiu de 12% para 18%, entre maio de 2022 e maio de 2024.

“

Estudo acompanhou essa expansão das mulheres no setor de franquias com base em dados e não como mera percepção intuitiva

Cristina Franco



Profissionais vêm ocupando espaços com muita luta e conquista a partir de cursos de formação profissional e programas de mentoria voltados par mulheres

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Público feminino busca mais informações sobre o mercado

Foto: Reprodução/Freepix



Pesquisa: Mais do que dobrou o percentual de franquias que buscam ampliar o espaço para o público feminino na liderança

Segundo levantamento do Portal do Franchising, as mulheres lideraram em número de acessos por quem busca uma franquia, entre janeiro e julho de 2024, com 52,1%, enquanto os homens ficaram com 47,9%. Isso comprova que as mulheres buscam empreender, porque estão navegando e buscando informações para comprar sua franquia, apontou Cristina Franco, para quem esse movimento tem dois vieses ou perspectivas interessantes.

“O primeiro é eu sou capaz, tenho meu posicionamento e quero ter o meu próprio negócio. É a entrada efetiva da mulher no empreendedorismo. E o segundo viés é que, muitas vezes, quando você está em alguma carreira de executiva, na área financeira, por exemplo, e você tem um acúmulo de mulheres nas principais posições, eu entendo que, às vezes, a mulher, para buscar crescer e ser dona do seu próprio nariz, procura o seu próprio negócio para poder se realizar como mãe, como mulher e como empresária”.

O estudo da ABF revelou,

ainda, que mais do que dobrou o percentual de franquias que buscam ampliar o espaço para o público feminino na liderança. Em 2015, o percentual de redes que incluíam ações em prol do equilíbrio da diversidade de gênero em sua liderança somava 29%. Em 2024, este índice saltou para 63%. Além disso, metade das empresas franqueadoras (50,1%) afirmaram monitorar ações na diversidade de gênero em cargos de liderança, contra 7,2%, em 2015.

O estudo somou 395 entrevistas realizadas entre 9 de abril e 14 de maio, que representam 45% do faturamento do setor e 32% das operações.

A Associação Brasileira de Franchising é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1987, que representa oficialmente o sistema de franquias brasileiro. O setor registrou faturamento anual superior a R\$ 240 bilhões em 2023, mais de 195 mil operações e cerca de 3,3 mil marcas de franquias espalhadas por todo o Brasil. O *franchising* brasileiro responde por mais de 2% do Produto Interno Bruto (PIB) e emprega diretamente cerca de 1,7 milhão de pessoas.

ARTE E INOVAÇÃO

Robótica estimula a produtividade

Evento realizado em João Pessoa, com apoio da Secties, incentiva jovens a seguirem carreiras científico-tecnológicas

Ascom Secties

Inovação, criatividade, oportunidades e produtividade. O campo da robótica tem atraído crianças e jovens adultos e se tornou essencial no ensino e no aprendizado. Isso acontece porque a robótica estimula o planejamento, as ideias e a imaginação. Além disso, é uma ferramenta que enriquece tanto a área acadêmica como a profissional.

Fomentar e estimular os jovens para carreiras científico-tecnológicas tem sido o objetivo da Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR). A edição 2024 da etapa estadual, realizada na última semana, reuniu 1.200 alunos das redes públicas e privadas de todo o estado, no Espaço Cultural, em João Pessoa. Foram três dias de competição, marcados pela estreia da modalidade artística (*OnStage*), que mesclou a arte e a tecnologia de forma única.

O Governo da Paraíba, por meio da Secretaria da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), integrou a comissão de organização da etapa nacional e investiu cerca de R\$ 200 mil na realização da etapa estadual deste ano, que ocorreu de forma presencial e contou com o apoio da Prefeitura Municipal de João Pessoa e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Essa iniciativa demonstra o compromisso do Estado em fomentar a educação e a inovação tecnológica.

Para democratizar o acesso à Robótica Educacional, a OBR oferece uma plataforma estimulante para que estudantes na faixa-etária de seis a 19 anos participem e desenvolvam habilidades como criatividade, resolução de problemas e trabalho em equipe, além de terem a oportunidade de descobrir novos talentos e trilhar uma car-

reira nas áreas de ciência e tecnologia.

O secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, Claudio Furtado, destaca que “a robótica é fantástica para o desenvolvimento cognitivo dos nossos estudantes em todas as áreas, não só estudantes das áreas de exatas, como também de humanas, porque isso faz com que se desenvolvam cognitivamente, além de contribuir para a gamificação da educação”.

De acordo com ele, a participação e o incentivo do letramento digital dos nossos alunos é muito importante e tem sido uma política do governador João Azevêdo, que vem incentivando a robótica educacional com a aquisição de laboratórios nas escolas.

Raisla Fernandes, 17 anos, é estudante do segundo ano do Ensino Médio do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), campus de Catolé do Rocha, e, pela segunda vez, participou da OBR. Ela contou que, apesar de fazer o curso de técnico em Informática na instituição, competir na olimpíada foi o que a levou a ter um amor pela robótica. “Quando eu cheguei ao IFPB, eu não tinha visão nenhuma, mas, quando entrei na área da robótica, mudou tudo na minha vida, foi uma virada de chave, conheci pessoas novas e aprendi muita coisa”, disse.

Ela faz parte do grupo Ares, com mais dois estudantes, e ressaltou que, além da experiência na área, também aprendeu a trabalhar em equipe e a competir. “A gente é muito unido. Então, a gente sempre conversa, e um resolve o que o outro está precisando. Tenho certeza de que essa experiência de formar um robô do zero, de trabalhar em equipe, de fazer uma competição, eu vou levar para a vida toda”, completou Raisla.



Secretaria da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior investiu cerca de R\$ 200 mil na etapa estadual da competição

Modalidade une arte e tecnologia em performances inovadoras

A modalidade artística, também conhecida como *OnStage*, mostra que a robótica vai muito além da engenharia e da programação, abrindo um leque de possibilidades para a criação de experiências inovadoras por meio da arte e encontrando um aliado na tecnologia.

Geovane Araujo, aluno da Escola Municipal Durmeval Trigreiro Mendes, localizada

no bairro do Rangel, em João Pessoa, estava representando a equipe Gaviões na competição e sabe bem como é sentir esse misto de emoções em pouco tempo. O estudante e sua equipe realizaram a simulação de uma luta de capoeira.

“Na nossa apresentação, a expectativa era muito grande. Eu dancei capoeira com um robô, enquanto meu amigo tocava pandeiro e o outro robô to-

cava o berimbau. A gente teve pouco tempo para ensaiar, mas a equipe Gaviões deu conta, foi uma experiência diferente, mas legal”, relatou.

A professora de Geovane e mentora da equipe Gaviões, Thayná Simões, destacou que a equipe teve apenas três meses para desenvolver o projeto e que os estudantes precisaram trabalhar em contraturno. Ou seja, pela manhã, iam à es-

cola para focar no projeto e, à tarde, participavam das aulas normalmente. Dessa forma, conseguiram se manter engajados em ambas as coisas.

Além de promover a inovação e a criatividade, a etapa estadual da OBR evidencia que a união entre as áreas é um caminho promissor, já que essa nova abordagem, antes vista apenas em etapas nacionais, agora pode inspirar futuras gerações de artistas, programadores a se arrissem no desenvolvimento de projetos inovadores que combinam criatividade e tecnologia.

Como funciona a OBR

A competição é dividida em níveis e etapas. Os níveis vão do zero ao dois, que englobam desde o Ensino Fundamental, com um ambiente menos competitivo e mais lúdico, até o Ensino Médio ou Técnico, aumentando a dificuldade dos desafios, de acordo com o nível de cada equipe. Já as etapas se dividem entre escolar, municipal, estadual e nacional. Na etapa escolar, as equipes são formadas e iniciam o desenvolvimento de seus projetos. As melhores equipes avançam para as eta-

pas seguintes, culminando na etapa nacional, onde disputam o título de campeões brasileiros. Neste ano, a competição acontecerá em Goiás.

Fagner Ribeiro, representante estadual da OBR na Paraíba, explicou como funcionam as etapas e modalidades da competição disputadas no estado. “Aqui, na etapa estadual, em que a Secties atua como organizadora, nós estamos com duas modalidades, que são a de resgate – na qual os robôs são projetados para simular situações em ambientes desafiadores, sendo capazes de circular em terrenos irregulares, identificar vítimas e realizar tarefas de forma autônoma – e a modalidade artística – em que o robô e as equipes fazem uma interação de dança, de teatro, de contação de história, alguma interação artística com a robótica”.

Gamificação na educação

Em um mundo cada vez mais digital, o processo de gamificação vem para complementar o letramento digital e surge como uma ferramenta poderosa para preparar os

alunos para desafios futuros. Ao utilizar elementos de jogos, como pontuações, *rankings* e desafios, a gamificação torna o aprendizado mais atrativo e alinhado aos interesses dos estudantes, que já estão familiarizados com as tecnologias digitais.

Além disso, essa abordagem permite a personalização do ensino, adaptando as atividades às necessidades e ao ritmo de cada aluno. Ao integrar a gamificação às práticas pedagógicas, as escolas podem oferecer uma educação mais relevante e eficaz, preparando os jovens para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente.

Assim, a escola, como espaço de aprendizado, tem o papel de desenvolver o letramento digital dos alunos, preparando-os para um futuro profissional cada vez mais tecnológico, ensinando os estudantes a aprender a buscar, a avaliar e a utilizar informações de forma crítica, como também a desenvolver habilidades de comunicação on-line e a criar conteúdos digitais, preparando-os para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades.



Olimpíada Brasileira de Robótica oferece plataforma voltada para alunos de seis a 19 anos

PRÁTICA SUSTENTÁVEL

Reciclagem gera emprego e renda

Associação recolhe cerca de 120 toneladas de materiais reaproveitáveis mensalmente, na capital paraibana

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Embalagens plásticas, latas de alumínio e papéis são alguns exemplos de itens usados no dia a dia que são rapidamente descartados. O que é apenas lixo para muitos pode garantir o sustento familiar, por meio da coleta seletiva de materiais recicláveis. Na capital paraibana, a Associação dos Catadores de Recicláveis de João Pessoa (Ascare-JP) recolhe e encaminha para reciclagem cerca de 120 toneladas de material reciclável todo mês.

A associação conta com a colaboração de mais de 20 sócios. O trabalho desenvolvido gera uma renda semanal de aproximadamente R\$ 400 para cada um deles. Entre as atividades que os associados desempenham, está o recolhimento de materiais em condomínios, empresas, hotéis e órgãos públicos que fazem a separação de materiais recicláveis.

Etapas

Kelson Galdino, associado da Ascare-JP, trabalha com o reaproveitamento de resíduos sólidos desde os anos 1990. Ele explica que o material coletado é levado para a sede da Associação. “Aqui a gente trabalha em cima dos quatro eixos: nós recolhemos, triamos, compactamos e comercializamos esses produtos”, conta.

Segundo ele, a separação dos itens de forma adequada é muito importante. Como exemplo, ele menciona que é preciso identificar o tipo e a derivação do plástico. “Cada



Fotos: Leonardo Ariel



A gente trabalha em cima dos quatro eixos: nós recolhemos, triamos, compactamos e comercializamos esses produtos

Kelson Galdino

Trabalho desenvolvido por mais de 20 sócios gera uma renda semanal individual de R\$ 400

um faz parte de uma cadeia produtiva diferente. Por isso, cada um tem o seu destino, porque, enquanto um faz sacola, o outro retorna para fazer baldes”, esclarece.

Depois das etapas de coleta e de separação dos resíduos, é o momento de iniciar a revalorização. Nessa fase, o material passa por um processo para voltar a ser matéria-prima. Em seguida, a transformação em um novo produto pode começar.

Para Kelson, esse trabalho gera um grande impacto para o meio ambiente. “A gente sabe que cada 50 kg de papelão reciclado, é uma árvore que a gente deixa de cortar. Quando a gente tira 30 toneladas de papelão, a

gente deixa de cortar quantas árvores? Então, estamos preservando o meio ambiente”, defendeu.

Convênio

Segundo o associado, a Ascare-JP é regulamentada e atua em convênio com o Poder Público de João Pessoa. As atividades desempenhadas no local são variadas e incluem funções burocráticas e de logística, além da atuação direta na coleta dos materiais, com carrinhos, bicicletas ou caminhões. A instituição funciona de segunda a sábado.

Ações educativas

No ponto de vista de Kelson, as pessoas estão cada

vez mais conscientes sobre a importância da coleta seletiva e da reciclagem de resíduos sólidos. Para ele, os órgãos públicos devem ser mais atuantes nas ações educativas.

A Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade da Paraíba (Semas-PB) atua no apoio técnico tanto para os gestores municipais quanto para os catadores de recicláveis em todo o estado, além de promover ações voltadas ao fortalecimento das políticas públicas, coleta seletiva e educação ambiental. Já a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema-PB) desenvolve o projeto EduColetar, iniciativa que visa ca-

pacitar professores e agentes de saúde a respeito da coleta seletiva, para que eles sejam agentes multiplicadores dessa prática em seus municípios, trabalhando a educação socioambiental a partir da perspectiva dos resíduos sólidos.

Saiba Mais

O tempo de decomposição de resíduos sólidos pode durar meses ou até séculos.

Confira:

- Papel: de três a seis meses
- Metal: mais de 100 anos
- Alumínio: mais de 200 anos
- Plástico: mais de 400 anos

Cidadãos pessoenses podem aderir à prática de coleta seletiva em casa

A população de João Pessoa pode aderir à coleta seletiva por meio do Programa Municipal de Coleta Seletiva (Recicla JP), executado pela Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur-JP). A iniciativa atende todo o município, fazendo o recolhimento de materiais recicláveis e reaproveitáveis em casas, condomínios residenciais, empresas e órgãos públicos.

Os moradores do Condomínio Valle Nevado, localizado no bairro Manaíra, aderiram a essa prática. De acordo com o síndico do local, Orival Nascimento de Lima, a iniciativa surgiu por intermédio do Rotary Club, que entrou em contato com o pessoal da Emlur. “A gente teve reuniões e foi acertada uma determinada quantidade de condomínios para iniciar a coleta aqui na região. Com isso, nós fomos convidados a participar do projeto e nós aceitamos”, disse.

A ação foi bem-aceita pelos moradores e, hoje, o condomínio conta com três depósitos, um para lixo orgânico, outro para lixo seco e um terceiro para o lixo sa-

nitário, como papel higiênico e absorventes usados. “Nós compramos o material, começamos a orientar o pessoal e começamos a fazer essa separação dentro de casa, dentro dos apartamentos”, destacou.

Segundo Orival, este é o segundo ano que a coleta seletiva vem sendo feita no condomínio. “Realmente, a gente começa a perceber que dentro do nosso lixo tem muita coisa que pode ser separada e pode ser transformada, assim, em venda, pode fornecer geração de renda para esse pessoal. O ideal é que todo mundo pudesse fazer isso em casa, nos condomínios, na sua residência, que tivesse uma educação da população. Aos poucos vamos nos transformando numa sociedade consciente”, acredita.

Adesão

De acordo com a Lei Estadual nº 10.041/2013, a coleta seletiva de resíduos deve ser feita em todas as edificações com mais de três pavimentos.

O serviço é realizado pela Emlur-JP, em parceria com associações de catadores, que recebem do órgão equipamentos operacionais, veículos para coleta, equipamentos de proteção individual e refeições.

Segundo a Emlur, a população pode solicitar a inclusão na coleta seletiva pelos telefones 3213-4237 e 3213-4238 e também pelo aplicativo João Pessoa na Palma da Mão.

Outra opção é pelo site da Prefeitura de João Pessoa, no www.joaopessoa.pb.gov.br/, por meio da plataforma Prefeitura Conectada.

Separar o lixo exige cuidados para evitar a contaminação dos itens

Além da geração de renda para quem trabalha com a coleta e a comercialização de materiais recicláveis, fazer a coleta seletiva é uma prática sustentável que contribui com a redução da poluição. O comprometimento e a participação da população são indispensáveis para gerar impactos ambientais significativos. Além da redução do consumo de itens reutilizáveis, também é fundamental realizar a separação correta nas residências.

A gerente operacional de Coleta Seletiva da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade da Paraíba (Semas-PB), Giovana Alves, explica que é necessário saber quais são os itens que podem ser reciclados. “Dentre os materiais mais comuns que utilizamos, no nosso dia a dia, e com potencial de reciclagem, temos o plástico, vidro, metal e papel”, afirmou.

Itens como potes, frascos, sacos de plástico, latas de alumínio, garrafas de refrigerante e água mineral, recipientes de produtos de higiene pessoal, jornais, revistas e caixas de papelão podem ser reciclados, além de outros obje-



Foto: Divulgação/Semas

No caso de recipientes que contenham restos de bebidas ou alimentos, é indicado que se faça a higienização

Giovana Alves

tos. “No caso de recipientes plásticos ou de vidro que contenham restos de bebidas ou alimentos, é indicado que se faça a higienização antes da separação, para que não sejam atraídos insetos, moscas ou outros vetores que possam contaminar o material, tornando-o impróprio para reciclagem”, esclareceu.

A gerente da Semas-PB

comenta ainda que alguns objetos, como pregos, parafusos, vidros quebrados, facas e lâminas, devem ser embalados, para evitar acidentes com os catadores. Já itens como papel higiênico e guardanapos com restos de alimentos não são recicláveis.

Quanto a outros resíduos sólidos, como baterias, pilhas, lâmpadas e medicamentos, devido ao risco que oferecem ao meio ambiente e à saúde humana, eles não devem ser descartados no lixo comum ou reciclável, como aponta Giovana. “Esses itens devem ser entregues em pontos específicos para serem retornados à indústria, pois contêm substâncias que podem causar impactos significativos”, destacou.

A Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur-JP) conta com o serviço Cata-Treco, que oferece a coleta de móveis, eletrodomésticos, eletroeletrônicos e materiais recicláveis de médio porte, na casa das pessoas. Os equipamentos recebidos são recolhidos pela Associação Brasileira de Reciclagem de Eletrônicos e Eletrodomésticos (Abree).



Foto: Arquivo pessoal

Iniciativa para separar lixo em condomínio é bem-sucedida



Lance do jogo contra o Altos pelas oitavas de final que garantiu o Galo na fase mais importante da competição

ACESSO À SÉRIE C

Treze faz o jogo do ano no Amigão

Galo recebe o Itabaiana para reverter o resultado da partida de ida e mudar de divisão no Brasileiro

Danrley Pascoal
danrleypc@gmail.com

Treze e Itabaiana voltam a se encontrar, hoje, pelas quartas de final da Série D do Campeonato Brasileiro. O jogo de volta acontece no Amigão, às 16h. No primeiro encontro, os sergipanos venceram por 3 a 1 e, agora, podem perder por até um gol de diferença para conquistar o acesso. O Galo precisa vencer por dois ou mais gols de diferença para levar o confronto às penalidades máximas ou alcançar o acesso diretamente.

O Treze tem um cenário complicado para reverter no jogo de volta. No entanto, nesta edição da Quarta Divisão, a equipe fez placares que garantiriam pelo menos a disputa de pênaltis em oito partidas, destas, cinco foram no Amigão. Resultados que forçariam as penalidades máxi-

mas: foram quatro na Série D: Sousa-PB (2x0, casa), Atlético-CE (2x0, fora), Potiguar-RN (2x0, casa) e Santa Cruz-RN (2x0, casa).

Resultados que o Galo passaria sem necessitar de penalidades máximas, vencendo por mais de dois gols de diferença, também ocorreram quatro vezes na competição nacional de 2024: Maracanã-CE (4x0, fora), Iguatu-CE (3x0, casa), Potiguar-RN (3x0, fora) e ASA-AL (3x0, casa). O confronto contra os alagoanos foi o primeiro jogo do mata-mata que a equipe de Campina Grande disputou no Amigão.

Waguinho Dias não deve ter problemas para escalar o que tem de melhor. Apesar do resultado adverso, a diretoria alvinegra espera uma boa presença de público no Amigão. Durante a semana, houve uma campanha de doação de sangue que premia-

va, com ingresso para o duelo, os torcedores que aderissem a ação. Foram disponibilizadas mil entradas para aqueles que apresentassem o comprovante de doação do Hemocentro. Nas oitavas de final, contra o Altos-PI, foi registrado o maior público da competição. A praça esportiva de Campina Grande recebeu 12.683 torcedores.

Itabaiana

O Itabaiana finalizou a primeira fase na liderança do Grupo A4 com 26 pontos. A equipe alcançou oito vitórias, dois empates e quatro derrotas. Na segunda fase, enfrentou o Atlético-CE e venceu os dois jogos, 1 a 0, fora de casa, e 3 a 0, em casa. Já nas oitavas de final, o clube sergipano atuou contra o Porto Velho-RO. Na ida, empatou por 2 a 2, atuando como mandante, e por 1 a 1 de visitante na volta. Nos pênaltis, venceu por 4 a 2. Agora, tem o melhor

cenário para conquistar o acesso à Série B, podendo até perder por um gol de diferença ou empatar.

Primeiro jogo

No confronto de ida das quartas de final, o Treze fez seu pior jogo nesta edição da Série D. A equipe sofreu um gol logo aos cinco minutos. Cleiton recebeu na entrada da área e bateu sem chances do goleiro Igor Rayan chegar na bola. Sem esboçar reação, a situação do Galo piorou após a expulsão, com auxílio do VAR, de Arthur Ederson. No lance seguinte, aos 33 minutos, Gustavo Schutz marcou um golaço após a cobrança da falta, que rendeu a exclusão do atleta alvinegro.

O clube sergipano aproveitou o cenário e pressionou ainda mais, sendo recompensado com mais um gol. Aos 40 minutos, Kadu Barone, de pênalti, fez o terceiro gol nos donos da

casa. O Galo ainda marcou seu único tento antes do intervalo. Aos 50, Thiaguinho marcou o gol de honra do clube paraibano. As redes não balançaram na segunda etapa e a partida acabou 3 a 1 para o Itabaiana.

Ingressos

Os torcedores trezeanos que desejarem ir para o jogo podem adquirir ingresso nas bilheterias do Amigão. As entradas vendidas são para três setores: na geral: R\$ 25 meia, e R\$ 50 inteira; na sombra: R\$ 40 meia, e R\$ 80 inteira; e nas cadeiras: R\$ 80 meia, R\$ 160 inteira.

Vaga na Série D

O possível acesso do Galo à Série C interessa ao Serra Branca. O Carcará pode garantir uma vaga na Série D de 2025 se o seu coirmão da Paraíba eliminar o Itabaiana e chegar à Terceira Divisão do próximo ano. O clube do Cari-

ri teve a quarta melhor campanha do Campeonato Paraibano e só teria direito a disputar o Campeonato Brasileiro caso Sousa ou Treze, que garantiram vaga na competição de 2025 via estadual, fossem promovidos em 2024. Agora, só resta o Alvinegro, que faz hoje o jogo que vale o acesso.

Segunda Divisão

O Campeonato Paraibano da Segunda Divisão segue movimentando o futebol do Estado. Quatro partidas da quarta rodada acontecem hoje e amanhã. No Sílvio Porto, em Guarabira, às 15h, tem Desportiva Guarabira e Esporte de Patos. No Carneirão, na cidade de Cruz do Espírito Santo, jogam Sport-PB e Queimadense também às 15h. Amanhã, às 19h, ocorrem Picuiense e Confiança no Amigão, em Campina Grande, e Cruzeiro e Auto Esporte no Zezão, em Itaporanga.

LIGA BFA

Espectros enfrenta Fortaleza Tritões

Equipe pessoense realiza a última partida da fase regular da Conferência Nordeste e tentará segunda vitória

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

O João Pessoa Espectros faz seu último jogo da fase regular da Conferência Nordeste da Liga BFA hoje, às 14h, na Vila Olímpica Parahyba, contra o Fortaleza Tritões. O adversário é o atual primeiro colocado na tabela e chega ao jogo com 100% de aproveitamento (três jogos e três vitórias). O time pessoense, que só tem um triunfo até aqui — em cima do Sergipe Redentores, por 20 a 18, no último domingo — apoia-se no fator casa e conta com o apoio da torcida para buscar mais um resultado positivo.

A vitória frente à equipe sergipana foi fundamental para garantir vaga no *wildcard*, uma vez que levou os Fantasmas da lanterna à quinta posição da tabela. De acordo com o regulamento da competição, avançam para a próxima fase do terceiro ao sexto colocado da classificação. Já o primeiro e o segundo colocados têm vagas garantidas nas semifinais da Conferência.

“Como a gente sabe, o Fortaleza Tritão está no topo da tabela, é um time que vem muito forte, fez uma fusão com o Ceará Caçadores, o antigo Ceará Caçadores, então eles têm jogadores muito completos, têm um ataque muito forte e têm uma defesa sólida, mas a gente está trabalhando duro para poder entregar um bom resultado nesse jogo de domingo e exceder as expectativas que estão colocando na gente”, pontuou o coordenador de Defesa do João Pessoa Espectros, Eduardo Vitor.

Ele ainda destacou que, apesar da imponência do ad-



Foto: Anderson Silva/Divulgação

O representante paraibano na competição vai em busca da segunda vitória contra o time cearense, que ainda não conhece o dissabor de uma derrota

versário, o grupo fez uma preparação intensa para conseguir a vitória hoje ao tentar bloquear os pontos fortes dos cearenses.

“A gente vem trabalhando muito em cima da questão dos novos atletas que entraram, da reformulação que a gente fez com a defesa, é uma estrutura nova, tem algumas peças antigas, mas na sua grande maioria são peças novas, que vêm trabalhando exaustivamente para entregar uma defesa de

qualidade e a gente conseguiu bons impactos nos jogos corridos muito bons, como o do Mariners, por exemplo”, iniciou.

“A gente conseguiu uma efetividade muito grande contra o Redentores, fazendo com que a gente pudesse galgar essa vitória no terceiro jogo. Para o quarto jogo, a gente vai trabalhar mais ainda em cima dessa questão corrida, porque o Fortaleza Tritões tem um jogo corrido muito forte, apesar do Brax-

ton Hughes ser um QB de muito passe, mas ainda assim nós vemos que o jogo corrido do Tritões é um jogo muito forte, e foi o diferencial no jogo contra o Mariners e a gente vai trabalhar muito em cima de parar esse jogo corrido, aliado às coberturas dos nossos DBs”, finalizou Eduardo Vitor.

Contar com o apoio da torcida pode ser um diferencial decisivo para o desempenho do time, como aponta George

Nunes, *linebacker* e capitão da defesa.

“Toda vez que a gente joga em casa é uma atmosfera completamente diferente para a gente, a prova disso é o último jogo, a gente vinha de duas derrotas, um time que vinha enfrentando o começo de temporada bem difícil e no primeiro jogo que a gente teve em casa a gente teve uma excelente performance, conseguimos sair vitoriosos”, expressou.

“O João Pessoa Espectros é um time que desde o começo do ano vem se reinventando e tentando se provar, porque é um time que está passando por um ano difícil, um ano de reestruturação. Então a gente sabe que esse é um jogo difícil, mas é um jogo que a gente está se preparando bastante e a defesa é a unidade que tem melhorado, a cada jogo a gente tem percebido nossos erros e tem tentado melhorá-los”, acrescentou George.

NOVO BASQUETE BRASIL

Unifacisa conhece seus primeiros adversários da temporada

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

O Basquete Unifacisa já tem data e adversário defini-

dos para sua estreia na temporada 2024/2025 do Novo Basquete Brasil (NBB). De acordo com a tabela de jogos divulgada pela Liga Nacional de Basquete

(LNB), entidade organizadora da competição, a equipe paraibana faz seu primeiro jogo em casa, no dia 15, às 19h30, contra o União Corinthians.

Na sequência, pega o Caxias do Sul, também na Arena Unifacisa, no dia 18 de outubro, mesmo horário. Ainda no primeiro turno, a

equipe faz outros jogos como mandante contra Botafogo, Flamengo, Vasco, Paulistano, São Paulo, São José, Mogi e o Fortaleza (última parti-

da da temporada regular). Já como visitante, duela com Pato Branco, Brasília, Minas, Bauru, Franca, Pinheiros e Corinthians.

Esta é a sexta participação da equipe paraibana no torneio (o melhor desempenho foi alcançado em 21/22 e 22/23, quando conseguiu chegar às quartas de final). Na última temporada, o grupo se despediu ainda nas oitavas de final, quando foi eliminado pelo São Paulo, após derrota na terceira partida desta fase.

Para a temporada atual o time passou por uma verdadeira reformulação, com a saída de jogadores e a chegada de novas peças. Além de reforços no elenco, o time tem um novo técnico, Rodrigo Galego.

Antes da temporada do NBB começar, o Jacaré ainda tem um compromisso: vai até à cidade de Corrientes, na Argentina, onde disputará, entre os dias 25 e 29 de setembro, o Interligas 2024, torneio que terá outros times da Liga Nacional de Basquete e da Liga.

Os times participantes foram divididos em dois grupos, sendo que o Basquete Unifacisa está no Grupo A, junto com o Platense, Pato Basquete e San Martin. Já no Grupo B ficaram Fortaleza BC/CFO, Regatas, Peñarol e União Corinthians.



Foto: Divulgação/Unifacisa

A Aren Unifacisa, em Campina Grande, será palco das partidas do representante paraibano na temporada 2024/2025

Tabela de jogos do Basquete Unifacisa

- “Unifacisa x Corinthians (15 de outubro)
- Pato Branco x Unifacisa (25 de outubro)
- Unifacisa x Botafogo (30 de outubro)
- Unifacisa x Flamengo (1º de novembro)
- Unifacisa x Vasco (4 de novembro)
- Brasília x Unifacisa (9 de novembro)
- Minas x Unifacisa (11 de novembro)
- Unifacisa x Paulistano (14 de novembro)
- Unifacisa x São Paulo (17 de novembro)
- Bauru x Unifacisa (30 de novembro)
- Franca x Unifacisa (2 de dezembro)
- Unifacisa x São José (6 de dezembro)
- Unifacisa x Mogi (9 de dezembro)
- Pinheiros x Unifacisa (12 de dezembro)
- Corinthians x Unifacisa (14 de dezembro)
- Unifacisa x Fortaleza (19 de dezembro)

CORINTHIANS X FLAMENGO

Clássico das duas maiores torcidas

Alvinegro paulista vive situação complicada no Brasileirão e precisa reagir para fugir da zona de rebaixamento

Da Redação

A 25ª rodada do Brasileirão terá oito jogos neste domingo. O principal enfrentamento do dia mobiliza as duas maiores torcidas do país, que vivem situações distintas no campeonato. Enquanto o Alvinegro busca a permanência na Série A, o Rubro-negro precisa da vitória para se aproximar da liderança do torneio. A partida, que ocorre às 16h, com transmissões da Globo e Premiere, marca o reencontro do técnico Tite com o torcedor corinthiano, na Neo Química Arena.

Além do encontro entre Corinthians e Flamengo, às 11h, jogam Grêmio e Atlético-MG na Arena do Tricolor gaúcho. Já Cruzeiro e Atlético-GO jogam no Mineirão, ambos terão transmissão do Premiere. Às 18h30, acontece cinco partidas: no Barradão, Vitória recebe o Vasco; no Maracanã, Fluminense enfrenta o São Paulo; no Nabi Abi Chedid, o Red Bull Bragantino joga com o Bahia; na Ligga Arena, Athletico-PR duela com o Palmeiras; e, no Alfredo Jaconi, Juventude e Internacional fazem o confronto que terá transmissão do Sportv e Premiere. Os demais jogos do horário serão transmitidos apenas pelo Premiere.

Corinthians e Flamengo

O Corinthians deve encarar o confronto contra o Flamengo como o mais importante de sua caminhada na Série A. Com apenas 22 pontos e na 18ª posição, ocupando o Z-4, o Timão não pode mais

desperdiçar pontos em casa, onde não vence uma partida desde a 17ª rodada, quando bateu o Criciúma por 2 a 1. Para o jogo de hoje, o time paulista contará com o goleiro Hugo Souza, que pertence ao adversário carioca.

O Corinthians efetuou o pagamento de R\$ 500 mil ao Flamengo para contar com o arqueiro Hugo, emprestado ao Alvinegro até dezembro de 2024. Hugo só poderia en-

frentar sua ex-equipe se o valor fosse repassado ao clube do Rio de Janeiro, como prevê seu contrato. Os paulistas pagaram 200 mil euros (R\$1,19 milhão) pelo empréstimo até o fim do ano. Para manter o jogador a partir de janeiro de 2025, será necessário investir 800 mil euros (R\$4,7 milhões) por 50% dos direitos econômicos do atleta.

Diante de muitos jogadores do elenco lesionados, o

Flamengo terá um grande reforço para o jogo de hoje. Após ficar fora dos gramados por conta de uma lesão na coxa direita, Pedro deve ser uma das opções que Tite terá para montar a equipe, a qual iniciará o confronto. O camisa 9 não atua desde a partida contra o Bolívar (BOL), que aconteceu no dia 15 de agosto, pela ida das oitavas de final da Libertadores.

Nesta temporada, Pedro é

a principal arma ofensiva do time carioca. Ele é o artilheiro da equipe e do país, tendo marcado 29 gols em 31 jogos disputados. Michael e De la Cruz, que deixaram o último jogo com dores no músculo posterior da coxa direita, são desfalques certos. Além deles, continuam fora Everton Cebolinha (ruptura do tendão de Aquiles do tornozelo esquerdo), Viña (ruptura do ligamento cruzado do joelho

direito e fratura da tibia), Gabigol (lesão no músculo posterior da coxa direita) e Arrascaeta (lesão no adutor da coxa esquerda).

Série B

Pela Segunda Divisão, ocorrem duas partidas neste domingo: no Carlos Zamith, em Manaus, às 16h, tem Amazonas e Ceará; e, às 18h30, no Hailé Pinheiro, em Goiânia, jogam Goiás e Paysandu.



Jogadores do Corinthians seguem bastante pressionados pelos maus resultados e, hoje, precisam reagir no Brasileirão diante do Flamengo, em casa

Foto: Divulgação/Corinthians

LIGA FORTE

Record paga R\$ 400 milhões para transmitir Brasileirão 2025

Ricardo Magatti
 Agência Estado

A Liga Forte União (LFU) acertou a venda dos direitos de transmissão dos clubes que integram o grupo à Record, que voltará a transmitir o Campeonato Brasileiro após mais de duas dé-

cadadas, e ao YouTube. Os dois pagarão cerca de R\$ 400 milhões anualmente pelo acordo para transmitir partidas de times como Corinthians, Internacional, Cruzeiro, Vasco, Fluminense e Fortaleza, entre outros, a partir do ano que vem.

A última vez que a Re-

cord exibiu a principal competição de futebol do país foi em 2006. A emissora e o YouTube vão pagar aproximadamente R\$ 10 milhões por jogo transmitido. Como comparação, o Grupo Globo, que fechou contrato de cinco anos com os times da Libbra, desembolsará cerca

de 6,7 milhões por partida exibida — o acordo prevê a transmissão em todas as plataformas, TV aberta e fechada, streaming e pay-per-view.

Os integrantes da LFU da Série A são Corinthians, Internacional, Cruzeiro, Fluminense, Vasco, Athletico-PR, Atlético-GO, Botafogo, For-

talaza, Cuiabá, Criciúma e Juventude. Já Sport, América-MG, Goiás, Ceará, Avaí, Chapecoense, Coritiba, CRB, Vila Nova, Londrina, Tombense, Figueirense, CSA, Operário, Ituano, Mirassol, Novorizontino, Ponte Preta e Botafogo de Ribeirão Preto estão em divisões inferiores.

O contrato vale até a edição de 2027 do campeonato. Horários ainda não foram definidos, mas a tendência é de que o confrontos dos times da LFU sejam o primeiro de cada rodada na Record e YouTube, sendo exibidos às 19h30 às quartas-feiras e às 16h aos sábados. A LFU detém 60% dos jogos do Brasileirão, com 228 partidas em seus pacotes.

Há ainda outros pacotes a serem negociados. A ideia da LFU é maximizar receita com direitos de TV por meio da comercialização de partidas dos times do bloco com diferentes plataformas, sejam TVs abertas e plataformas de streaming — por assinatura ou não. Esse modelo comercial é diferente do adotado pela Libbra, que negociou os direitos de TV com uma única empresa, a Globo.

Na LFU, a divisão estabelecida com a arrecadação referente aos direitos de transmissão entre os clubes é a seguinte: 45% de modo igua-

litário, 30% por performance e 25% por audiência.

Depois de surgir como voz unificadora pela criação de uma liga nacional, a Libbra acumulou dissidentes e hoje é formada por Palmeiras, São Paulo, Flamengo, Red Bull Bragantino, Atlético-MG, Grêmio, Bahia e Vitória. O Corinthians fazia parte do grupo, mas decidiu sair e hoje integra a LFU.

Libra e LFU trabalham há anos na criação de uma liga nacional única de futebol que ocorra de forma independente à CBF, hoje entidade organizadora das Séries A, B, C e D do Campeonato Brasileiro.

Clubes

Corinthians, Internacional, Cruzeiro, Vasco, Fluminense e Fortaleza são alguns dos clubes que terão transmissão de jogos do Brasileiro da Série A a partir do próximo ano



Foto: Matheus Lima/Vasco

O Vasco é um dos clubes que terá os seus jogos transmitidos pela TV Record, que comprou os direitos à Liga Forte União

FUTEBOL DE CEGOS

Seleção busca manter a hegemonia

Brasil faz a sua estreia nos Jogos Paralímpicos, neste domingo, contra a Turquia, em busca da sexta medalha de ouro

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Cinco edições de Jogos Olímpicos, cinco ouros, nenhuma derrota. É assim que chega a Seleção Brasileira de Futebol de Cegos aos Jogos Paralímpicos de Paris. O grupo faz sua estreia hoje, às 13h30, contra a Turquia, e quer manter o aproveitamento, além de ir em busca do aumento da coleção de medalhas douradas.

O Brasil integra o Grupo A, junto à Turquia, França e China, seleções que enfrentará na Fase de Grupos (nesta ordem). As semifinais estão programadas para a próxima quinta-feira (5) e o grande campeão será conhecido dois dias depois, no sábado (7).

A Paraíba foi o local de preparação do grupo para esta competição. Durante aproximadamente sete meses (desde janeiro), os integrantes da seleção fixaram-se em João Pessoa e a mantiveram como ambiente de trabalho, já que os treinos eram realizados de segunda a sábado, sempre em dois períodos, no Instituto de Cegos da Paraíba, um dos Centros de Referência do CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro).

No comando da seleção está Fábio Vasconcelos, que vive em prol da modalidade e já foi goleiro do time verde e amarelo entre os anos 2003 e 2012. A posição, agora, é ocupada por dois conterrâneos: Matheus Costa, de Campina Grande, e Luan Lacerda, de João Pessoa (vale lembrar que, na modalidade, os goleiros são os únicos integrantes do elenco que não são deficientes visuais).

Luan, 31 anos, é atleta do Clube dos Oficiais da Polícia Militar (COPM) e já pratica futsal desde os oito anos de idade. Em 2013, o ex-jogador Damião o convidou para jogar futebol de cegos. De lá para cá, vem sendo presença confirmada na Seleção Brasileira, na qual conseguiu subir em pódios importantes, como o ouro nos Jogos Paralímpicos de Tóquio 2020 e Rio 2016, e no Grand Prix México

2022; prata na Copa América 2022; e bronze na Copa do Mundo em Birmingham 2023, entre outros.

Já Matheus, 32 anos, conheceu a modalidade através de um amigo, que era goleiro de futebol de cegos, em 2012. A primeira convocação para representar o Brasil veio alguns anos de-

pois, em março de 2018. A coleção de medalhas conta com o ouro em Tóquio 2020, no Desafio das Américas 2022, nos Jogos Pan-Americanos de Santiago 2023 e de Lima 2019 e na Copa América 2019, além do bronze na Copa do Mundo em Birmingham 2023, no Grand Prix México 2022.

“A seleção está muito bem preparada. A gente sabe que tem adversários à altura, mas vamos esperar fazer uma grande competição e, quem sabe, levar mais um ouro para o nosso país”, disse o técnico Fábio Vasconcelos.

“Tem um grupo aí experiente, que já ganhou duas,

três, quatro medalhas. Eu tenho a felicidade de estar nas cinco. Estou indo para a terceira como treinador, mas é o que falo: não dá para viver do passado. A gente ganhou as cinco, mas não teve uma delas que foi fácil. Essa não vai ser diferente. Todo mundo quer ganhar do Brasil, tirar a hegemonia,

mas a gente teve uma preparação muito boa”, completou o paraibano.

Uma das novidades da edição de Paris, é que os jogadores experimentarão, pela primeira vez, em Paralimpíadas, as novas regras do futebol de cegos, que passou a ser disputado em jogos mais curtos.



Foto: Renan Cacioli/CBDV



Matheus Costa



Luan Lacerda

Foto: Renan Cacioli/CBDV

Jardiel conduz a bola acompanhado de perto por Tiago Paraná durante treino da Seleção Brasileira de Futebol de Cegos, que tem dois paraibanos no elenco, os goleiros Matheus Costa e Luan Lacerda

JOGOS DA JUVENTUDE

Comitê organizador apresenta plano para evento na capital

Integrantes do comitê organizador local dos Jogos da Juventude 2024 estiveram, na última quinta-feira, apresentando o plano de trabalho do evento, que será realizado em João Pessoa, entre 13 e 27 de novembro. O encontro ocorreu na Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel), e contou com representantes do Governo da Paraíba, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Guarda Civil Metropolitana e Semob-JP.

O objetivo foi mostrar, aos presentes, o quantitativo de atletas participantes no evento, que é mais de quatro mil e ainda informa-

ções sobre a rede hoteleira e o serviço de transporte e segurança necessários para os Jogos, que são organizados pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB) e que neste ano, conta com total apoio do Governo do Estado por meio da Sejel.

“Nós que estamos compondo o comitê local informamos alguns detalhes aos órgãos de segurança que são necessários, bem como aos demais envolvidos, o quanto será importante para a cidade esses Jogos. Só de atletas serão mais de quatro mil e, se for contabilizado os pais, treinadores e todo o staff do COB e os que trabalham no geral,

esse número chega a seis mil pessoas envolvidas diretamente e indiretamente, fazendo com que João Pessoa tenha notoriedade no esporte como também no turismo, disse Daniel Fontes, diretor-executivo do comitê local.

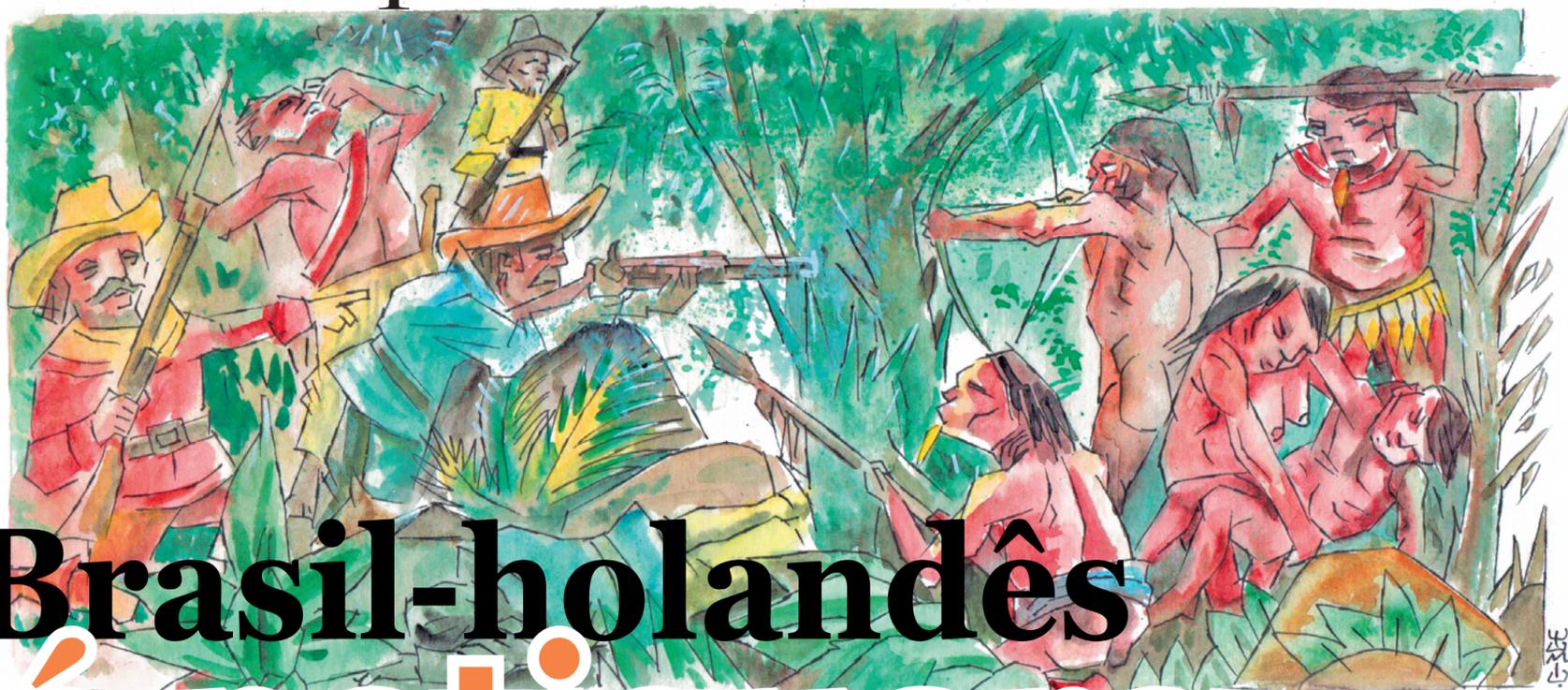
“É um mega evento que vai envolver garotos e garotas na faixa etária de 15 a 17 anos deixando João Pessoa em evidência no segmento esportivo. O Governo do Estado vem arregaçando, literalmente, as mangas com o objetivo dos Jogos de 2024 serem os melhores da história”, frisou Harlen Vilarim, secretário-executivo de Esporte e Lazer.



Foto: Divulgação/Sejel

Diversos assuntos foram discutidos para o sucesso dos Jogos da Juventude em João Pessoa

Ilustração: Tônio



Brasil-holandês é potiguara

Ao longo das primeiras décadas do século 17, puseram potiguara e portugueses em permanente pé de guerra

Da aliança política em Baía da Traição ao refúgio religioso no Sertão do Ceará

Ademilson José
 Especial para A União

“O Brasil-holandês (...) foi produto da aliança entre brasilianos e holandeses”. A conclusão é do escritor holandês Lodewijk Hulsman (1923-2009), que, durante vários anos, participou de estudos sobre documentos escritos e vestígios materiais das principais fortificações, engenhos, igrejas e conventos do Nordeste brasileiro durante o período.

Incluída num artigo publicado em 2006, pela *Revista de História* (São Paulo, nº 154), a afirmação de Hulsman, que à época também era professor da Universiteit van Amsterdam (UvA), toma como base várias fontes, entre elas, frei Manuel Calado, mais precisamente, relatos das páginas 66 e 67 do *Valeroso Lucideno* — livro que se constitui em um dos mais consultados quando o assunto é Brasil-holandês.

Nas duas páginas, Calado faz referências, entre outras coisas, a episódios que, ao longo das primeiras décadas do século 17, puseram potiguara e portugueses em permanente pé de guerra, principalmente quando, pelo fato de terem recebido amigavelmente os holandeses por 41 dias, em 1º de agosto de 1625, os potiguara de Baía da Traição foram praticamente dizimados pelos portugueses.

O episódio sacramentou definitivamente a aversão que, por maus-tratos e escravização, os potiguara sempre nutriram pelos lusitanos. Para quem conhece as cartas trocadas entre os primos potiguara Felipe Camarão (do lado português) e Pedro Poti (do lado holandês), o episódio também se constituiu no principal motivo alegado por Poti para que seu povo jamais se aliasse

aos interesses políticos e religiosos de Lisboa.

Os registros desse posicionamento de Poti estão em vários autores, mas destacamos o que está no texto *Os Potiguara na Guerra dos Brancos* (1630-1654), da professora e escritora Regina Célia Gonçalves: “Em todo o país se encontram os nossos escravizados pelos perversos portugueses. (...) Os ultrajes que nos tem feito muito mais do que aos negros, e a carnificina dos da nossa raça, executada por eles na Baía da Traição...”.

Tidos como laboratório preparativo para a invasão de Recife/Olinda cinco anos depois (1630), os 41 dias em Baía da Traição sacramentaram a aliança potiguara-holandeses e conduzem a reflexão de que, ao contrário do que titula a professora Regina Célia, os potiguara jamais foram uns “indígenas no meio da guerra dos brancos”. Pelo contrário, eles tiveram/mantiveram uma guerra particular com os portugueses e o agravamento disso, como adverte Poti, foi mesmo a chacina de Baía da Traição.

Daquele episódio em diante, a relação é de agressões e represálias de ambas as partes. Se dizemos a partir daquele episódio, é porque os conflitos já eram bem antigos. Foram irritados com a Tragédia de Tracunhaém (1574) que os portugueses intensificaram as expedições com o propósito de ocupar a Paraíba. Só obtiveram algum êxito 10 ou 11 anos depois, em 1584 ou 1585, quando a realidade já era de União Ibérica e graças ao “reforço traícoeiro” dos tabajaras.

Mas os potiguara não pararam de resistir e mantiveram guerrilhas em torno da cidade em fundação. Apontamentos do historiador Guilherme D’Ávila Lins mostram que, 14 anos depois, em 1599, em represália às guerrilhas, os portugueses promoveram a maior matança de potiguara do período colonial, ação comandada pelo então governador da Paraíba, Feliciano Coelho.

Além do litoral, Feliciano fez questão de levar sua matança à Serra da Copaoba (hoje, município de Serra da Raiz), território do cacique Iniguaçu que comandara a Tragédia de Tracunhaém e que ajudava os franceses na exploração de pau-brasil. Feliciano comandava tropas formadas por portugueses e espanhóis e seus massacres foram facilitados pelo fato de, justamente naquele período, os franceses terem deixado a Paraíba para explorar pau-brasil no Maranhão.

Não chega a se equiparar ao do período holandês, mas o ódio português à união dos potiguara com os franceses era tão grande que, depois de quase dizimá-los, Feliciano Coelho determinou até que suas tropas arrancassem e/ou tocassem fogo em tudo o quanto era flamboaiã, planta que os franceses traziam e espalhavam pela Serra da Copaoba enquanto exploravam pau-brasil.

A intenção e a alegação de Feliciano Coelho era fazer com que os potiguara esquecessem tudo o que tinha a ver com franceses. Por ironia do destino, no entanto, talvez fruto de replantio, é justamente um pé de flamboaiã que hoje em dia dá sombra à estátua do cacique potiguara Iniguaçu (herói de Tracunhaém), na principal praça de Serra da Raiz.

Trair Portugal era trair o Brasil

Diante dos massacres de Feliciano Coelho, os potiguara diminuíram a resistência, mas, em vez de rendição, apenas deram uma trégua. Meio longa, mas uma trégua. E só vieram a se vingar dos massacres sofridos a partir de 1625, se aliando e ajudando os holandeses a ocuparem Pernambuco (1630) e a Paraíba (1634), tarefa que executaram ao lado de outro brasileiro que também foi fundamental para o Brasil-holandês: Domingos Fernandes Calabar.

Aliás, bem analisados, Calabar e os potiguara têm posições, influências e importância muito parecidas no nascimento do Brasil-holandês. Rebordosas e consequências também. Tanto que, assim que conseguiram pegá-lo, os portugueses fizeram questão de transformar o martírio de Calabar em punição exemplar, garroteado que foi em praça pública de sua terra natal, Porto Calvo, em 22 de julho de 1635.

Em relação aos potiguara, foi justamente isso que também se deu depois da rendição de Sirinhaém, perto de Recife. Enquanto os holandeses e brasileiros que se renderam foram punidos somente com prisão, os 23 indígenas envolvidos terminaram degolados pelos portugueses, prova do ódio e do tratamento diferenciado que os portugueses costumavam dispensar aos potiguara.

É importante lembrar que, além da aversão que já nutriam pelos portugueses por conta de maus-tratos e escravização, depois de evangelizados e transformados em calvinistas no período holandês, os potiguara liderados

por Poti e Paraupabas só ganharam mais motivação (a religiosa) para agravar a guerra deles contra os católicos portugueses.

E isso, vale frisar, não pelo fato de quererem mostrar serviço aos chefes holandeses, mas pelo histórico estado de guerra que viviam com os portugueses e pelo fato de terem se tornado calvinistas. Tanto que mantiveram essa fé mesmo depois que os holandeses deixaram o Brasil em 1654. De certa forma, não dá para saber o que era mais forte.

Para a historiadora Jaqueline Viração, as duas motivações se complementavam e reforçavam o clima de animosidade luso-potiguara. E tanto isso era verdade que, quando se deu a rendição da Tabora e os holandeses deixaram o Brasil, os portugueses prometeram perdão para todos os indígenas calvinistas, mas os potiguara da Paraíba simplesmente não acreditaram.

Ao invés disso, preferiram abandonar o litoral, caminhar quase 800 quilômetros e, conforme relatos da mesma professo-

ra Jaqueline, se refugiar na Serra da Ibiapaba, no Sertão do Ceará, onde, por alguns anos, manteve-ram a primeira igreja reformada indígena do Brasil. Por lá, eles evangelizaram tapuias e tabajaras e a igreja chegou a reunir mais de quatro mil fiéis.

Toda essa sequência prolongada de conflitos, é bom repetir, mostra claramente que outras nações indígenas podem até ter sido, mas os potiguara jamais foram apenas indígenas no meio das guerras dos brancos. Pelo contrário, apesar de se aliarem aos franceses e, depois, aos holandeses, eles tiveram e mantiveram uma guerra direta, prolongada e histórica com os portugueses.

Naturalmente, isso não envolvia todos e nem mesmo a maioria — a maioria seguia Felipe Camarão, que era do lado português —, mas era uma quantidade significativa. Tanto que, para Jaqueline Viração, Frans Leonardo, o próprio Lodewijk Hulsman e vários outros pesquisadores, se não fosse a aliança com eles, o Brasil-holandês talvez não tivesse acontecido.

Uma guerra de mais de 100 anos



Da aliança em Baía da Traição em 1625 (momento pré-holandês), ao refúgio na Serra da Ibiapaba no Ceará em 1657 (pós-holandês), os potiguara da Paraíba protagonizaram uma guerra com os portugueses que, bem analisada, durou mais de 100 anos.

É, porque, vai de 1534 (início da criação das capitanias), até o ano de 1654 (fim do domínio holandês), prolongando-se por, pelo menos, mais três anos, momento das últimas notícias sobre eles na Serra da Ibiapaba. Temos aí, portanto, seguramente um total de mais de 120 anos. Se o Brasil-holandês durou 24 anos (1630-1654), em si representa muito pouco ou quase nada diante do período de resistência potiguara.

Se a História do Brasil e toda a nossa historiografia fossem escritas do ponto de vista dos povos originários, elas certamente teriam muito mais o que contar, especificamente dessa guerra, do que tem contado de invasão

francesa e Brasil-holandês. Mas, como grandes protagonistas desse longo período de conflitos, eles levaram outro azar para acabar de fora da história. Já que precisaram deixar o litoral para ir viver na Serra da Ibiapaba, acabaram inevitavelmente triturrados pela interiorização da colonização católica que foi ainda mais brutal do que no litoral. Para culpar os indígenas de novo, nossa historiografia ainda achou de chamar essa interiorização de “Guerra dos Bárbaros”.

Digamos então que, além de fora da história, os potiguara calvinistas da Paraíba acabaram incluídos ou tendo o mesmo destino que tiveram os brasileiros citados pelo escritor Frans Leonardo, no fim do seu livro, *Religião e Estado no Brasil-holandês*.

Diz ele: “Os flamengos-brasileiros da Igreja Cristã Reformada morreriam longe de sua terra natal; (...) não havia lugar para eles em um Brasil de dimensões continentais”.

Represália

Em 1599, os portugueses promoveram a maior matança de potiguara do período colonial, ação comandada pelo então governador da Paraíba, Feliciano Coelho

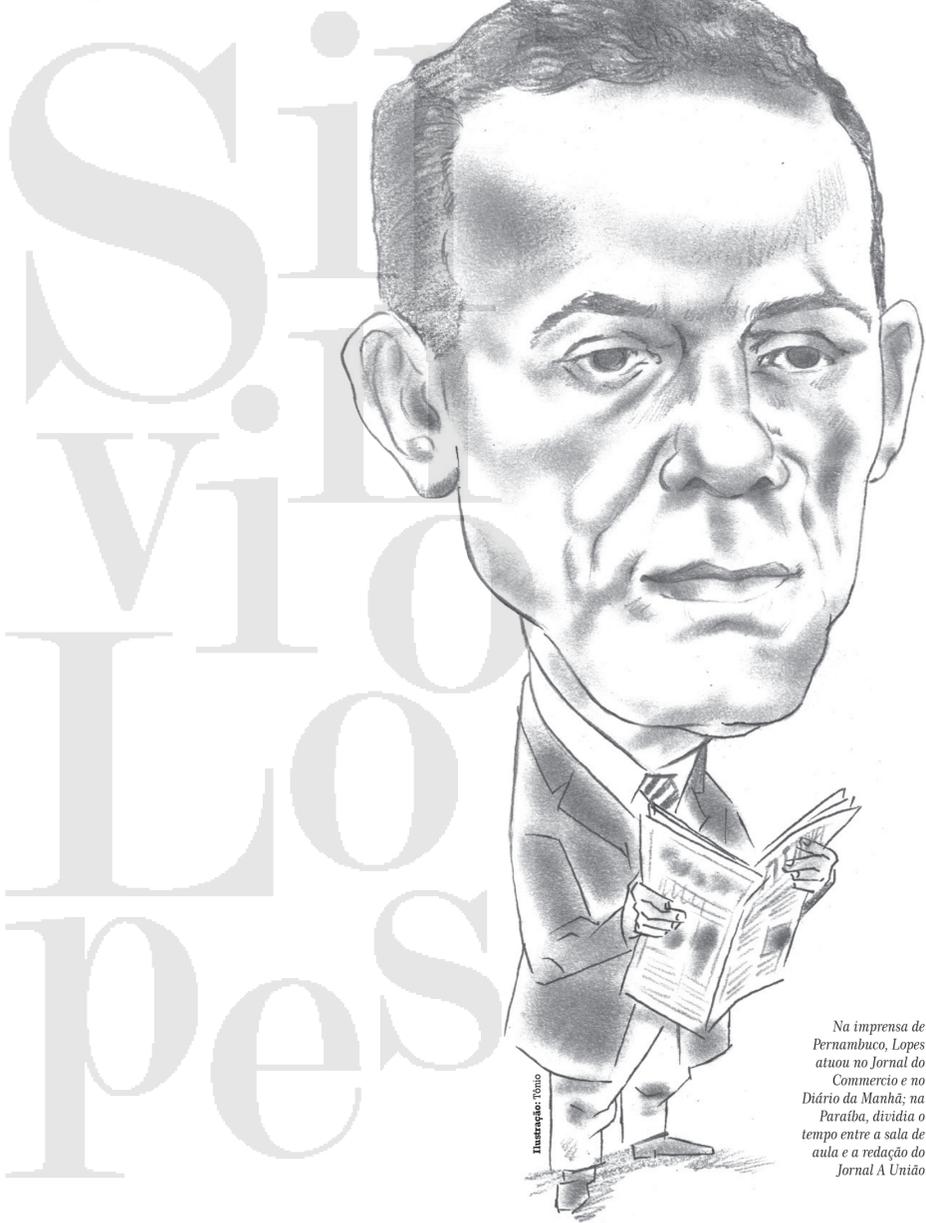


Ilustração: Flávio

Na imprensa de Pernambuco, Lopes atuou no Jornal do Commercio e no Diário da Manhã; na Paraíba, dividia o tempo entre a sala de aula e a redação do Jornal A União

Silvino Lopes

Trajetória do “homem bom” do jornalismo

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Certa mesmo é a data de nascimento: 12 de setembro de 1892. Quanto ao local, as referências oscilam entre Paraíba e Pernambuco, tanto quanto transitam entre os dois estados a atividade profissional de Silvino Lopes. Mais produtivo do que levar adiante essa querela, será conhecer a riqueza da vida e da produção desse jornalista, que, com ironia e humor, desenvolveu a habilidade para brincar com as palavras nas páginas dos jornais desses estados irmãos.

“Uma geração inteira, da qual faço parte, ainda não era nascida, e já Silvino Lopes fazia jornalismo do bom e do verdadeiro”, escreveu o jornalista Lopes de Andrade, na edição do dia 18 de março de 1951, de **A União**, dois dias depois da morte do amigo e colega de profissão. Retomando a crônica “Devagar e sempre”, publicada pelo irreverente e satírico escritor, Andrade prossegue seu relato: “Devagar e sempre, Silvino Lopes fora crescendo na admiração de todos nós. Devagar e sempre, seu humor, algo hamletiano, fora nos penetrando o espírito. (...) Devagar e sempre, as suas crônicas iam saindo, todo santo dia, na imprensa do Recife”.

Foi na capital pernambucana que o “homem bom” — como também o identificou Lopes de Andrade em referência a uma das comédias do autor publicada em 1935 — escreveu boa parte de sua trajetória. Sem poder cursar a série secundária, desde cedo Silvino começou a trabalhar no comércio e, aos poucos, galgou espaço como teatrólogo e cronista. Na imprensa de Pernambuco, ele atuou no Jornal do Commercio e depois no Diário da Manhã, onde foi secretário de redação até 1938, quando o veículo parou de circular.

Na Paraíba, dividia o tempo entre a sala de aula e a redação de **A União**, na qual foi redator de 1941 a 1945, ganhando a admiração tanto do povo paraibano quanto de seus companheiros pela independência de espírito que norteava a sua atuação. Leitores como Carlos Romero,

jornalista e professor falecido em 2019, que, ainda na juventude, aguardava com ansiedade para saborear o humor, a inteligência e a leveza das crônicas de Silvino Lopes, com quem sonhava, um dia, trabalhar.

O sonho se tornou realidade. Numa de suas crônicas, o jornalista relata como surgiu o convite para deixar o trabalho como revisor, que exercia na madrugada, e integrar a redação. “Era o que eu mais desejava. Só em ficar perto do famoso cronista Silvino Lopes...”, escreveu Carlos Romero, que ocupava um birô em frente ao do reconhecido jornalista.

“Onde o cronista Silvino Lopes estava, estavam às gargalhadas. É que ele, embora sisudo, não perdia oportunidade para uma observação irônica, uma comparação jocosa. Certa vez, notei que o grupo que o cercava explodiu em risadas. E todos olhavam para mim. Claro que o fato me encaubou. Só depois é que soube que Silvino Lopes havia me comparado a uma das virgens do grande pintor espanhol Murillo. Ainda bem que o apelido não pegou”, lembrou o também cronista, que atribuiu a Silvino muito do que aprendeu. Outra memória que o pupilo tinha do mestre era do cafezinho que tomavam juntos no Ponto de Cem Réis, localizado no Centro de João Pessoa, um lugar de onde Silvino tirava muitos temas para a sua crônica diária.

Ironia fina e profunda

Ainda em **A União**, ele escreveu, com o jornalista Adamar Soares, uma série de reportagens sobre os projetos de construção da hidrelétrica de Paulo Afonso, na Bahia, e a baía do Rio São Francisco. “Olhamos para o mais brasileiro dos nossos rios, correndo em uma altitude de 300 metros sobre o nível do mar. (...) Nossas impressões devem ter um cunho essencialmente literário. Esse deve ser o ponto fraco da nossa reportagem”, alertava Silvino, no início da

reportagem intitulada “Nas regiões sanfranciscanas”, cuja primeira parte foi publicada em 23 de janeiro de 1945.

“Do caudaloso, bom e imponente rio há muito que falar e escrever. Mas não adianta atormentar os leitores com o que eles não viram, porém precisam ver”, continuava o enviado especial. “Por hoje, apenas iniciamos a série das nossas reportagens. Contaremos depois o que vimos de mais trágico e mais pitoresco; como vivem os homens das regiões sanfranciscanas, envolvendo os territórios de Bahia, Sergipe e Alagoas. Contaremos a luta do homem contra a natureza hostil e todo o destemido de uma gente que vive um drama prestes a terminar”, arrematava Silvino, referindo-se à promessa de que as obras da barragem acabariam com dois problemas crônicos do Nordeste: a seca e falta de energia elétrica. Silvino colabora, ainda, com as primeiras edições do suplemento literário do Jornal **A União**, o Correio das Artes.

De volta a Pernambuco, trabalhou no Jornal Pequeno e depois na Folha da Manhã, em que, além da crônica diária, exercia o cargo de secretário de redação. Um dos traços, senão o traço mais característico de sua personalidade, era o sarcasmo. “Ironia fina, profunda, ora pitoresca e agradável, ora acre e até irreverente, com que ele se referia aos mais variados episódios cotidianos de sua vida e da vida da cidade com seus tipos, com suas cenas, com seus fatos sempre constituindo motivos excelentes para seus escritos diários”, escreveu Luiz Rocha, na edição de 17 de março de 1951 do Jornal Pequeno.

Ainda em Recife, esteve como diretor na primeira edição de Presença, misto de revista e jornal de sociologia, literatura e arte, e como redator principal de O Democrático, órgão oficial do Clube de Alegria e Críticas Democráticas de Campo Grande. Colaborou também com as publicações Ca-



Foto: Arquivo de Juma Faria/Arquivo Pessoal

Lopes é autor de coletâneas de crônicas como “Política é isso mesmo” e “Maconha”

piaribe, periódico ilustrado de literatura, arte, ciência e mundanismo, com O Araque — Revista policial-social e com Letras Pernambucanas e Debate, na qual publicou capítulos e trechos de romances.

Grande Polegar

Em março de 1947, Silvino Lopes colocou em circulação o semanário humorístico O Tampa, usando o pseudônimo de Grande Polegar. No expediente da segunda edição, já dizia a que veio: “Os artigos não assinados são de responsabilidade exclusiva das pessoas que os lerem. Os assinados adotam o regime nacional de irresponsabilidade”. As crônicas, notas, poesias, anedotas, piadas, epigramas, charges, caricaturas e fotomontagens cômicas tinham como tema principal a política e os políticos. No número publicado em 31 de dezembro daquele mesmo ano, sob o pseudônimo de Frei Gil de Belém, Silvino Lopes escrevia o poema intitulado “Te dana”, 1947.

Algumas de suas crônicas foram reunidas em coletâneas como “Política é isso mesmo, Memórias de um Sargento de Malícias” e “Maconha”. Esse último, lançado em 1947, tão polêmico quanto recomendado pela imprensa pernambucana, como revela o seguinte trecho de uma crítica no Diário de Pernambuco: “Quando preciso, Silvino Lopes sabe ser amargo, contundente. O sarcasmo lhe brota da pena, acidulado e amargo, para queimar vaidades e soberbas. (...) Contempla o espetáculo do dia a dia, para dele extrair o que há de humorístico e também o que há de doloroso para poder acusar com veemência os responsáveis pelo sofrimento e pela miséria. (...) Lastima a sua prisão de proletário da pena, mas o jornalismo e o Recife são a maconha que o traz para sempre enfeitado”.

Na dramaturgia, ele publicou “Ladra”, “Esfinge”, “O Homem Bom”, “O Patriarca e Patrocínio”. De uma conferência proferida no Gabinete Português de Leitura de Pernambuco surgiu “Varões que Plutarco esqueceu”. Na poesia, publicou “Poemas de outono”. Foi membro da Membro da Academia Pernambucana de Letras, da Associação da Imprensa de Pernambuco e também da Associação de Imprensa da Paraíba.

Apesar de todo talento e sucesso, Silvino Lopes não colheu os louros de sua profissão. Era, de fato, proletário. Após sua morte, em 16 de março de 1951, a esposa e os 10 filhos ficaram desassistidos financeiramente, sem casa própria, pensão ou outra fonte de renda. Os jornalistas amigos se mobilizaram para conseguir que o Poder Público concedesse uma pensão à família. “Toda a sua vida, dedicada à inteligência e ao jornalismo, ele a viveu para o público e todos nós temos perante ele um débito insoldável”, argumentava Dias da Silva em sua coluna no Jornal Pequeno. Uma outra campanha, com o apoio da iniciativa privada, garantiu a aquisição de uma casa própria para a viúva e os filhos de Silvino Lopes.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Queridos, encolheram a Folha de S.Paulo!

A Folha de S.Paulo encolheu. O jornal impresso passou do formato *standard* (o jornal grande que conhecemos é que é o formato mais adotado aqui no Brasil) para o *berliner*, comum na Europa e que é um pouco maior do que o tabloide. A mudança, anunciada aos leitores e anunciantes com antecedência, passou a valer a partir deste domingo, 1º de setembro.

Em outubro de 2021, o jornal Estado de S.Paulo também seguiu o caminho agora escolhido pela Folha. Em geral, quando um jornal adota esse modelo, tem dois motivos: economia ou inovação. E ambos são válidos, claro.

Logo que eu fiquei sabendo do encolhimento da Folha, lembrei-me que os jornais paraibanos O Norte, de João Pessoa, e Diário da Borborema, de Campina Grande (ambos pertencentes aos Diários Associados) também saíram do formato *standard* para o *berliner*. Mas, tempos depois dessa decisão, os dois veículos foram fechados.

Comentei com amigos jornalistas sobre isso, e um deles comentou: “Isso é uma premonição?”. Respondi-lhe que não. Na verdade, a despeito de não andar com “adivinhão” no bolso, costumei ficar atenta aos sinais. E a mudança da Folha leva-me a pensar que, mais do que por vontade de inovar, a estratégia de reduzir o tamanho do jornal tem a ver com redução de custos.

Particularmente, eu gosto do formato menor, seja *berliner*, seja tabloide. Mas



Foto: Reprodução/Folha de S.Paulo

A partir de hoje, a “Folha” passou do formato “standard” para o “berliner”, comum na Europa e que é um pouco maior do que o tabloide

não sei o que a maioria dos leitores pensa. Além disso, caso a Folha não invista em mercado leitor para o futuro (leia-se “crianças e adolescentes”), talvez o jornal de papel não dure tanto.

Sobre fomentar nas crianças o gosto pelo jornal impresso, recordo-me que, há uns dois anos, fui dar uma palestra em uma escola particular, para falar sobre jornalismo, e levei exemplares da Folha de

S.Paulo e do Jornal **A União**. Para minha frustração, a meninada praticamente não se interessou em folhear os jornais.

Voltando à Folha, o jornalista Renato Félix me lembrou que a seção de quadrinhos do jornal, que geralmente era a que fazia as crianças se familiarizarem com o formato do impresso, atualmente nem sequer é mais para esse público. “Reduziram (a seção) e, no espaço que sobrou,

investiram mais em tiras adultas ao longo do tempo”, comentou.

De excelente memória e especialista na área de cultura, Renato Félix ainda citou um fato mais antigo relacionado à redução do espaço de quadrinhos para crianças na Folha. Em 1977, em uma série de tiras do Raposo, Maurício de Sousa encontrou um jeito de criticar o veículo, pela decisão de deixar menor o espaço voltado à meninada. Renato conta: “A Ilustrada diminuiu o espaço de tiras e tirou a Turma da Mônica de lá. O Maurício, que tinha também as tiras do Bidu e do Raposo na página, ‘abrigou’ a Mônica na tira do Raposo. Ela reclama abertamente de ter sido preterida e questiona se ‘crianças não são bem-vindas’ na Ilustrada”.

Curiosamente, em uma matéria publicada pela Folha nesta semana sobre a aceitação do padrão *berliner* pelos leitores, só foram ouvidos leitores com idade superior a 40 anos (tal público foi consultado previamente por meio de uma entrevista qualitativa). Na notícia que abordou o tema, o entrevistado mais jovem tinha 48 anos.

Um comerciante de 50 anos ouvido pela reportagem disse que começou a ler o jornal ainda criança, com a Folhinha... suplemento, aliás, que circula atualmente apenas em uma versão mensal aos sábados. Formar mercado leitor é essencial para veículos que querem estar vivos no futuro. Penso em jornal que não faz isso e me indago: será que estão apostando no aumento da expectativa de vida dos brasileiros?

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os instrumentistas da MPB — Introdução

Chamada música clássica ou, mais adequadamente, a música de câmara, quase sempre nos chegou por meio de uma manifestação multi-instrumental. É assim que conhecemos as obras de Beethoven, Schuman, Schubert, Chopin, Bach, Vivaldi, Hendel, os Strauss e dezenas de outros compositores. Os sons que nos cativam e embevecem advêm de múltiplos instrumentos; no entanto, há que se dizer, igualmente, que a algumas sinfonias e cantatas juntam-se as óperas, operetas e os cantos religiosos a que se adequaram textos hoje quase desconhecidos, com exceção de alguns, como o “Aleluia”, de Handel, ou os elaborados pelos compositores do gênero, como Giuseppe Verdi, Giuseppe Rossini, Richard Wagner, entre os mais conhecidos.

Essas primeiras considerações vêm a propósito desta sequência que estamos iniciando, exatamente para abordar o que de melhor foi produzido na MPB, em termos de nossa “música tocada”, cujos intérpretes/compositores são, hoje, quase que esquecidos mesmo pelos aficionados do nosso cancionário popular.

De resto, convém lembrar que sempre enobrecemos os intérpretes da chamada “música cantada”, sem que, algumas vezes, nem sequer aludamos aos seus compositores — letristas e/ou melodistas.

Justifica-se, portanto, essa ingerência no meio dos compositores/executores mais lembrados e celebrados dentre os nossos chamados intérpretes instrumentistas.

Como os que deram início a esse “tipo de música”, no Brasil, já se foram há mais de 100 anos, optamos por dar preferência àqueles que povoaram a nossa juventude e, talvez ainda hoje, sejam lembrados. No primeiro caso, incluem-se Francisca Hedwiges de Lima Neves Gonzaga (Rio de Janeiro-RJ, 1847–1935), mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, compositora, instrumentista e maestrina brasileira, pioneira no gênero, uma vez que foi a primeira pianista ou “pianeira”, como ela se considerava; Patápio Silva (Itaocara-RJ, 1880 — Florianópolis-SC, 1907), músico, compositores e flautista virtuose brasileiro do

choro e do erudito, considerado um dos maiores flautistas da história; Alfredo da Rocha Vianna Filho, conhecido como Pixinguinha (Rio de Janeiro-RJ, 1897–1973), compositor, arranjador, maestro, professor, flautista e saxofonista brasileiro; Benedito Lacerda (Macaé-RJ, 1903 — Rio de Janeiro-RJ, 1958), compositor, flautista e maestro brasileiro — todos esses que poderiam figurar como *hors-concours* em qualquer lista.

De início, como já frisamos, preferimos optar por instrumentistas “mais recentes” uma vez que, destes, alguns dos leitores poderão mais facilmente se lembrar.



Foto: Reprodução/Arquivo Nunes



Foto: Reprodução/Arquivo Nunes



Foto: Reprodução/Arquivo Nunes



Foto: Reprodução/Arquivo Nunes

Da esq. para dir.: Patápio Silva (1880–1907), Benedito Lacerda (1903–1958), Pixinguinha (1897–1973) e Chiquinha Gonzaga (1847–1935)

REDES SOCIAIS

Ficar “preso” nos vídeos on-line pode piorar tédio

Pesquisa aponta que a troca digital deixa os usuários menos satisfeitos

Sabrina Brito
Agência Estado

Sabe-se que muitas pessoas usam a internet como forma de acabar com o tédio. No entanto, ironicamente, a troca frequente de conteúdos on-line, muitas vezes de forma automática, pode piorar a situação. É o que mostra um novo estudo, publicado no periódico científico *Journal of Experimental Psychology*.

De acordo com a pesquisa, centenas de voluntários on-line afirmaram se sentir mais entediados após pular de um vídeo no YouTube para outro ao longo de um período de 10 minutos. Segundo os autores do estudo, Katy Tam e Michael Inzlicht, as pessoas podem estar intensificando seu tédio sem querer.

Os pesquisadores recrutaram indivíduos para trocar frequentemente de vídeo na plataforma digital e reportar o quão entediados se sentiam antes e depois do experimento. Segundo Tam e Inzlicht, as pessoas trocam de mídia nos dispositivos móveis, em média, 101 vezes por dia, seja no YouTube, no TikTok ou na Netflix, por exemplo.

Uma hipótese tecida pelos especialistas no estudo é a de que não é o conteúdo dos vídeos em si que intensifica o tédio, mas, sim, a troca incessante entre cliques — independentemente de quão interessante (ou não) o vídeo em questão possa ser.

A descoberta do estudo foi assertiva: “Trocar entre vídeos e dentro do próprio

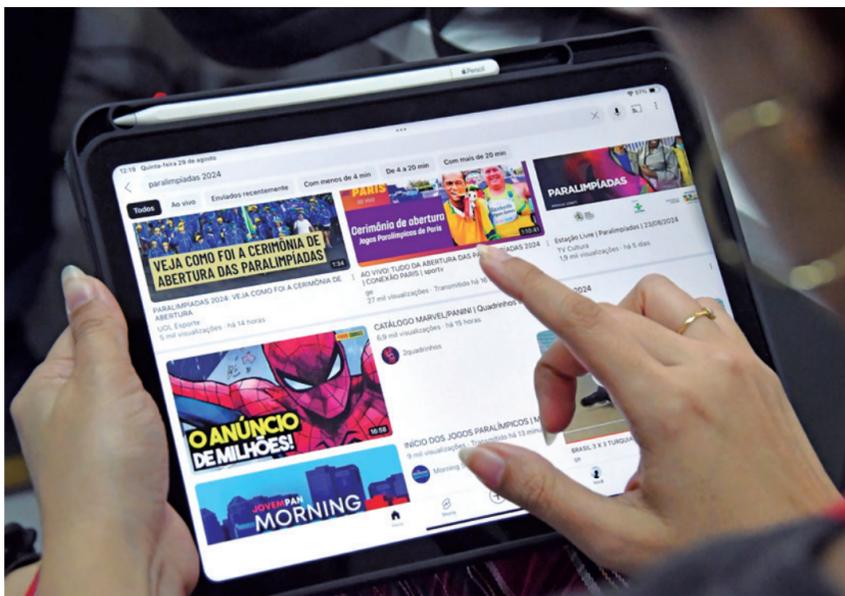


Foto: Leonardo Ariei

Nas mudanças, internautas se tornaram incapazes de mergulhar totalmente no conteúdo atual

vídeo [...] levou não a uma queda no tédio, mas a mais tédio; isso também reduziu a satisfação, reduziu a atenção e diminuiu o significado”, declara.

Para explorar suas hipóteses, sete pesquisas foram conduzidas simultaneamente. Em cada caso, entre 140 e 231 participantes, foram recrutados para se entreter ou com um vídeo de 10 minutos (sem poder trocar) ou com vídeos de cinco minutos (podendo trocar). O objetivo era que eles relaxassem.

A ideia era verificar como o tédio variava de acordo com a possibilidade ou não de trocar de vídeos.

Em geral, a pesquisa revelou que os participantes que trocavam de mídia afirmaram se sentir mais entediados e menos satisfeitos — mesmo com a liberdade de escolher qualquer vídeo do YouTube.

Como conclusão, os autores afirmam que essa troca levou ao desengajamento, potencializando o tédio. “Quando os participantes praticaram a troca digital, eles se tornaram incapazes de mergulhar totalmente no conteúdo atual e torná-lo significativo”, dizem.

Os especialistas escrevem ainda que o estudo levanta mais questões do que responde, assinalando que pesquisas futuras podem continuar a investigação do tema.

Contudo, eles asseveraram que, certamente, “as pessoas estão ficando cada vez mais entediadas”.



Imagem: Pixabay

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: leito (2) = cama + rei da floresta (2) = leão. **Solução:** lagarto (4) = camaleão. **Charada de hoje:** Andei pelo caminho (2) que conduz (2) à estrada sobre a qual passam os carros (4).



Foto: Div./Handpan Brasil Festival

Eita!!!!

Handpan

Um instrumento que se transformou em um movimento musical, o handpan é único, muitas vezes descrito como uma fusão de tambores e instrumentos de percussão melódica. Desenvolvido na Suíça, no início dos anos 2000, e lançado na feira Musikmesse, em Berne, ele foi inspirado em instrumentos tradicionais como o steelpan de Trinidad e Tobago e o ghatam indiano. O handpan é fabricado em metal, como aço carbono ou aço inox e moldado em forma de cúpula, com depressões cuidadosamente afinadas que produzem diferentes tons quando tocadas com os dedos.

Versátil

Apesar de sua origem relativamente recente, o handpan encontrou seu lugar em uma ampla variedade de gêneros musicais, incluindo *world music*, *jazz*, *ambient*, e até mesmo música eletrônica. Sua capacidade de criar atmosferas etéreas e ritmos cativantes marcou o seu lugar de destaque entre músicos de todos os estilos.

Conexão íntima: músico e instrumento

Tocar handpan é uma experiência tátil. Os músicos usam as pontas dos dedos para percutir as depressões do instrumento, produzindo uma variedade de sons melódicos e percussivos. A técnica de toque é delicada e requer prática, mas recompensa os músicos com uma conexão íntima com o instrumento e um som rico e expressivo.

Comunidade global

Festivais, encontros e *workshops* ocorrem em todo o mundo, oferecendo aos músicos a oportunidade de se conectar, aprender e compartilhar experiências. Além disso, pelas redes sociais, os entusiastas do handpan podem se conectar e colaborar, independentemente de sua localização geográfica.

Potencial criativo

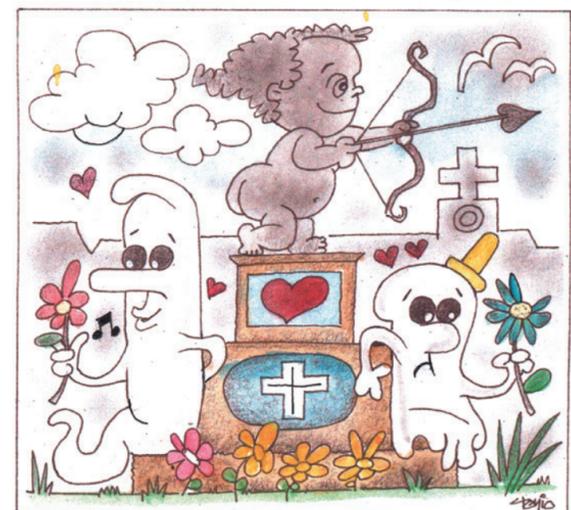
O handpan oferece diversas possibilidades criativas para músicos de todos os níveis de habilidade. Desde improvisações introspectivas até performances energéticas em grupo, o instrumento pode inspirar uma gama de expressões musicais. Ao explorar escalas, ritmos e técnicas de toque, os músicos podem desbloquear novas dimensões de sua criatividade.

Customização e personalização

Cada handpan é uma obra de arte única, tanto em termos de sonoridade quanto de estética. Os fabricantes são verdadeiros artesãos que se dedicam a criar instrumentos de qualidade excepcional, muitas vezes personalizados de acordo com as preferências do músico. Desde a seleção do tipo de aço até o acabamento final, cada etapa do processo de fabricação é realizada com atenção aos detalhes.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - ruvem; 2 - flor; 3 - mão; 4 - asa; 5 - olho; 6 - chapéu; 7 - cruz; 8 - borrega do fantasma; 9 - boca.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Desvivelândia

Jorge Resende / Tônio

